Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 639
Dezembro 1984
Quinta-feira

20 30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Madrid admite "proteger" pescadores

Navios de guerra espanhóis em mares portugueses?

A denúncia unilateral por Portugal dos acordos de pesca com a Espanha, concretizada já há alguns meses, provocou nos últimos dias uma nova troca de notas verbais entre os dois governos que volta a agudizar a questão e ameaçar, inclusive, toldar as relações tradicionalmente amistosas entre os dois países.

Isto tudo porque está iminente o acordo de Portugal com a CEE sobre o «dossier» das pescas e os espanhóis receiam, com alguma razão, virem a ser postos perante o facto consumado de um acordo que não defenda os seus interesses históricos sobre as águas portuguesas e, inclusive, possa vir a prejudicar as suas próprias negociações com a Comunidade.

A tensão subiu com a divulgação por uma agência espanhola de um relatório do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Madrid em que se chega a admitir, como hipótese de trabalho o envio de barcos de guerra espanhóis para proteger os seus pesqueiros que forçariam, em águas portuguesas o exercício dos direitos de pesca que o governo espanhol diz assistirem-lhe em função dos acordos que continuariam válidos.

A última nota do Governo português insiste na denúncia dos acordos de pesca de 1969 e 1978 que, segundo a interpretação das autoridades portuguesas, não estariam mais em vigor. A Espanha retorquiu, também, com uma nota verbal em que pretende «deixar bem claro a Lisboa que não aceita essa interpretação de Portugal e que vai dar novos passos em defesa dos seus direitos».

Continua na pág. 20

Pedir também é protestar

Trabalho feito, horário cumprido, coisas que os contratos impõem, a compensação estipulada não chegou. São milhares, muitos milhares, que arrastam as dificuldades dos salários em atraso, frequentemente ao longo de meses. Mas agora, só uma nova dor, em tempo de Natal, mesmo neste empobrecido pela crise generalizada. A solidariedade levou, por isso, grupos de 50 delegados sindicais a desfilarem, ao longo do dia de hoje, na praça do Rossio, à volta da estátua de D. Pedro IV. Protestando em silêncio, ensanduichados em palavras, vão também pedindo para amenizar as agruras, tanto quanto possível, dos que são atingidos por (mais) esta dificuldade. Às dez horas da manhã de hoje, a população já tinha contribuído com dez mil escudos.

Solidariedade activa com os "sem salário" encabeçada por dirigentes sindicais

Pág. 2

Gonzalez e Khadafy em Palma de Maiorca

Os principais jornais espanhóis manifestaram hoje ultraje pela visita de Moammar Khadafy à ilha de Maiorca e exortaram o primeiro-ministro Felipe Gonzalez a revelar ao Parlamento os temas debatidos com o líder líbio.

«Khadafy é um carácter controverso na cena internacional, não é conhecido pela sua amizade à Espanha e a sua presença no nosso solo é surpreendente» – escreveu o «El País», num editorial.

«Gonzalez deve informar o Parlamento o mais depressa possível sobre o conteúdo e os motivos das conversações» com Khadafy» – acrescentou.

Pág. 12

Lucas Pires perde censura mas ganha liderança

•PCP e Verde votaram a moção do CDS

pág. 4

1984 INTERNACIONAL

O ano revisitado

Da morte de Andropov à reeleição de Reagan, do assassínio de Indira ao do padre Popieluszko. Os principais temas do «ano orwelliano» revisitados, hoje e amanhã, em páginas especiais do seu "Diário de Lisboa».

Solidariedade com os sem salário

Centena e meia de sindicalistas desfilam hoje no Rossio

Dirigentes e delegados sindicais de empresas do distrito de Lisboa têm estado hoje, desde as oito horas, a desfilar silenciosamente no Rossio, numa manifestação de solidariedade com os trabalhadores desempregados e com salários em atraso.

Os cerca de 150 sindicalistas portadores de cartazes «tipo sanduiche» com palavras de ordem denunciando «a situação escandalosa de fome e miséria do distrito» contornam o Rossio, prolongando-se esta acção até às 20 horas.

«O desfile visa denunciar a situação de cerca de 25 mil trabalhadores de 16 sectores de actividade do distrito de Lisboa que têm salários em atraso ou estão no desemprego», afirmou um dirigente da USL.

«A Campanha de Solidariedade à luta dos trabalhadores» é promovida pela União de Sindicatos de Lisboa que organiza uma banca para recolha de assinaturas de apoio aos trabalhadores do distrito.

Um documento da USL sobre a situação social no distrito de Lisboa revela que existem presentemente 170 empresas com salários em atraso, ascendendo a dívida aos trabalhadores a mais de cinco milhões de contos.

Entretanto decorre hoje, no distrito de Braga, uma greve de trabalhadores das empresas com salários em atraso, a par de outras acções como concentrações, desfiles e marchas.

Os mais baixos salários da Europa

A CGTP-IN, que se apoia em dados divulgados pelo Instituto do Investimento Estrangeiro, afirma que neste momento o nosso país tem «a mão de obra mais barata da Europa». Este facto, diz a central sindical em comunicado, «reforça a ideia de que a política dos sucessivos Governos desde 1976 e do actual visa claramente tal objectivo para atrair as multinacionais e submeter, de novo, o País ao grande capital estrangeiro e ao imperialismo». Como exemplo, a Inter refere que o salário médio hora, incluindo os encargos sociais, do trabalhador português em 1984 é «três vezes menos que o da Espanha, 4,7 menos que o da França e o da Itália e 6,5 que o da Grã-Bretanha».

Poder de compra vai descer ainda mais

A Intersindical divulga um outro comunicado referindo as «demagógicas promessas do Governo» de que não haverá nem redução de salários reais, nem agravamento do custo de vida.

Essas promessas, diz o documento, «são contrariadas pelas grandes Opções do Plano para 1985, recentemente divulgadas pelo Governo, que «apontam para um taxa de inflação de 27 por cento e reconhecem a continuação da descida dos salários reais».

A CGTP diz que as promessas do Governo para 1985, «depois de confrontadas com a realidade, caem por terra como as célebres **cem medidas para cem dias**».

Sobre as actividades recentes de organismos representativos de trabalhadores organizadas por aquela central sindical, o documento refere que «os trabalhadores mantêm uma invulgar capacidade de luta».

A curto prazo

Marinha Mercante pode paralisar

Portugal poderá ficar privado de abastecimentos por mar se não forem garantidos pelo Governo os postos de trabalho e as pensões de reforma dos trabalhadores da CTM e da CNN.

A advertência foi ontem feita numa conferência de Imprensa pela Comissão Executiva das Comissões de Trabalhadores e Sindicatos do Sector da Marinha Mercante, frente comum que afirma representar cerca de 90 por cento dos trabalhadores da CNN (Companhia Nacional de Navegação) e da CTM (Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos).

Vítor Mendes, da comissão executiva, salientou que «ou o Governo dialoga com as organizações representativas dos trabalhadores do sector ou o País corre o risco de a muito curto prazo ficar sem abastecimentos por mar».

Cerca de 90 por cento das importações portuguesas, principalmente produtos alimentares, estão dependentes dos transportes marítimos.

«Os trabalhadores do sector recusar-se-ão a operar quaisquer navios nacionais ou estrangeiros de mercadorias que toquem portos portugueses se, quando começarem a funcionar as duas novas empresas – Port line e Transinsular – não estiver acautelada a situação dos trabalhadores no activo e reformados da CTM e CNN», frisou Vítor Mendes.

A comissão executiva afirma que o Governo pretende extinguir a CNN e a CTM e, paralelamente, dar por caducados os contratos de trabalho.

Vítor Mendes informou ainda que o secretário de Estado da Marinha Mercante já afirmou, inclusivamente, que os trabalhadores das duas empresas «vão todos para o desemprego», não havendo transferência directa para as duas novas empresas.

Em causa estão cerca de 10 500 trabalhadores das duas empresas, 5200 reformados e pensionistas e outros tantos no activo.

A comissão executiva considera que não era necessário criar duas novas empresas, mas sim reestruturar a CNN e a CTM e consolidar o seu passivo.

Mútua dos Pescadores

Governo confirma lista vencedora

A Lista A, afecta aos anteriores corpos gerentes, foi proclamada oficialmente vencedora das eleições na Mútua dos Pescadores, por uma resolução do Conselho de Ministros, publicada no «Diário da República».

O diploma estabelece que a mútua deverá , no prazo de um ano a partir de 11 de Dezembro de 1984, designar para os seus corpos gerentes titulares de grau académico ou experiência profissional no ramo dos seguros.

O Conselho de Ministros havia nomeado uma comissão administrativa para a instituição seguradora, em 10 de Abril de 1984, por alegadas irregularidades cometidas na assembleia geral da Mútua de 25 de Março.

A nomeação foi confirmada por resolução de 3 de Maio, que considerava manterem-se as razões que a justificaram, esclarecendo-se então que a comissão ficaria dependente dos ministros das Finanças e do Mar.

A resolução ontem publicada no «Diário da República» dispõe também que, de futuro, as eleições para os corpos gerentes da Mútua passarão a assentar numa actualização caso a caso dos cadernos eleitorais e na garantia de uma assembleia de voto por cada capitania do País.

A greve dos seguros

Os trabalhadores dos seguros, que ontem iniciaram três dias de paralisações, contra o rompimento das negociações salariais, estão dispostos a desconvocar a greve «se houver alteração da posição das associações patronais» – referiu ao «DL» um informador sindical. A mesma fonte acrescentou que, caso tal se não verifique, «admitimos a adopção de novas formas de luta». De referir que a greve (de duas horas diárias) regista hoje, segundo a fonte sindical, uma adesão «sensivelmente superior» à de ontem, que rondou os 90 por cento. As associações patronais propõem aumentos de 20 por cento para 1985, valor que é considerado insuficiente pelos representantes dos trabalhadores, em face do previsível aumento da inflação. Entretanto a UGT emitiu um comunicado em que considera «inaceitável e incompreensível a atitude dos representantes governamentais» nas negociações dos aumentos para os trabalhadores dos seguros.

"Centro de Idosos de Rio de Mouro"

Na notícia que ontem divulgámos sob o título em epígrafe, foi referido o major Cruz Oliveira como sendo o presidente da Junta de Freguesia de Rio de Mouro, em lugar da professora Maria Alice, que efectivamente desempenha aquelas funções. Do lapso pedimos as nossas desculpas.

economia

Frota das pescas em reconversão

A Secretária de Estado das Pescas autorizou, este ano, 78 novas construções de embarcações e dez reconversões de traineiras, tendo sido concedidos 20 mil contos para reconversões enquanto a Secretaria de Estado participava, a fundo perdido, com 20 por cento do valor das novas construções.

Das construções participadas 45 embarcações são para a pesca artesanal, outra é uma traineira de sardinha, uma é para a pesca industrial não agremiada (pina) com cerca, 16 são de arrasto costeiro. Os restantes barcos destinam-se quatro para o pelágico, dois para o largo, oito para a pesca de crustácios e um para a pesca de atum.

Em 1983, tinha sido autorizada a construção de 29 embarcações para a pesca artesanal, uma traineira para sardinha, quatro para pesca industrial não agremiada, 23 arrastores (quatro costeiros, dois pelágicos, sete do largo e dez de crustáceos) e um atuneiro.

Naquele mesmo ano, a Secretaria de Estado das Pescas autorizou, ainda, a reconversão de 43 embarcações, a maior parte das quais para arrasto de crustáceos, no valor global de 78.500 contos.

Depois da suspensão do acordo luso-espanhol de pescas de 1978, os pescadores portugueses principalmente os do Sotavento algarvio começaram a reconverter parte da sua frota para a captura de crustáceos.

Em 31 de Dezembro de 1983, segundo os últimos dados divulgados, estavam registadas nas repartições marítimas 16.060 embarcações de pesca.

Aquele total incluía 10.116 embarcações de pesca artesanal sem motor, 5,173 com motor, 291 de pesca industral não agremiada, 260 traineiras, 110 arrastões do largo, 105 arrastões costeiros e cinco atuneiros.

Ainda em 1983 o sector das pescas empregava 39,821 pessoas 20.838 das quais na pesca costeira, 16.006 no local, 2935 na longínqua e 42 na do alto.

Imposto único já em 1987?

O imposto único vai ser introduzido no sistema fiscal português em 1987, afirmou ontem em Gouveia o director-geral das Contribuições e Impostos, Francisco Pardal.

Esta declaração foi produzida no decorrer do acto inaugural das novas instalações da Repartição de Finanças e Tesouraria da Fazenda Pública de Gouveia.

Francisco Pardal afirmou que nos próximos cinco anos «vamos assistir a uma mudança radical a nível de serviços de finanças e tesouraria, umas por razões constitucionais e outras por imperativo da futura adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE).

«Não queremos cobrar impostos a esmo mas sim cobrar os rendimentos» — expressou Francisco Pardal. Ele defendeu que «todos devem pagar de acordo com as suas possibilidades» e que, «com os novos serviços, reforma do sistema fiscal e novos métodos de trabalho, podemos e devemos combater a fraude fiscal».

O governador civil da Guarda, João Gomes, afirmou por seu turno que «não há democracia sem justiça fiscal» e defendeu que «por mais democracia que haja, estamos sempre em ditadura fiscal».

Em negociações com a Rio Tinto Zinc

Investimento de 15 milhões nas pirites alentejanas

Representantes do grupo mineiro britânico Rio Tinto Zing estiveram ontem reunidos com o ministro da Indústria, Veiga Simão e com o presidente do Instituto de Investimento Estrangeiro, Viana Baptista, com o objectivo de analisar as novas propostas da Rio Tinto Zinc para a compra das posições dos grupos franceses Panarroya e Coframines na empresa Somincor, que explora as pirites de Neves-Corvo, no Alentejo.

Esta reunião realizou-se na sequência do encontro da semana passada entre o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e o presidente do Conselho de Administração da Rio Tinto Zinc, Anthony Tuke.

A proposta da Rio Tinto Zinc para a compra das posições francesas na Somincor atinge a verba de 87 milhões de dólares (cerca de 15 milhões de contos) mas a sua concretização está dependente das negociações que neste momento decorrem com as autoridades portuguesas, que detêm o direito de opção sobre qualquer transacção de acções da Somincor.

O grupo mineiro britânico pretende participar num plano de investimentos na Somincor que envolve verbas da ordem dos 300 milhões de dólares, participação que está dependente da concretização da compra das acções das empresas francesas.

Formosa: Confecções do Norte

Também uma empresa de confecções da Formosa quer investir em Portugal cerca de um milhão de contos na montagem de uma fábrica de vestuário no início de 1985 – disse o presidente do Instituto de Investimento Estrangeiro.

Viana Baptista precisou que a futura unidade será instalada nos arredores do Porto e criará, numa primeira fase, cerca de 300 postos de trabalho.

Com uma produção de confecções de alta qualidade exclusivamente vocacionada para a exportação, a empresa, cujo nome não foi divulgado, poderá multiplicar por cerca de quatro vezes o seu potencial humano, caso os resultados de exploração se enquadrem nas perspectivas dos empresários chineses da Formosa.

ÚLTIMAS SEMANAS

CAMPANHA DE VENDAS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA

ENTRADA 10.000$00

ISENÇÃO DE SISA E CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

USUFRUA DAS MESMAS VANTAGENS DA HABITAÇÃO EM LISBOA

Facilidades de Transportes — Utilização de PASSE SOCIAL

APROVEITE O FINANCIAMENTO COM JURO BONIFICADO

Deste modo a sua nova habitação, construída ao abrigo de um Contrato de Desenvolvimento poderá ser paga em mensalidades actualmente inferiores à renda OFICIALMENTE fixada.

VALORIZE O SEU DINHEIRO

Localizada em zona residencial em expansão a sua casa valorizar-se-á aceleradamente.

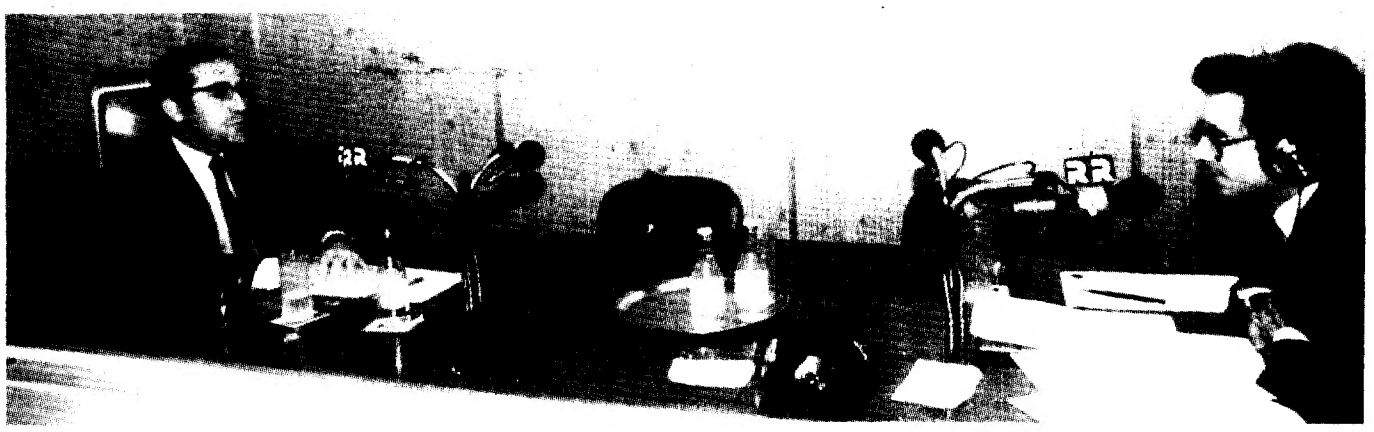
CONSULTE-NOS NO LOCAL

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG, LDA.

TORRE 4, R/C A — TELEFONE 988 09 44
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

TRATAMOS DE TODA A DOCUMENTAÇÃO

Licença de Construção N.º 671 de 11-8-82 — Proc. 34312 OCP da C. M. LOURES



O Presidente Eanes ao ser entrevistado no programa «Cartas na Mesa»

Bandarilhas de fogo

Nuno Bragança

NA tourada à espanhola há um recurso empregado contra a moleza taurina: o director da corrida pode mandar que se apliquem ao animal bandarilhas de fogo, com o intuito de o espicaçar.

Vem isto a propósito da intervenção de Ramalho Eanes via Rádio Renascença.

Acto político que foi, deve avaliar-se pelos seus resultados políticos. E o mais imediato foi a aceleradela imprimida pelos partidos coligados no sentido de um acordo que toda a gente sabe ser inexistente, enquanto realidade possível. No actual estado da coisa pública, PS e PSD têm mais forças a colocá-los num enfrentamento do que a coligá-los. A prazo relativamente curto, a discussão interna passará a confrontação. E a confrontação é a forma mais segura de pôr termo a uma coligação como aliás o próprio Primeiro-Ministro reconheceu na sua recente mensagem ao País, ao recordar a forma como fracassou a AD.

Uma avaliação pela rama daria assim razão ao argumento – que corre – de que a intervenção do Presidente da República piorou a situação.

A primeira pergunta a fazer a quem argumente assim é a seguinte: será que o «acordo» trouxe alguma solidez governativa, ou, pelo contrário, veio tornar mais flagrantes e públicas as contradições insanáveis que minam o actual Governo? No caso de se verificar a segunda hipótese, que me parece ser a que corresponde à realidade, teremos de considerar que a intervenção de Eanes teve pelo menos o condão de apontar aos distraídos que a real coligação vai nua, e logo vulnerável.

Mas como Eanes foi mais longe, ao lembrar que tem poder constitucional para acelerar as presidenciais, a pressa com que PS e PSD fingiram entender-se mostrou até que ponto as presidenciais são já um factor que está diariamente a intervir na acção político-partidária. Foi salutar que essa realidade aparecesse em toda a sua inquietante dimensão.

Digo inquietante porque a importância das presidenciais não resulta apenas no balanço que partidos e figuras políticas estão tomando para elas, mas também resulta da importância que a **figura Presidente** tem para um povo com tendências messiânicas. Por outras palavras: é inquietante que uma das causas da importância das presidenciais resulte do sebastianismo dum País desiludido, dez anos após o 25 de Abril.

O anúncio do actual Chefe de Estado, de que admite prosseguir politicamente activo, após o termo do seu mandato, veio também clarificar muito do que se agita em termos de novo partido – ou para empregar as próprias palavras de Eanes, «instrumento de natureza ou matriz partidária». E foi mais uma explosão nos lumes da bandarilhada de fogo que a sua intervenção provocou nos coligados. Onde até agora Eanes surgia como função votada de poderes insuficientes (queixa por ele formulada na entrevista radiofónica) aparece agora a probabilidade de uma nova entidade partidária jogar na cena, e a ser essa entidade o enquadramento em que Eanes apoiará a sua acção política futura, após o termo do mandato presidencial. E qualquer dos dois partidos da coligação sabe que os tremores desta são mais um factor positivo para a imagem pública de Ramalho Eanes, imagem que tem vindo sempre essa a melhorar.

Chega-se ao ponto de admitir a lógica de que uma demissão governamental airosa (se tal for possível) venha ao encontro de um desejo muito secreto de Mário Soares (tão secreto que talvez o próprio não se dê ainda conta dele) o desejo de não chegar a candidato a Belém escorrendo os suores duma governação difícil, se não impossível.

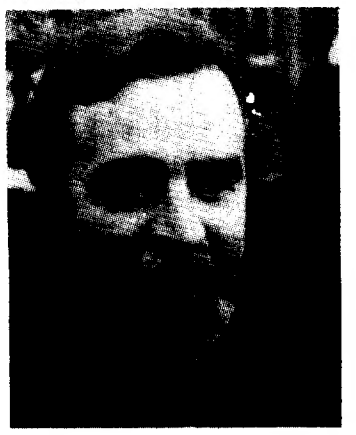
Com a antecipação a que já nos habituou, o PCP lança a sua campanha para uma demissão governamental que a todos, aogora, parece possível (um «possível» quase «provável»). Mas por outro lado, será possível ao Governo demitir-se quando o PCP exige que ele se demita? Esta exigência, se acaso provocar um esforço derradeiro da coligação em se aguentar no poder, por oposição à oposição, teria como resultado o contrário da proposta comunista, que é a da demissão do Governo. Será que os dividendos colhidos pela denúncia da fraqueza do actual Governo seja compensatória para o PCP (o qual Eanes, na entrevista em causa, considerou objectivamente favorecido pela acção do Governo)?

As interrogações poderiam prosseguir numa faina inpensável, como quem avalia as possibilidades duma partida de xadrês, só que o interesse pela especulação desaparece quando um País inteiro se vê devastado pelos especuladores interessados: Portugal é hoje o terreno ideal para a golpada, a falcatrua, os muitos contrabandos que estão originando uma nova classe social nova-rica.

E, nesse xadrês, é peão quem queira permanecer isento, e honesto.

Peão a sacrificar.

ponto a ponto



MANUEL Alegre protestou ontem em Coimbra contra «uma certa espécie de imperialismo cultural exercido a partir de Lisboa». O poeta, que falava na sessão solene do lançamento nacional do seu livro, intitulado «Chegar Aqui», insurgiu-se contra a excessiva centralização da vida nacional em Lisboa, sobretudo nos domínios políticos e cultural. Durante a intervenção que produziu, Manuel Alegre homenageou antigos mestres e companheiros como Miguel Torga, Joaquim Namorado, Paulo Quintela, Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso e Piteira Santos.

A JS saudou ontem os deputados dos quatro maiores partidos por terem apresentado na Assembleia da República uma proposta de resolução, defendendo o agendamento prioritário das matérias juvenis nas discussões parlamentares do próximo ano. A JS recorda que a posição tomada agora pelos quatro partidos com maior representação na Assembleia da República vem ao encontro à posição por ela defendida «desde há muito tempo».

A comissão de Freguesia de Alcântara do Comité Local de Lisboa do PCP homenageou ontem à tarde a memória de José Dias Coelho, assassinado pela Pide há 23 anos. A cerimónia decorreu junto ao prédio onde aquele destacado militante comunista foi baleado. Dias Lourenço, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, usou da palavra para evocar a memória de Dias Coelho. Recorde-se, que o militante comunista assassinado há 23 anos foi dirigente da Frente Académica Antifascista, pertenceu ao MUD juvenil e aderiu ao PCP com pouco mais de 20 anos de idade.

Livre de canto

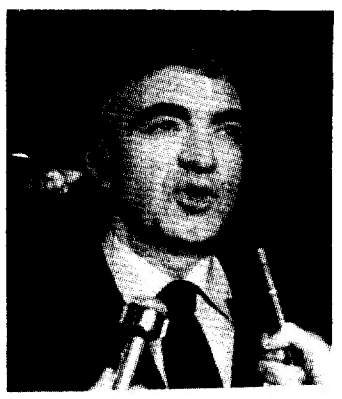
A. Flores de Andrade

HÁ uma coisa que não cessa de surpreender os cidadãos portugueses, que é os governantes devolverem-lhes sistematicamente o seu próprio discurso, ou seja, virem repetir o que é imperioso que se faça, quando é precisamente nas suas mãos que está o poder de fazê-lo. O dr. Mário Soares não fugiu à regra na sua última aparição na televisão. Mas o certo é que as tarefas fundamentais que se impõem vão sendo repetidamente adiadas. Até quando poderá o País esperar, é a grande incógnita de uma equação que parece estar cada vez mais longe de poder ser resolvida à custa da capacidade própria e com os meios tradicionais.

À direita e à esquerda de Mário Soares afirma-se que o seu afã em meter Portugal na CEE, rapidamente e sem força, é parte fundamental da sua campanha para a presidência da República. Talvez seja. Mas teme-se que seja também a miragem de que alguém resolva por nós os nossos problemas. Ninguém duvida de que os fundos comunitários poderão ser de grande utilidade, mas também é verdade que ninguém parece preocupar-se em pesar, em termos de vantagens e inconvenientes, as consequências globais da adesão no estado em que nos encontramos.

É certo que planeamento é coisa a que somos atavicamente avessos – e o processo de adesão é flagrante exemplo disso – mas para algo se esperava que o 25 de Abril fosse uma viragem histórica, que não se esgotasse no valor supremo da liberdade. E o curioso é que a pretensão de adesão à CEE começou por assentar na ideia de que ela era fundamental para garantir o regime democrático em que a liberdade se plasma, para passar a ser agora o modo de pagar o pão nosso de cada dia durante mais algum tempo. Até que o pão se acabe e com ele, de novo, a liberdade.

Pode dizer-se que enquanto a CEE pagar o pão, ganhamos tempo e fôlego para o amassarmos nós próprios. Mas ninguém acredita já que os governantes que temos tido, e se revezam monotonamente no poder, revelam capacidade que não seja apenas para meter a mão na massa. Amassar, isso é que parece de facto não ser com eles.

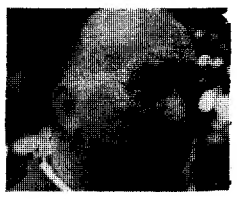


JOÃO Salgueiro criticou ontem o Governo por este não proceder a uma remodelação ministerial antes da aprovação do Orçamento do Estado para 85. Durante um almoço com jornalistas, Salgueiro disse que «não faz sentido tentar vincular uma nova equipa ao Orçamento, depois de este estar aprovado». Quanto às cláusulas de desenvolvimento do acordo político, parlamentar e de Governo entre PS e o PSD, aquele dirigente social-democrata considerou que «apenas meia dúzia das medidas inseridas no documento são fundamentais». No almoço participaram António Capucho e Rui Oliveira e Costa.

A UDP anunciou ontem que vai solicitar ao Primeiro-Ministro uma audiência com o objectivo de expor ao chefe do Governo a situação da sua sede nacional. Depois de recordar, em comunicado que as instalações já por duas vezes foram alvo de tentativas de despejo, a UDP considera que a cedência de um edifício do Estado através de um contrato de arrendamento, poderá ser solução para o problema. No mesmo comunicado, a UDP definiu como uma manobra demagógica a apresentação, pelo grupo parlamentar do CDS, de uma moção de censura ao Governo.

UDP

Telegramas



Antunes da Silva

1

NA época em que aqui reinaram os Filipes de Espanha, muitos fidalgos e outra espécie de gentes, adaptaram-se sem nenhumas reservas éticas ao lume das estranhas benesses concedidas à miséria do seu comportamento. Como se não tivessem nascido em Portugal, ou por Portugal sentissem vergonha.

Mas agora, por estranho que pareça, algumas pessoas que não se cansam de enviar dinheiro lá para fora, pondo evidentemente em perigo a nossa identidade natural, fazem-nos imaginar a névoa dos tempos da canga castilhana, e um surto do negregado clima parece aplicar-se em certas esferas, não sabendo nós se o futuro do País dos portugueses está nas mãos e na capacidade patriótica dos seus filhos, se nos caprichos daqueles que, não tendo cá nascido ou cá têm quem freneticamente os apoie, andam aí pelo mundo a comprar favores mercenários ou a vender, a desbaratar aos poucos, bocados da fazenda que herdámos dos nossos maiores...

2

COM as grandes chuvadas que têm caído, engrossam os lagos das albufeiras e barragens, bem como o leito dos rios. Ainda bem! Só é pena continuarmos a não saber guardar amorosamente a água, que muitas vezes tanta falta nos faz e aqui no Alentejo continua a perder-se ingloriamente no mar...

Porque o sol e a água são a seiva, a luz, a raiz da abundância prometida, é impudico, para não dizer outra coisa pior, que se despreze ostensivamente pelas hostes da direita, a construção do empreendimento de Alqueva — o grande marco do progresso lusitano, que quer queiram quer não os zoilos convencerem-se disso — como quem, afinal, não sabe preparar as lidas da sua casa, pondo-se de cócoras a ver passar o comboio-do-futuro e a dormir à sombra do que, por ora, a Natureza nos vai proporcionando. Parece um escárnio.

3

CREIO que, mais tarde ou mais cedo, vamos ter de saber quem foi e quem é patriota neste bocadinho de terra da Ibéria. Porque a palavra patriota é uma forma inflexível de procedimento pendular e quer dizer que se deve ter amor a tudo que respeite à terra onde nascemos, à família, ao nosso semelhante, às ciências e às artes, que são a raiz cumulativa da inteligência. À própria Natureza que nos atura.

É por isso que devo tanto ao Alentejo, como se da minha vida se tratasse!

O Presidente da República elogiou ontem, em Évora, as instalações do hospital distrital, durante uma visita ao estabelecimento hospitalar, na companhia de sua mulher, Manuel Eanes. O Chefe do Estado salientou a «forma humana e eficiente como todo o pessoal do hospital se aplica no exercício das suas funções». Durante a visita, o chefe do gabinete do ministro da Saúde, que estava presente, anunciou as obras a efectuar no hospital do Patrocínio, integrado no hospital distrital de Évora.

O secretário da Força Aérea dos Estados Unidos para a Investigação, Desenvolvimento e Logística, Thomas Cooper, visitou ontem as instalações das Oficinas-Gerais de material Aeronáutico (OGMA), sediadas em Alverca. Antes de visitar as instalações, o visitante assistiu a um reunião durante a qual foram abordadas as capacidades e a actividade actual daquele departamento fabril da FAP.

assembleia da república

MDP e UEDS abstiveram-se na votação de censura CDS

Não temos um Governo, temos uma comissão de candidatura — *diz Lucas Pires*

«Não temos um Primeiro-Ministro, temos um candidato presidencial, não temos um Governo, temos uma comissão de candidatura» afirmou ontem Lucas Pires no encerramento do debate da moção de censura ao Governo apresentada pelo seu partido que acabou por ser derrotada pelos votos do PS, PSD e ASDI. Disseram sim o CDS, PCP e o deputado dos «Verdes», optando pela abstenção a UEDS e o MDP.

Teriam sido diferentes os resultados da votação se o discurso de Lucas Pires na abertura dos debates tivesse sido o que proferiu ontem? Nunca se saberá mas o certo é que as palavras do líder centrista causaram um evidente mal-estar no seio da maioria – sobretudo no PSD – que inviabilizou mesmo, pela primeira vez no Parlamento, a votação nominal, requerida pelo CDS. Falta de tempo ou de confiança na eficácia do acordo recentemente firmado? Tal atitude permite apenas todas as especulações.

O discurso de Lucas Pires foi de uma grande violência verbal e política e deita por terra todas as tentativas da maioria para menosprezar a sua capacidade de liderança e a eficácia das suas intervenções.

Começou por afirmar que ninguém «acredita neste Governo, nem neste Primeiro-Ministro» e que isto está a transformar-se «em descrença no próprio regime». Depois criticou a forma como a recente crise da coligação foi tratada, porque mais do que uma questão interpartidária, era «uma questão nacional» e, por isso, o CDS gostaria de a ter visto discutida na Assembleia da República e «não nos hotéis». A propósito, referiu que «numa certa altura, a vida portuguesa era discutida nos quartéis, depois passou a sê-lo nos hotéis e, qualquer dia será nos aeroportos».

Arvorou o CDS em alternativa ao actual Governo, voltou aos números para evidenciar o «desastre» da política do Executivo e considerou Mário Soares o principal responsável pela política financeira depois de o ter acusado de falta de autoridade.

Com a moção de censura, considerou, «o CDS não veio provocar crise nenhuma, porque ela já existe, nem veio criar cisões na maioria, porque estas também já existem». Recordou que o CDS é oposição porque quer, uma vez que recusou entrar nas negociações para a formação do actual Governo, convite que lhe foi endereçado por Nuno Gomes dos Santos, ex-presidente do PSD, recentemente falecido.

Numa referência à redução da conflitualidade social, invocada por Mário Soares, Lucas Pires diria que ela é um facto porque «os desempregados não fazem greve, nem os estudantes que saem da universidade sem terem empregos, nem os trabalhadores que viram os seus salários reduzidos em 20 por cento e que sofrem a chantagem da fome podem fazer greve».

Quanto aos conflitos internos no CDS, não os escondeu, mas atribui-os a uma «crise de crescimento». Mas apesar de tudo – afirmou – tal crise ainda não é como a do PSD que «é uma confederação de três partidos» e como o PS «que é a CNARPE eleitoral do dr. Mário Soares».PSD que considerou também «a ala direita do soarismo». Coligação que fala na estabilidade e que «faz evolução na continuidade, que pretende fazer uma nova lei eleitoral para construir uma nova União Nacional e que até já faz conversas em família» – rematou, numa picadela à recente intervenção televisiva do Primeiro-Ministro.

Mas num apelo final aos sociais-democratas, diria Lucas Pires: «a maior doença, a maior lepra da democracia éa ambiguidade, a hipocrisia, o vale-tudo. Mas os que no seio do PSD quiserem ser respeitados pelo país não podem sair daqui a dizerem o contrário do que aqui disseram».

Circunstância

Antes tinha sido o discurso de Mário Soares. Circunstância a repetir os pontos porque se batera na intervenção inicial: não há alternativa a este Governo que faz o que pode; os partidos da coligação estão, depois da moção, «mais unidos»; há dificuldades mas «ninguém contestou a redução do défice da balança de transacções correntes, a desaceleração da inflação, nem a redução da conflitualidade social», as debilidades internas do CDS e, a finalizar, algumas promessas. Um discurso sem história e sem garra.

Na mesma óptica falou Mota Pinto que salientou que o acordo recentemente assinado pelos dois partidos «assenta em compromissos, solidários para a estabilidade política e económica» do País.

O ministro das Finanças também apareceu, sobretudo para esgrimir a «glória» governamental da diminuição do défice externo, para dizer muitos números e para acenar com uma certeza: a nossa entrada na CEE efectuar-se-á na data prevista. Deu conta da «dinâmica» conseguida, nos últimos dias quanto ao processo de adesão e anunciou ter sido acordado um capítulo importante: o da agricultura e pescas.

Aprofundar a política da AD

O prosseguimento, pelo Governo, da política da AD é uma das razões que levaram o PCP a votar favoravelmente a moção de censura apresentada pelo CDS. Disse-o Carlos Carvalhas que não se eximiu, no entanto, a fazer duras críticas aos centristas a quem acusou de procurar «vestir a pele do cordeiro ou de Pilatos, para ver se consegue capitalizar o legítimo descontentamento dos portugueses». Afirmou que o que o CDS pretende é «estar presente no banquete orçamental, na repartição dos tachos e benesses» mas, considerou, a causa fundamental do debate era a política do Governo e essa «evidencia a degradação da situação económica, financeira e social».

Sobre a redução da balança de transacções correntes, actual bandeira do Governo, o deputado comunista adianta que se procura ocultar é que «esta diminuição não resultou de nenhuma melhoria estrutural da economia portuguesa, mas sim da recessão económica, da diminuição do consumo dos portugueses e da quebra das importações, em especial dos bens de equipamento, de matérias-primas e produtos intermédios».

Considerou «particularmente grave» a situação financeira interna. Daí os buracos orçamentais, as dívidas do Estado, a utilização das empresas públicas para financiar os défices da Balança de Transacções Correntes. Chamou também a atenção para a situação de «pré-ruptura» do sistema bancário e para a gravidade da situação social nos domínios do desemprego, inflação, redução dos salários reais e à insensibilidade do Governo face «ao alastramento da fome e da miséria». Por tudo isto considerou «tarefa central» a demissão do Executivo e, para os comunistas, certamente que a votação da moção de censura poderia ser, também, um pequeno empurrão.

Alguma supresa foi, apesar de tudo, a abstenção do MDP. João Seiça Neves explicou a posição do seu partido. Apesar das dificuldades do País e do facto de a «grande maioria dos portugueses querer o fim deste Governo» o certo é que, para o MDP, os pressupostos da moção do CDS assentam em objectivos que este partido rejeita. O voto de censura «contra o socialismo e contra este Governo» que os centristas propunham «é frontalmente contrária ao projecto do MDP/CDE e frontalmente contrária ao artigo 2 da Constituição da República que define a nossa sociedade como uma democracia em transição para o socialismo».

Assim, prossegue o MDP, «esta moção de censura ao mesmo tempo que visa o derrube do Governo igualmente propõe uma alteração do regime democrático tal como está constitucionalmente garantido».

Finalmente, o líder parlamentar da UEDS consideraria que «a oportunidade da moção de censura proposta pelo CDS só pode ser entendida por um de dois motivos: ou se procura desesperadamente aparentar demarcação de uma política para a qual o CDS não tem alternativa, porque no fundo se não distingue da própria política, ou se pretende oferecer ao Governo e aos partidos coligados, numa atitude hipocritamente cúmplice (...) a ocasião de virem publicamente selar, nesta Assembleia, um entendimento que, de tão precário, já poucos nela acreditam».

Sublinhou ainda aquele deputado que, apesar do seu partido estar em «frontal desacordo com o Governo, nem por isso daremos o nosso voto favorável à moção de censura do CDS».

Um debate sem história, mas que deixou algumas dúvidas.

Áurea Sampaio

Leis do aborto, das rendas e do imposto extraordinário são inconstitucionais

– *considerou o Provedor de Justiça*

O provedor de Justiça requereu no ano corrente a inconstitucionalidade de mais de uma dezena de diplomas, nomeadamente os relativos à despenalização do aborto e ao imposto extraordinário de 2,8 por cento.

No primeiro caso (aborto), considera o provedor (Pamplona Corte-Real, próximo do CDS) que o diploma viola «vários dispositivos constitucionais», mormente o artigo 24 porque «exclui a ilicitude de uma conduta que se traduz na destruição de uma vida humana, qualificada como inviolável» e por «desrespeitar e restringir um direito» (vida).

A Lei 37/83 é considerada, pelo provedor de Justiça, inconstitucional por «criar um imposto ordinário incidente, retroactivamente, sobre rendimentos percebidos antes da sua publicação».

Além disso, a Provedoria entende que, nos princípios do Estado de direito democrático, se encontram os do «respeito pela confiança e capacidade contributiva dos cidadãos», que na lei são violados, como é também, o sistema fiscal, pois «deve ter apenas eficácia para o futuro».

Considerando que a retroactividade «será sempre uma excepção» o provedor entendeu que ela deve ser «fundamentada e não arbitrária» e que os seus efeitos devem ser «razoáveis e respeitar a proporcionalidade», o que foi desrespeitado na referida lei.

O diploma 436/83, revendo os critérios de actualização das chamadas rendas comerciais, está, segundo o provedor de Justiça, «viciado de inconstitucionalidade orgânica» (alínea H do art.º 168 da Constituição) por não haver emanado da Assembleia da República ou não ter sido dada «autorização legislativa» ao Governo nesta matéria.

Para a mesma entidade, não colhe o argumento de o referido decreto-lei não conter matéria inovatória, reivindicado pelo Executivo, já que estabelece «um principio inteiramente novo, o da actualização anual indexada» e ainda «uma novo método de cálculo da avaliação fiscal extraordinária».

Um diploma sobre o estatuto do pessoal civil das Forças Armadas (380/82) está também ferido de inconstitucionalidade, segundo o provedor, já que na sua elaboração não puderam participar as Comissões de Trabalhadores e Associações Sindicais representativas, como estabelecia o artigo 56 do texto primitivo da Constituição e os 55 e 57 do novo texto constitucional.

MAD lança "Animador"

O Movimento para Aprofundamento da Democracia (MAD) lançou ontem o primeiro número da sua revista «Animador», que recolhe a etimologia do termo **animar** – «dar alma» – ao congregar «o esforço português de construir um futuro melhor».

Com trinta e seis págunas, da sua ficha técnica constam Diogo Duarte, director, Isabel Faria, Irene Fontes e Maria Mercês Moita, na redacção, tendo a colaboração, entre outros, de Brandão Guedes, Conceição Lobo Antunes, Idalina Grácio, Luís Moita, Olga Pombo, Olga Gonçalves e Maria do Loreto Paiva Couceiro.

«Nas agruras da crise político-socioeconómica que o País atravessa, há algo de lúcido, vivo e são que germina» – lê-se no editorial do primeiro número.

O «animador» quer ser «espaço de toda essa gente não caduca», «venham de que partidos vierem, com sigla ou sem sigla, os do Governo e os da oposição, com credo ou sem credo» desde que «com a convicção de que é possível transcender a miséria da sociedade presente feita de ignorância, medo, injustiça, fome, desleixo, venalidade, desorganização».

Aspecto do lançamento do «Animador»

Pretende espalhar «os valores mais profundos da democracia», como «o poder de os cidadãos influirem realmente, desde a base, nas decisões a tomar sobre os problemas que os afectam».

Propõe «diálogos úteis» sobre problemas reais, para que se revelem «soluções capazes de se tornarem, criativamente, decisão pública».

Neste primeiro número da revista, que promete surgir com regularidade de dois em dois meses, abordam-se questões de educação, trabalho, alimentação, habitação, administraçao pública, relações internacionais.

No encontro de lançamento foi revelado que o plenário nacional do MAD se realiza até ao final de Fevereiro, decorrendo no dia 26 de Janeiro o plenário regional de Lisboa para o preparar e aprovação do seu plano regional de actividades, anual «virado para a grande cidade».

Helena Roseta: risco de despiste no Autódromo do Estoril

O CDS de Cascais advertiu ontem em comunicado que a realização do Grande Prémio de Portugal em Fórmula 1 está a ser posta em causa, em consequência do diferendo que opõe a Câmara Municipal de Cascais à Autodril, empresa proprietária do Autódromo do Estoril.

Em 10 de Dezembro último, Helena Roseta apresentou uma proposta solicitando ao Governo a declaração de utilidade pública do Autódromo, com vista à sua expropriação. O CDS absteve-se e explica agora que não quiz votar contra «uma vez que esse sentido de votação poderia ser interpretado como um apoio às teses da Autodril».

Depois de sublinhar que o diferendo que opõe a Câmara à Autodril poderá pôr em causa a execução das obras ainda necessárias para a realização do próximo Grande Prémio de Portugal, o CDS acusa o PSD de ser responsável pela situação presente e considera tratar-se de «mais uma manobra de diversão da actual presidente da Câmara, Helena Roseta, que mais não tenta do que ocultar a sua total incapacidade para resolver problemas da ocupação indevida de terrenos pela empresa proprietária do Autódromo do Estoril».

O CDS conclui perguntando a Helena Roseta se o processo em causa beneficia a autarquia, o Estado, a Autodril, o Automóvel Clube de Portugal, o desporto e o turismo nacional.

A proposta de Helena Roseta de expropriação do Autódromo foi aprovada apenas com votos a favor do PSD. Um vereador do PS votou contra e outro ausentou-se da sala, enquanto o CDS, como já referimos, se abstinha. A APU não participa na votação alegando desconhecimento do problema.

Resulta por isso que a presidente da Câmara Municipal de Cascais, Helena Roseta, se encontra isolada com os vereadores do seu partido e correndo sérios riscos de «despiste».

João Jardim não acredita na utilidade da NATO

«Até hoje, a NATO não me conseguiu convencer da sua utilidade em relação a Portugal», declarou ontem, na Assembleia Regional da Madeira, o presidente do Executivo madeirense Alberto João Jardim.

«Em 1974 e 1975 estivemos em risco de cair numa ditadura comunista sem que os nossos aliados nos ajudassem», disse João Jardim para observar que Sá Carneiro «nunca foi um incondicional da NATO» posição que disse partilhar.

A solidariedade da NATO só pode ser demonstrada se for feito a Portugal um auxílio tipo Plano Marshal referiu, acrescentando que o acordo de Incomati da forma como foi realizado «é um ponto de falhanço na política externa portuguesa».

«Uma solidariedade em termos estritamente militares não serve», defendeu o presidente do executivo autónomo que comentou ser a posição do Governo Regional a de que a NATO não deve funcionar somente do ponto de vista militar.

Em resposta a Mário Aguiar (PCP) que protestou contra as afirmações de João Jardim este denunciou que na Europa «civilizada faz-se o mais vivo colonialismo com base nas tropas da URSS», país que considerou constituir uma ameaça para a paz no continente europeu.

Interrompido por desmentidos do deputado comunista, o presidente do Governo prosseguiu para observar que «as cruzes junto ao muro de Berlim são o sinal do grito de liberdade de que carecem os cidadãos dos países anexados pela URSS».

Moção de confiança

Encerra hoje o debate parlamentar sobre o programa do IV Governo Regional da Madeira depois da votação de uma moção de confiança solicitada pelo Governo Regional.

Embora o PSD detenha a maioria e esteja certo de que a moção de confiança será votada, a oposição acusa o programa de não conter propostas concretas para os vários sectores, apenas inserindo referências generalizadas.

VEJA NA RTP. 5.ª FEIRA. 20
APOS O TELEJORNAL

SEM SALÁRIO

SEM EMPREGO

SEM DINHEIRO PARA A CONSOADA

QUE NATAL?

TEMPO DE ANTENA
CGTP-IN

CGTP INTERSINDICAL

BEDFORD SETA
o veículo prático e económico

Novo Bedford Seta, o mais versátil e espectacular veículo comercial da década. Económico no consumo e na manutenção.
De acordo com as suas necessidades, o novo Bedford Seta oferece-lhe dois comprimentos de chassis para uma escolha exacta.
Furgão Seta para cargas e descargas, cómodo e versátil. A opção mais elegante para o transporte de mercadorias.
Mini-bus Seta, de 6 ou 9 lugares, rápido, espaçoso e confortável. A opção mais simpática para o transporte ligeiro de passageiros.

O novo Bedford Seta vem equipado com o motor diesel 4FC1 que proporciona uma performance idêntica à dos motores a gasolina o que significa facilidade no arranque, boa aceleração e um trabalhar silencioso.

BEDFORD SETA
O amigo que resolve tudo

BEDFORD GM

É BEDFORD. É DE CONFIANÇA.
Um produto General Motors

No entender da Ordem dos Médicos

Relação médicos/enfermeiros está muito desequilibrada

O número de médicos portugueses tem aumentado nos últimos anos sem correspondência proporcional na formação de outros profissionais de saúde – afirmou, no Porto, um dirigente da Ordem dos Médicos.

O secretário do Conselho Regional deste organismo, David Carvalho, falando num simpósio sobre a saúde em Portugal, sublinhou que «o número de médicos não está a ser acompanhado por um aumento concomitante de enfermeiros e técnicos paramédicos».

Este simpósio, organizado pela Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, iniciou-se ontem na Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto e prolonga-se até amanhã, com a participação de 300 novos médicos.

David Carvalho documentou a sua comunicação afirmando designadamente que, em 1970, havia no nosso país 8640 médicos e cerca de dez mil enfermeiros e que em 1982 o número de médicos passou a ser de 22204 e o de enfermeiros de cerca de 20000.

Até ao início da década de 80 – referiu – a maior parte dos médicos distribuíram-se pelas grandes cidades e «apenas os jovens licenciados cumpriam um ano de serviço no interior do País – o serviço médico à periferia».

De acordo com este especialista, há 6045 médicos na região do Norte, o que corresponde à relação de um médico para 488 habitantes.

Em 1990 teremos 30 mil médicos

Na Região Centro, onde exercem a sua actividade 3953 médicos, esta correspondência é de um médico para 593 habitantes.

Na Região Sul, há 12206 médicos, ou seja, um médico para cada 338 habitantes.

David Carvalho desenvolveu, o seu estudo sobre a evolução da população portuguesa relacionando-a com a evolução da população médica e com os índices do número de habitantes por cada médico, concluindo que «há assimetrias, sendo a Região Centro a mais carenciada».

Na previsão deste especialista, em 1990 haverá em Portugal cerca de 30 mil médicos.

«Somente este ano – sublinhou – há de facto um numerus clausus' de acesso às Faculdades de Medicina próximo das necessidades reais do País, mas o número de estudantes que frequenta essas faculdades é demasiadamente elevado».

Os médicos do Ministério da Saúde, que David Carvalho considera «o grande e quase exclusivo empregador dos médicos portugueses», encontram-se distribuídos por três carreiras – clínica geral, hospitalar e de saúde pública.

A carreira hospitalar, estão adstritos cerca de 7973 médicos, dos quais 50 por cento em fase de formação.

David Carvalho acrescentou, a propósito, que 673 especialistas da carreira hospitalar aguardam, «alguns há mais de um ano», a sua colocação nos hospitais.

Sete mil médicos na «Função Pública»

Indicadores apresentados por este especialista demonstram, também, que a carreira de saúde pública compreende, de momento 443 médicos, dos quais cerca de uma centena são pediatras, ginecologistas e obstetras.

A carreira de clínica geral, segundo a mesma fonte, integra cerca de sete mil médicos e na fase de pré-carreira há 5227 médicos, 4000 dos quais aguardam concurso para ingressar nas carreiras.

De acordo com David Carvalho, os EUA gastam anualmente com a saúde 10 por cento do produto nacional bruto (PNB), e a RFA e a Holanda 9 por cento, a Bélgica 7,5 por cento, o Reino Unido 6,2 por cento e Portugal 4 por cento.

Em seu entender «a criação em Portugal de um seguro de doença seria a única maneira de vencer a barreira dos 4 por cento».

«Os sistemas de saúde que têm o Estado como principal ou único empregador – salientou – podem ser os mais económicos mas são também os que criam maior desemprego para os mesmos índices de habitantes por médico».

Observou que «enquanto o índice do número de habitantes por médico é de 552 na Holanda e de 576 no Reino Unido, com idêntica taxa de desemprego (1500 desempregados), na RFA e na Bélgica, com índices de habitantes/médico de 336 e 403, respectivamente, o desemprego é muito menor».

Falta de formação é uma das causas

Dez mortos na pesca artesanal só nos primeiros dez meses

Dezasseis mortes e 46 vítimas de incapacidade permanente é o balanço de 1537 acidentes de trabalho ocorridos nos dez primeiros meses deste ano na pesca artesanal – soube-se de fonte oficiosa.

Os acidentes têm diminuído nos últimos anos, mas o número é ainda elevado – salientou a mesma fonte.

Em 1983, a Mútua dos Pescadores recebeu 1826 participações de acidentes de seus segurados, contra 2007 no ano anterior.

Do total de sinistros, resultaram 21 mortos e 66 incapacitados permanentes em 1983 e 37 mortes e 62 incapacitados em 1982.

Por outro lado, em Julho deste ano, últimos dados conhecidos, foram sentenciados pelo menos nove processos por falta de material de segurança, nomeadamente coletes de salvação, em igual número de embarcações apresadas.

Além destes factores, a mesma fonte salientou a baixa percentagem – um por cento – de pescadores com formação profissional adequada.

Neste sentido, vão abrir «brevemente» – disse a mesma fonte – nove centros regionais de formação profissional, tendo em vista a descentralização do ensino no sector das pescas.

Trata-se de um projecto da Secretaria de Estado das Pescas em colaboração com diversas autarquias e tem como objectivo vulgarizar entre os pescadores portugueses novas técnicas e tecnologias para o aproveitamento eficaz dos recursos.

Uma cedência da Feira Nacional da Agricultura

PCP contra reunião da CAP na Casa do Campino

O PCP de Santarém protesta contra a realização de uma reunião da CAP na Casa do Campino, em Santarém, por cedência da comissão organizadora da Feira Nacional da Agricultura.

A organização do PCP em Santarém denuncia o que considera como «sinais de compadrio e escândalo» e de «cedência dos dirigentes distritais do PS à direita e à CAP», de que é exemplo a recente realização de uma reunião da CAP na Casa do Campino, seguida de um almoço «oferecido pela Comissão Executiva da Feira Nacional de Agricultura e pela Cooperativa Agrícola de Santarém, ligada à CAP».

O executivo da direcção regional de Santarém do PCP acusa ainda a comissão da FNA, de que é presidente Teles Botas (PS) e vice-presidente José Manuel Casqueiro (CAP) de «critérios discriminatórios» e de uma «nova tabela de preços proibitivos» para utilização das instalações da Feira, que aliás a direcção se recusa a fornecer por escrito – alegam os comunistas – e que na prática impedem «a realização normal da actividade política e social que o 25 de Abril restituiu e a Constituição consagra», diz o PCP.

Entretanto, a organização da FNA entregou ontem os prémios relativos à 22.ª edição da Feira, na sua trigésima segunda edição como Feira do Ribatejo, cerimónia a que presidiu o secretário de Estado da Produção Agrícola, o ribatejano Rosado Gusmão, e na qual participaram o presidente do Conselho de Gestão do BPA, Jardim Gonçalves, e o presidente da CM de Santarém, por inerência também presidente da Comissão Executiva da FNA, Teles Botas.

Este, num pequeno discurso, anunciou que a organização fará, se possível, «uma Feira Nacional de Agricultura ainda melhor que a deste ano, colmatando falhas e alargando a sua intervenção». Teles Botas disse ainda que «depende de todos nós, Governo, agricultores, industriais, comerciantes, técnicos e gestores o êxito da Feira e da sua resposta às necessidades, dentro das suas competências».

A Feira Nacional de Agricultura/Feira do Ribatejo de 1985 decorrerá entre 7 e 9 de Junho próximo.

Um ano após a suspensão

Comboios de mercadorias param em Alpedrinha

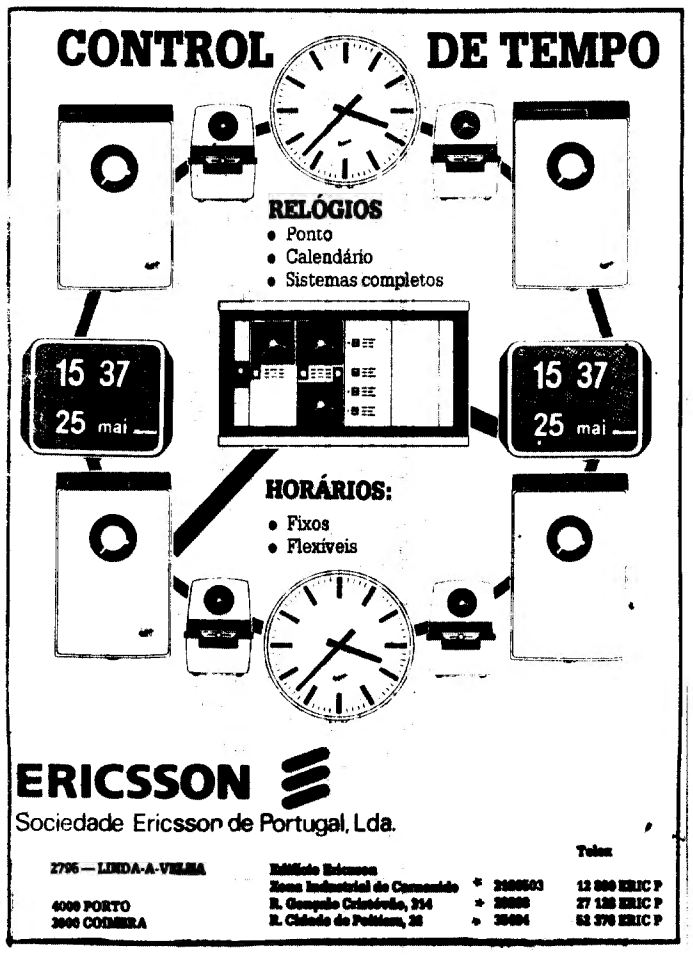
O tráfego ferroviário de mercadorias vai ser restabelecido na estação de Alpedrinha, concelho do Fundão, após ter sido suspenso em Fevereiro deste ano – foi decidido numa reunião na Secretaria de Estado dos Transportes.

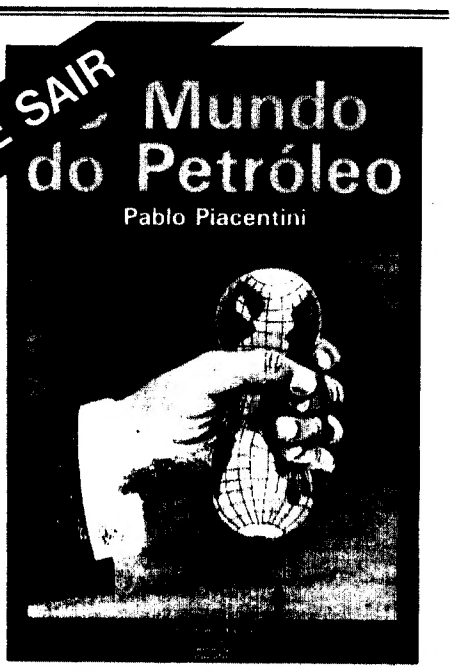
O chefe de gabinete da Secretaria da CP e a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Alpedrinha reuniram-se para desbloquear a situação que na altura provocou a demissão em bloco da junta de freguesia, do PS.

O restabelecimento do tráfego de mercadorias vai permitir normalmente a regularização do abastecimento de rações e adubos para a empresa produtora de adubos SAPEC.

Na reunião de ontem foi ainda decidida a criação de uma equipa de técnicos da CP e da Junta de Freguesia de Alpedrinha que irão estudar no local as soluções para os problemas ainda em suspenso relativos ao tráfego ferroviário naquela estação.

De acordo com uma fonte da Secretaria de Estado dos Transportes, as estruturas dos transportes rodoviários irão também ser melhoradas na região.





ESC. 480$00

Desconto especial de 20% para assinantes de CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Estudos dos principais aspectos económicos, estratégicos e políticos do combustível que condiciona o sistema industrial contemporâneo.
Origens, resenha histórica, situação actual, perspectivas

Uma Edição da
TRICONTINENTAL EDITORA, LDA.
Calçada do Combro 10 1.º
Telef. 320650 320751
1200 LISBOA

Caixa Económica Operária
COOPERATIVA DE CRÉDITO E CONSUMO
FUNDADA EM 1876
RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA POR PORTARIA DE 12 DE JULHO DE 1928

CONVOCATÓRIA

Convoco a ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA a reunir em 1.ª convocação às 21 horas e trinta minutos do dia 28 do corrente mês, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

ELEIÇÃO PARCIAL DOS CORPOS GERENTES nos termos da alínea b) do Artigo 21.º e do § 3.º do Artigo 15.º dos Estatutos.

Se à hora indicada não estiver presente o número legal de sócios, a ASSEMBLEIA reunirá em SEGUNDA CONVOCATÓRIA meia hora depois com qualquer número de sócios.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ERNESTO JOÃO DA COSTA FIGUEIREDO TEIXEIRA

A ILUMINANTE
AV. ALMIRANTE REIS, 6 — LISBOA
R. SANTO ILDEFONSO, 197 — PORTO
Desejam a todos os seus Clientes e Amigos, Feliz NATAL e próspero ANO NOVO

Penitenciária de Lisboa: detidos do caso FP-25 expõem a comissão da AR não cumprimento da lei

Vinte e sete detidos no Estabelecimento Prisional de Lisboa (EPL) solicitaram ao presidente da Comissão Parlamentar dos Direitos, Liberdades e Garantias que reponha a lei naquele estabelecimento.

Em exposição ontem enviada ao presidente daquela Comissão da Assembleia da República, os detidos, alegadamente implicados no processo das FP-25, afirmam que a ausência de regulamento interno no EPL não acontece por acaso.

«Passados cinco anos de ter sido aprovado o decreto-lei que determina a existência de um regulamento interno, ele não existe. Não é por acaso, mas para que algumas pessoas usurpem poderes e se governem à custa de outros implementando sistemas de repressão» – afirma o documento.

Na exposição, os detidos enumeram ainda a falta de condições de higiene nas instalações do EPL, nomeadamente nas celas e no refeitório e sublinham que a situação de habitabilidade se agrava cada vez mais.

«Na ala A, onde estamos, para 92 detidos existem duas latrinas turcas» – acrescentam os presos que afirmam ser «infra-humanas as condições de higiene pessoal».

Lamentam ainda a ausência de «qualquer programa de educação e reinserção social na EPL, onde, para o efeito, existem verbas, funcionários e meios que, referem «não se entende onde são utilizados ou dissipados».

Autarcas socialistas atacam presidente de Elvas

A Federação Distrital de Portalegre do Partido Socialista, no encontro de autarcas do concelho de Elvas, realizado recentemente, reconheceu as virtualidades do Poder Local e a sua importância para as regiões quando esse poder se exerce em função das necessidades reais e carências das populações, segundo o comunicado distribuido à Imprensa. Nesse comunicado foram tecidas duras críticas ao actual Executivo elvense e principalmente ao seu presidente que, como representante da APU/PCP, não tem vindo a cumprir as promessas que fez à população.

« O imobilismo, a ausência de condições de funcionamento em equipa com os vereadores, o subaproveitamento dos recursos disponíveis, a distribuição ou reforço de verbas por afinidades partidárias e a indiferença perante os problemas das populações fora da área de influência comunista fizeram desta gestão, da responsabilidade da APU, das piores do após 25 de Abril», afirmaram os autarcas socialistas.

Durante o encontro foi ainda criada uma coordenadora autárquica, que terá como representantes os eleitos pelo Partido Socialista e a secção local, propondo-se articular todo o trabalho concelhio, bem como proceder ao levantamento das dificuldades e desejos das populações, tendo em vista a elaboração de um programa de intervenção autárquica.

Foi ainda decidido que nas próximas eleições autárquicas o Partido Socialista apresentará um projecto de renovação e relançamento do concelho, «contrariando os meros desejos de conquista do poder, quer no seu interior quer através de outras candidaturas formuladas sob esta óptica».

Na mesma reunião os autarcas socialistas reconheceram «o empenhamento e contributos positivos para o concelho dados por parte do secretário do Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, o governador civil, dr. Casal Ribeiro, e os deputados socialistas pelo círcuito eleitoral de Portalegre».

Por fim, os mesmos autarcas decidiram informar a população, e particularmente os habitantes da freguesia de S. Brás e S. Lourenço, «tradicionalmente socialistas», que o presidente da Junta de Freguesia, apesar de eleito pelas listas do PS, «não soube ser fiel aos seus compromissos e eleitores, pelo que o Partido Socialista lhe retira todo o seu apoio».

Presidente de Pinhel responsabiliza oposição

O presidente da Câmara de Pinhel, Alfeu Campos, disse à NP que a actividade do executivo municipal se encontra bloqueada devido à actuação dos vereadores da oposição.

«A Câmara possui cerca de 40 mil contos depositados em instituições de crédito, os quais não puderam ainda ser utilizados devido ao desentendimento existente entre os vereadores» – acrescentou.

Alfeu Campos sublinhou que o desenvolvimento do concelho está a ser prejudicado devido à actuação dos quatro vereadores de oposição (dois PSD, um PS e um PCP).

«Esses vereadores chegaram ao ponto de realizar uma reunião na terça-feira, a qual não tem qualquer credibilidade devido à ausência dos outros vereadores e do presidente do executivo» – frisou.

Salientou que o orçamento camarário para 1985 se encontra em situação de impasse em resultado da obstrução dos vereadores de oposição.

Na cidade da Amadora

Comemoração da viagem aérea Lisboa-Timor-Lisboa

Foi há 50 anos, no dia 25 de Outubro de 1934, que no aeródromo da Amadora, onde estava instalado o Grupo de Esquadrilhas de Aviação «República», num avião tipo DM «Leopard Moth» com motor Gipsy Major de 130 cv, pilotado pelo tenente Humberto da Cruz e o sargento mecânico Gonçalves Lobato, teve início a viagem aérea Lisboa-Timor-Lisboa.

Percorridos 42 670 km, com 48 aterragens durante o percurso efectuado, no que foi o voo mais longo da história da aviação portuguesa, regressaram a 21 de Dezembro. É esta histórica proeza que a Câmara Municipal da Amadora comemora, amanhã, dia 21 de Dezembro, às 15 horas. A cerimónia terá lugar no Parque Delfim de Guimarães, junto à lápide evocativa do aconteci mento.

Os corpos estavam amarrados e com golpes profundos

Casal e filhas assassinados no Brasil

Os cadáveres de um casal de emigrantes portugueses e das suas duas filhas foram encontrados na sua residência, no Rio de Janeiro. Os corpos apresentavam profundos golpes de faca e estavam amarrados, tendo as autoridades policiais brasileiras considerado o assassínio colectivo como «um acto de vingança, levado a cabo com crueldade».

Casimiro dos Santos Machado, de 50 anos, natural de Travanas, alfaiate de profissão, emigrara há vinte e cinco anos para o Brasil com a sua mulher, Conceição de Jesus, de 42 anos. Quanto às duas filhas do casal eram Rute, de dezoito anos, e Regina, de dezassete.

de ontem para hoje

Câmara de Fafe pressiona Ministério da Justiça

A Assembleia Municipal de Fafe concluiu pela criação de um segundo juízo no tribunal judicial daquela comarca do distrito de Braga. A decisão foi tomada pelo facto de o expediente ter triplicado nos últimos dez anos sem que o número de magistrados registasse qualquer alteração. Ficou acordado que caso esta reivindicação não seja atendida, uma delegação constituída pelo juiz de Direito da comarca, autarcas e representante da Ordem dos Advogados de Fafe se deslocará ao Ministério da Justiça. Na mesma reunião foi aprovada uma moção da APU condenatória do licenciamento de máquinas de diversão e em que sugere que tais licenças não sejam renovadas.

Morta por agressão de soldado da FAP

Uma rapariga de treze anos, Paula Cristina Ferreira Ramos, morreu no Hospital de Santa Maria, após ter sido agredida no passado sábado com uma corrente na cabeça pelo primo, e companheiro de uma das suas irmãs, o soldado da Força Aérea António Ramos Antunes. A agressão ocorreu no Bairro das Galinheiras, quando Paula Cristina tentou evitar que o primo batesse com a corrente no seu pai. A jovem sucumbiu a um traumatismo craniano. Posteriormente, a sua irmã Maria Teresa Freire Ramos abandonava António Ramos Antunes, havendo ingerido comprimidos em excesso pelo que teve de ser socorrida no mesmo hospital.

Novo cemitério em Vila Real

Vila Real irá dispor de um terceiro cemitério. A iniciativa da abertura do novo cemitério corresponde ao definitivo afastamento da hipótese de se alargar um dos já existentes, o de Santa Iria, projecto inviabilizado, segundo o município local, pelo surto de construção verificado em seu redor. A Câmara de Vila Real procede presentemente à escolha do terreno ideal para o cemitério.

Contrabando em Sabugal e Portimão

A Guarda Fiscal apreendeu, na região do Sabugal, 131 cabeças de gado em Malhada Guisa e 170 em Entremontes, provenientes de contrabando de importação num valor total estimado em dois mil e cem contos. O gado era conduzido a partir de Espanha pelos seus pastores que, à aproximação dos elementos da Guarda Fiscal, se puseram em fuga. Entretanto, a GF apreendeu a duas estrangeiras, em Portimão, 76 anéis e um relógio, tudo no valor de 500 contos.

Assassinou a mulher em Setúbal

Numa rua de Setúbal, um homem de 42 anos, Dario da Conceição Costa, matou a tiro a mulher, Aurélia Conceição Martins e mais tarde na esquadra disparou sobre si próprio. Conduzido ao hospital daquela cidade, Dario Costa encontrava-se esta manhã já livre de perigo, mas ainda sob vigilância médica. Na origem do crime parecem ter estado motivações de índole passional.

Atirara a amante para um poço

O Tribunal Judicial de Coimbra condenou em 19 anos de prisão um indivíduo que, em Junho passado, matou a amante, em Alcarraque, agredindo-a e atirando-a, como então noticiámos, para dentro de um poço com uma pedra de cerca de trinta quilos atada ao corpo. O réu, Carlos Simões, de 25 anos, foi ainda condenado ao pagamento de uma indemnização de 620 contos aos dois filhos da vítima, Aida de Carvàlho, de 23 anos, que estava separada do marido e se dedicava à prostituição.

Fulminantes recuperados em Penamacor

A Guarda Fi^cal apreendeu em Penamacor mais de metade do milhão e meio dos fulminantes roubados, no início deste mês, em Mealhada, ao armeiro Hermenegildo Madeira de Oliveira. Os fulminantes eram transportados numa carrinha Ford Transit, cujo condutor foi detido.

Motorizadas e bicicletas roubadas

Na Secção de Justiça da PSP de Lisboa (Inquéritos Preliminares), na Rua dos Duques de Bragança, 5-H, encontram-se depositadas quatro motorizadas, quatro bicicletas, pedais, depósitos de gasolina, guarda-lamas, guarda-correntes, e outros artigos provenientes de furtos que serão entregues aos seus proprietários. As motorizadas são das marcas Mobilete, Casal, Sachs e Motobil. Quanto às bicicletas, duas são Tip-Top, uma Berline e a outra não tem marca referenciada.

Operavam sobretudo na região de Barcelos

Dois alemães detidos por tráfico de haxixe

A Polícia Judiciária de Braga deteve em Pousa dois alemães ocidentais, Joseph Loucheman e Andreias Loucheman, que se dedicavam ao trágico de droga no concelho de Barcelos.Para além das prisões, a PJ apreendeu marcos no valor de cerca de três mil contos e pesetas no montante de alguns milhares de escudos, bem como cerca de um quilograma de haxixe.

Na sequência de diligências levadas a cabo no lugar de Pousa, a PJ veio a apreender 540 gramas de haxixe que os cidadãos alemães tinham fornecido a crédito a um residente de apelido Carlos. Identificadas anteontem, com a colaboração da Secçãao Regional de Investigação de Tráfico de Estupefacientes da Directoria do Porto, apurou-se que Jospeh e Andreias se faziam transportar num luxuoso «BMW» no interior do qual foi encontrado um revólver com as respecitvas munições. Numa busca ao veículo a PJ encontrou envelopes fechados contendo ao todo 55 mil marcos cerca de seis mil contos e alguns milhares de pesetas bem assim como a chave do hotel em que se encontravam hospedados, em Barcelos. Nesse quarto, a PJ apreendeu mais 500 gramas de haxixe no valor de cerca de 270 contos, para além de uma balança destinada a pesagem dos estupefacientes.

Os dois alemães foram presentes ao juiz de instrução Criminal de Braga que manteve a sua prisão sem o recurso a caução.

Por actuação antieconómica

Comerciantes condenados à beneficência

Comerciantes processados pela Inspecção Económica, por várias infracções, foram condenados em tribunal a multas e penas de prisão substituíveis por doações a várias entidades.

Um dos casos registou-se na Póvoa de Varzim, onde o tribunal condenou dois comerciantes por contrabando de circulação de pescado.

Um dos réus foi condenado a uma multa de mais de 640 contos ou 300 dias de prisão, sendo a pena suspensa pelo período de três anos com a condição do réu entregar no prazo de dois meses um total de 95 contos a entidades tão diversas como o Estado, os Centros de Terceira Idade de Caxinas, de Vila do Conde e do Asilo de São Francisco, bem como a Caixa de Previdência dos Pescadores e a Mútua dos Pescadores.

O outro réu, condenado a uma multa de 607 contos ou 300 dias de prisão, recebeu sentença igual.

Outras acções da inspecção económica referem-se à apreensão por abate clandestino de 895 quilos de carne de bovino, no valor de mais de 500 contos, que se encontravam numa câmara frigorífica na área de Lisboa.

A carne apreendida foi transformada em farinha para a alimentação animal.

Em Penafiel a proprietária de uma confeitaria foi condenada em tribunal por abate de coelhos sem terem sido submetidos a inspecção sanitária.

"Excessos castrenses" no seio da GNR e da PSP

Tomé Pinto e Eduardo Pereira questionados por afirmações polémicas

Em dois actos próximos no tempo, os responsáveis pelo Ministério da Administração Interna, eng.º Eduardo Pereira, e pela GNR, general Tomé Pinto, usaram da palavra, tendo o primeiro afirmado que «no quadro político actual, os elementos da PSP se deverão abster de actividades sindicais» e o segundo que «não será fácil o trabalho dos quadros da GNR numa sociedade onde abundam as quezílias e as provocações, a falta de compreensão entre pessoas e grupos, onde as paixões exarcebadas provocam permanentemente discussões, em que não é raro encontrar uma fauna de drogados, neuróticos, oportunistas, propagandistas e manipuladores da opinião pública».

General Tomé Pinto e eng. Eduardo Pereira

Sobre o discurso de Tomé Pinto escreveu em editorial o «Diário de Notícias»: «Não nos parece que uma cerimónia de compromisso de honra de novos soldados da GNR seja o local mais adequado para pintar de negro a sociedade portuguesa (...) A enfatização dos males e vícios de que enferma a sociedade não parece, na verdade, ser a melhor maneira de estimular forças militares ou paramilitares para o cumprimento dos seus tenda, efectivamente, dividir a comunidade nacional em povo civil e povo fardado, arrumando dum lado os defeitos e enaltecendo do outro as virtudes, num maniqueismo que só poderá desculpar-se se motivado por ingenuidade ou imprevidência». E conclui o articulista do jornal dirigido por Mário Mesquita: «São excessos castrenses que convém evitar, sob pena de se reabrirem confrontos quando o caminho desejável é o do reencontro da sociedade portuguesa».

A posição da OIT

No que se refere à intervenção de Eduardo Pereira, durante a cerimónia do início das actividades do primeiro curso de oficiais da PSP, na recém-criada Escola de Polícia, a Comissão Pró-Associação Sindical da PSP distribuiu hoje um comunicado no qual recorda que, ao afirmar que «no quadro político actual os elementos da PSP se deverão abster de actividades sindicais», o titular do MAI está a aceitar implicitamente que «no quadro legal os elementos da PSP poderão ter um Sindicato.

A posição de Eduardo Pereira, ainda que na inversa, recorda a Comissão, vem, aliás, confirmar «o conteúdo da recente decisão do Comité de Liberdade Sindical da OIT, relativamente à queixa apresentada pelos activistas, sindicais da PSP».

«Com efeito – frisa o comunicado – este Comité entendendo por bem não se debruçar sobre o funcionamento da queixa, dada a dependência de recursos sobre a inconstitucionalidade das leis que impediam a sindicalização, não deixou de exprimir a esperança de que o Estado português «adoptará as disposições determinando com precisão o alcance dos direitos sindicais da PSP, em conformidade com o que dispõe o Artigo 9.º da Convenção n.º 87 da OIT, pois uma coisa são as restrições ao direito sindical e a outra é a negação do próprio direito sindical».

Tomé Pinto e Eduardo Pereira: dois discursos que é, de facto, necessário comentar.

Manuel Geraldo

ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA DE OBRAS SOCIAIS E CULTURAIS (SCRL)

RUA CASTILHO, 203 – TEL. 65 65 17
1000 LISBOA

AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao ponto 2 do Artigo décimo quinto dos Estatutos é convocada para as 16 horas e 30 minutos do dia 27 de Dezembro a Assembleia Geral Ordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO — Discussão e votação do Orçamento de 1985

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Ilegível

ABRIU A CAÇA AOS... FANTASMAS!

No passado fim-de-semana, da Praça do Chile ao Cinema Império e da Praça dos Restauradores ao Cinema S. Jorge, os lisboetas puderam assistir a uma caçada inédita.

Numa iniciativa da distribuidora de filmes Columbia, da discográfica Dacapo e do GAV — Gabinete de Audio-Visuais e Publicidade, os «Ghostbuster» (Caçadores de Fantasmas), jovens intrépidos e futuristas, perseguiram, ao som da música, uma indomável figura branca que não aterrorizou, mas que dispôs bem muitos dos transeuntes que assitiram, atónitos, à epopeia.

No âmbito da promoção do filme (já em exibição em Lisboa) e do disco, os Caçadores afirmam:

— «Estamos aqui para acudir a qualquer chamada para dar caça aos fantasmas... e não só.»

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

— **O** *outro – disse o sujeito da gravata às pintinhas –* ***o outro costumava dizer que resistia a tudo menos às tentações. Essa é a divisa dos fracos. Assim ninguém vence na vida.***

Aconchegava nas mãos ossudas o copo de uísque onde, de quando em quando, molhava os lábios.

Lembraram-lhe que ele próprio não resistira ao ***scotch****. Respondeu que não havia mérito nenhum nisso, pois nem sequer apreciava: bebia apenas para fazer sala, para ajudar à tentação dos outros...*

Na realidade, não era notícia para mim. Um homem que chega a ***leader*** *(como agora se diz) de tamanha organização, tem poderes. Alguns conhecia-os eu de ginjeira. O dinheiro, por exemplo. Aumentava os seus colaboradores directos num balúrdio de massa; os colaboradores contraíam obrigações correspondentes; a partir daqui, tinha-os na mão: eles não podiam levantar a grimpa, sob pena de ficarem soterrados pela avalancha dos compromissos a satisfazer.*

– Ultimamente *– e sorriu para dentro do copo –* ***tenho usado um sistema infalível.***

E voltou-se para mim:

– O «quoruntismo», já ouviu falar?

Respondi que nunca. Cheirava-me a doença. Aliás, desde que vi aquele programa na televisão em tudo vejo «a doença dos pezinhos». A televisão é coisa danada. Vai passar muito tempo, por exemplo, até que eu possa comer salsichas enlatadas depois de ver a primeira emissão das «Hermanias». A TV mata a inocência de tudo.

Explicou como era fácil. Suponhamos que na organização dele avançavam com moções adversas. Que é que ele fazia?

– Deixo andar. Eles assanhados, truculentos e eu, pois sim, ralem-se! A votação adiada para mais logo, para mais logo, assim e assado, o tempo a correr, dez horas, onze, meia-noite, uma hora da manhã, duas da manhã. Começa a debandada. Uns moram longe, outros as mulheres, enfim: o sono. Às quatro da manhã, não há quorum e pronto, os franganotes ficam depenados.

Pousou o copo no mármore da mesa, traçou as pernas:

– Na última reunião, alta madrugada, não estavam na sala nem os proponentes da moção...

Ajeitou o nó da gravata:

– Pois é. Há quem resista a tudo, menos à tentação do sono. Lixam-se...

1984 INTERNACIONAL

Dossier **CLARA VIANA**

Da morte de Iuri Andropov à reeleição de Ronald Reagan, do assassínio de Indira Gandhi ao do padre Popieluszko, o «ano orwelliano» transporta, ao chegar ao fim, uma enorme carga de violência e de mudança... para pior. A recessão mundial, o milhão de mortos previstos para a Etiópia, a fragilidade das economias europeias face ao mundo multipolar que o dólar ainda perturba mas já não regula, não são de molde a deixar-nos optimistas, nestes dias que são inevitavelmente de balanço e poderiam, igualmente, ser de esperança. Hoje e amanhã, o «DL» revisita os principais momentos de 1984: eles ajudam-nos a situar-nos face ao futuro próximo...

RFA: políticos na lista de pagamentos do consórcio Flick

Se o escândalo que, na Itália, ameaça a classe política, se chama Mafia, na Alemanha Federal ele denomina-se Flick: o consórcio industrial que, nos últimos dez anos, tem passado para as mãos dos dirigentes liberais, democratas-cristãos e sociais-democratas, avultadas quantidas de dinheiro em troca de isenções fiscais e de cobertura «legal» para a fuga aos impostos. Perante a comissão de inquérito parlamentar, fundamentalmente dinamizada pelos «Verdes», têm desfilado os «homens de proa» da política alemã-federal e o menos que se pode dizer é que o «escândalo Flick» ameaça seriamente a coligação cristã-liberal no poder.

À conta dos pagamentos do consórcio Flick, os liberais já perderam um ministro, o conde Otto Lambsdorff, que detinha a pasta da Economia, e os democratas-cristãos o presidente do Bundenstag, Rainer Barzel, que apresentou a demissão do cargo em Outubro passado. Na berlinda estão agora o chanceler Helmut Khol e o vice-chanceler Hans-Dietrich Genscher. Ambos compareceram perante a comissão nos primeiros dias de Novembro, tendo Khol reconhecido que, entre 1975 e 1980, recebeu dádivas do consórcio Flick no valor de 565 000 marcos (cerca de 30 mil contos).

Resta agora comprovar se os pagamentos foram feitos em troca de contrapartidas políticas. Khol e Genscher negaram-no, mas não foram suficientemente convincentes e, em breve, poderão ter de comparecer de novo perante a comissão de inquérito.

Aliás, o chanceler alemão-federal terá ainda de explicar se estava ao corrente das transacções que, em 1973, levaram Barzel a demitir-se da presidência do CDU, cedendo-lhe o lugar, mediante uma «indminização» do célebre consórcio.

Mas se o CDU e os liberais do FDP são os preferidos na lista de pagamentos do Flick, os sociais-democratas não escaparam à generosidade do consórcio. Segundo consta, o SPD teria recebido cinco milhões de marcos (263 mil contos)... Tudo indica que para Flick contariam sobretudo as boas relações com o poder político fosse ele ocupado por conservadores ou sociais-democratas e que para tal escolheu uma das poucas «linguagens universais»: o dinheiro.

Khol mostrando os bolsos vazios

Etiópia: fome condena à morte um milhão de pessoas

Crianças na zona da morte

De repente o Ocidente viu-se confrontado com imagens de terras desérticas «povoadas» por seres humanos que têm uma esperança de vida de poucas horas ou alguns dias mais. Foi em Outubro passado. As imagens então difundidas pela BBC lançaram o alerta na «sociedade da abundância». A partir dessa data tornou-se impossível ignorar uma situação até então silenciada por motivos políticos.

Etiópia: três anos de seca consecutiva levaram a que a fome ameace hoje seis milhões e meio de pessoas. Aí morrem seis a sete mil por dia. Em Moçambique, a fome já vitimou 200 mil pessoas. No continente africano, 150 milhões de pessoas sofrem de subnutrição.

Em Março passado, o presidente etíope, coronel Hailé Marion, lançou o alerta: «Se os países ricos não nos ajudarem a seca produzirá dezenas de milhares de mortos.» A constatação não o impediu, no entanto, e segundo denunciaram recentemente jornalistas ocidentais, de gastar entre 100 a 150 milhões de dólares nas celebrações do décimo aniversário da revolução etíope, em Setembro passado.

Se as responsabilidades de Marion começam agora a ser apuradas, as do Ocidente já o estão. Foi o próprio ministro britânico para o Desenvolvimento que o confirmou: os países ocidentais boicotaram o auxílio à Etiópia, quando a situação se começou a tornar crítica, por não lhes agradar o governo marxista do país. Antes, o antigo presidente da organização voluntária «War on Want» declarou ter provas de que os governos britânico e norte-americano ignoraram propositadamente os pedidos de auxílio de emergência feitos pelo governo etíope há mais de um ano. Porquê? Simplesmente porque esperavam que a fome fizesse ao governo de Marion o mesmo que fez ao imperador Huilé Selassié, derrubado em 1974 depois de dois anos de seca que vitimaram meio milhão de pessoas.

A dimensão da tragédia tornada pública no último trimestre de 1984 obrigou os governos ocidentais a um «volta-face». A CEE, o Canadá, a Austrália, os Estados Unidos apressaram-se a libertar fundos de auxílio. Mas os «dados já estavam lançados»: calcula-se que até ao fim do ano terão morrido, na Etiópia, um milhão de pessoas.

Ofensiva contra a Mafia ou o fim dos intocáveis

Acabou o reinado dos intocáveis: esta a grande novidade da ofensiva contra a Mafia desencadeada pelas autoridades italianas e que ainda «a semana passada levou à cadeia mais de 100 pessoas. O cepticismo que no início reinava deu lugar à certeza de que o poder da Mafia foi duramente atingido: já não são só os «homens de mão» os visados pelo Estado, mas também os chamados «colarinhos brancos» do crime. Actualmente encontram-se detidos ou sob inquérito altos funcionários da magistratura, políticos, importantes homens de negócio e polícias. Mas a procissão ainda está no átrio e até à Primavera de 1985, altura em que serão julgados 121 assassínios aos quais a Mafia esteve ligada, «muitas cabeças irão rolar». Isto se tudo continuar a andar como nos últimos meses de 1984. Com efeito, ainda não é certo que a ofensiva agora desencadeada não vá sofrer um retrocesso e há quem tenha sérias dúvidas sobre a possibilidade de se pôr termo a um poder de décadas fortemente enraizado na Sicília e com ramificações por toda a Itália e a nível internacional. Ramificações que, como toda a gente sabe, a serem postas a nu, implicaram a queda de altas figuras do mundo da política e das finanças.

Para já, a Democracia-Cristã italiana é a força mais afectada pela operação Antimafia, o que não iliba outros partidos, como o Socialista e o Liberal, que também já forneceram alguns nomes sonantes para a lista dos presos e de suspeitos de actividades relacionadas com a Mafia.

Se a vaga de prisões se iniciou em Janeiro, o mês forte da ofensiva contra aquela organização foi, sem dúvida, Setembro. Pode-se mesmo dizer que tudo começou quando um padrinho da Mafia, Bocetto, se decidiu a colaborar com a magistratura de Palermo. As suas confissões encheram três mil páginas de relatório e permitiram a emissão de 366 mandados de captura. Por detrás da denúncia de Bocetto e dos êxitos da ofensiva das autoridades estão, sem dúvida, a crise da Mafia que estalou no início dos anos 80 com a guerra sangrenta entre clãs e a onda de grandes assassínios em Palermo, nomeadamente o do general Della Chiesa, que obrigou o Estado italiano a reagir em força.

ACADEMIA DE MASSAGENS E ESTÉTICA PROFISSIONAL

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Massagens e Fisioterapia - Esteticismo - Cabeleireiro
Auxiliar de Clínica - Calista - Manicura - Depilação e Puericultura

LISBOA – Av. Miguel Bombarda, 147, 2.º, Dt.º – Tel. 55 40 87 -56 12 53
LEIRIA – Rua Paulo VI, 14, 1.º – Tel. 2 26 33
COIMBRA – Rua do Brasil, Casa A – Tel. 2 32 09
TOMAR – Centro Comercial Templários, Loja 108

MURPI Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos

Reformados dos Distritos de Lisboa e Setúbal

TODOS À MANIFESTAÇÃO

«MARCHA DE FOME»

Sábado, 22 de Dezembro

Concentração às 11.30 horas no Terreiro do Paço

A LUTA É DE TODOS

Por

Pensões dignas, habitação social e Serviço Nacional de Saúde gratuito.
Contra a fome, a miséria, o aumento das rendas de casa.
Por justiça Social, uma nova política.

UM NOVO GOVERNO.

NÃO FALTES, TODOS UNIDOS VENCEREMOS!

Flash COLOR

A. C. BRITO & IRENE, LDA.

FOTOGRAFIA
CINEMA E SOM

Av. António Augusto de Aguiar, 11-A
Telefone 54 40 19 – 1000 LISBOA

DESEJAM AOS SEUS EX.mos CLIENTES E FORNECEDORES

Festas Felizes

1984 INTERNACIONAL

Líbano: fim da Força Multinacional

No final de Março, a Força Multinacional, composta por contingentes dos Estados Unidos, França, Itália e Grã-Bretanha, abandonava o Líbano sem que nenhum dos objectivos que justificaram a sua criação tivesse sido alcançado. No próprio dia, 17 de Fevereiro, em que Reagan assinava a ordem de reembarque dos 1600 «marines» estacionados em Beirute, a parte ocidental da capital libanesa encontrava-se sob o controlo das milícias chiitas, drusas e sunitas, todas elas reclamando a demissão do presidente Amin Gemayel.

Mas os «marines» não abandonaram pacificamente o Líbano. Pelo menos, por três vezes, em Fevereiro, os contratorpedeiros «New Jersey» e «Caron», estacionados ao largo de Beirute, bombardearam posições antigovernamentais na montanha a leste da capital libanesa. Era o «presente» de despedida. Já então o governo do primeiro-ministro Chaffic Wazzan se tinha demitido, assolado ele também pela deserção de ministros muçulmanos que, à semelhança de soldados do Exército libanês, respondiam assim favoravelmente ao apelo lançado pelos chiitas.

Meses depois, em Setembro, era a vez da organização Jihad islâmica entrar de novo em cena, repetindo a proeza de 1983: um «comando suícida» faria rebentar, junto da nova Embaixada dos Estados Unidos, em Beirute, um carro armadilhado com o equivalente a 160 quilos de TNT. Ironicamente, o novo edifício tinha sido considerado, pouco tempo antes, como «um dos mais bem guardados do mundo».

Entretanto, o ano de 1984 está a chegar ao fim sem que o novo governo libanês de «pacificação nacional», presidido por Rashid Karame, tenha conseguido a retirada das tropas israelitas do Sul do Líbano, ocupado desde 1982.

A longa greve dos mineiros britânicos

Para os mineiros britânicos o ano termina como praticamente se iniciou: ao fim de dez meses, a greve desencadeada em Março persiste sem que se vislumbre qualquer tipo de solução para o conflito que opõe os mineiros à Junta Nacional do Carvão e ao governo de Margaret Thatcher.

Presidida por Ian McGregor, o «velhote importado da América», segundo a classificação de um bispo inglês, a Junta Nacional de Carvão não alterou até agora os planos de retracção da indústria que levaram os mineiros à greve. Esses planos apontam para o encerramento imediato de vinte mil postos de trabalho. Cálculos feitos pelo NUM — Sindicato Nacional dos Mineiros — revelam que o objectivo final de McGregor é o despedimento de 70 mil homens.

Conhecidos como uma das classes mais reivindicativas e mais coesas da Grã-Bretanha, os mineiros não lograram, até agora, com a sua greve, resultados semelhantes a acções anteriores. Em 1974 e 1979 elas levaram, por exemplo, à derrota e demissão de dois primeiro-ministros, um conservador e outro trabalhista. Também aqui Thatcher faz justiça ao seu cognome «dama de ferro», não cedendo no seu apoio a McGregor, por ela nomeado presidente da Junta Nacional de Carvão (as minas são nacionalizadas).

Entretanto, e ao fim de um tão longo período de paralisação, o NUM já esgotou praticamente os fundos que lhe permitiam pagar os subsídios de greve e os «salários» dos piquetes, o que pode levar a um aumento do número de «furas». Mas, sejam quais forem os acidentes de percurso, a greve de 1984 passou já à história como a mais longa de sempre na Grã-Bretanha. Também quase sem precedentes, parece ter sido a brutalidade das intervenções das forças policiais contra piquetes de greve, o que lhes originou um processo levantado pelo NUM.

AMANHÃ:

A reeleição de Reagan ● Regressos à democracia na América Latina ● O assassínio de Indira ● De Andropov a Tchernenko ● Israel: a meia-vitória dos trabalhistas

Faça também magia com os cartões unicef

Peter Ustinov, que já criou centenas de personagens, aparece agora nos televisores de diversos países, no papel de mágico da UNICEF.

Ele, que conhece o drama de milhões de crianças carenciadas em mais de cem países, tem artes de transformar os cartões de Boas Festas Unicef em proteínas, vitaminas, vacinas, água, livros. Você também pode fazer o truque.

É simples: basta comprar os cartões.

Milhões de crianças vão aplaudir.

A venda nos seguintes locais:

- Todos os balcões na Caixa Geral de Depósitos e do Banco Nacional Ultramarino.
- Supermercados Pão de Açúcar de Alcântara e Cascais.
- Boutique "A Gala".
- Papelarias Progresso, da Moda e Erasmo.
- Edições Europa-América (Estoril, Queluz e Av. Marquês de Tomar).

Para informações contacte:
COMITÉ PORTUGUÊS PARA A UNICEF
Praça Dr. Fernando Amado, Lote 568 - A
(Zona J de Chelas), 1900 LISBOA
Telefones: 852478 • 852354

Governo francês extradita separatistas bascos

A 23 de Setembro passado, o Governo francês anunciou a decisão de proceder à extradição para Espanha de quatro guerrilheiros bascos acusados por Madrid de terem cometido «crimes de sangue». Foi necessário os socialistas chegarem ao poder, para que pela primeira vez, o Governo francês entregasse à justiça espanhola militantes bascos asilados em França. Era mais um mito que caía: a partir de então, a França deixou de poder ser encarada como «terra de refúgio por excelência».

Mas a extradição dos quatro bascos, concretizada no dia 26 de Setembro, foi «apenas» o culminar de um processo que se traduziu no endurecimento de Paris para com os refugiados da ETA a partir do início de 1984. O ano que agora está prestes a terminar, foi de facto, fértil na área da «guerra suja» movida no País Basco francês e a qual se saldou na prisão de dirigentres da ETA e no assassínio de separatistas bascos «A fraternidade socialista» funcionava assim em pleno, com o governo francês a responder favoravelmente à intensa campanha internacional movida pelo seu homólogo espanhol no sentido de obter uma colaboração activa de outros países na «luta contra o terrorismo».

Acordo de N'Komati: a guerra não terminou

A decorrer em paralelo, dois processos de negociações poderiam ter modificado, este ano, a face da África Austral. Precisando de paz como de pão para a boca (o que no caso equivale a uma e mesma coisa), Moçambique e Angola não refutaram o «súbito» desejo de negociar manifestado pela África do Sul. Das conversações emergiu, vencedora, a nova estratégia norte-americana para a região. Parceiro de negociações, intermediário entre as duas ex-colónias portuguesas e Pretória, os Estados Unidos deixavam o papel de acossador do «leão» sul-africano.

O momento mais significativo de todo este processo foi, sem dúvida, a assinatura por Samora Machel e Roelof Botha de um pacto de não agressão — o acordo de N'Komati. A 16 de Março, Moçambique e a África do Sul comprometiam-se a «proibir e impedir a organização, nos respectivos territórios, de forças não regulares ou bandos armados incluindo mercenários». Tratava-se, para os dois países, de deixarem cair o apoio até então dado à Renamo (Resistência Nacional Moçambicana) e ao ANC (Congresso Nacional Africano). Pouco depois, Moçambique daria ordens aos membros daquela organização para abandonarem o país. Por seu lado, a Renamo viria a aparecer, em Outubro, como parte dialogante nas conversações África do Sul/Moçambique, integrando uma comissão tripartida com o objectivo de garantir a cessação das hostilidades e da violência em território moçambicano. Foi, no entanto, sol de pouca dura: em Novembro, a Renamo abandonava a comissão... As hostilidades, ainda não interrompidas, viriam a intensificar-se. O acordo de N'Komati parece ter fracassado, pelo menos provisoriamente, naquele que parecia ser o seu primeiro objectivo — a paz. Em contrapartida, teve como consequência imediata o relançamento das trocas económicas entre a África do Sul e Moçambique.

Menos espectaculares foram os resultados obtidos por Angola. Embora chegasse a ser oficialmente anunciada, em Novembro, a retirada das tropas sul-africanas do seu território, o processo parece estar agora paralisado. Com efeito, em meados de Novembro, e após uma reunião da comissão mista angolana-sul-africana, anunciava-se a data de 25 de Dezembro como termo da operação de retirada das tropas de Pretória do Sul de Angola, onde se encontram desde Agosto de 1982. Nesse mesmo dia, o contingente cubano estacionado na região iniciaria o seu regresso a Luanda de onde partiria, por fases, para Cuba.

A África do Sul confirmava assim o seu acordo com a proposta de Angola sobre a retirada cubana, que integrava um acordo regional, coordenado pelos Estados Unidos, para pôr fim à administração sul-africana da Namíbia. Objecções posteriores de Pik Botha viriam, no entanto, a paralisar o duplo processo de retirada.

Samora ouvindo o discurso de Botha

O fim da "maioria de esquerda"

Em Julho deste ano, os comunistas franceses abandonavam o governo, encerrando um novo capítulo da história da «união de esquerda» em França. O PCF voltava aos caminhos de 1979, então traçados pelo seu XXIII Congresso, ou seja, a recusa do projecto subjacente àquela união. Por detrás da sua posição estava, sem dúvida, o preço pago pelo PCF pela sua participação num governo cuja política, nos últimos dois anos, se caracterizou por sucessivas medidas de austeridade. Os resultados eleitorais nas municipais de 1983 e nas eleições para o Parlamento Europeu deste ano são disso exemplo. Se a esquerda, no seu conjunto, sofreu um pesado desaire, os comunistas viriam a ser os mais afectados. No último sufrágio não ultrapassaram os 11,3 por cento (o resultado mais baixo desde 1928).

A decisão de romper com um governo no qual participavam desde 1981 foi, no entanto, apressada pela demissão do primeiro-ministro Pierre Mauroy e do seu executivo, a 17 de Julho. Ao «histórico» do Partido Socialista Francês, sucedia, nesse mesmo dia, na chefia do governo, Laurent Fabius, um «brilhante tecnocrata» de 37 anos de idade, autor do plano de reconversão industrial. Plano que implica o despedimento maciço de operários da indústria automóvel, siderúrgica, estaleiros navais, etc.

Foi aliás esse plano que originou uma mudança qualitativa na actuação do PCF desde Fevereiro deste ano. Embora continuando no governo, os comunistas punham fim, na rua, às tréguas que se seguiram à chegada da esquerda ao poder. Com efeito, nesse mesmo mês, a central sindical CGT lançava as chamadas «lutas por sectores». Meses depois, em Abril, o secretário-geral do PCF, integrava, em Paris, a manifestação de operários siderúrgicos da Lorena, contra o «plano zero» do governo que passa pelo despedimento de 25000 pessoas no sector siderúrgico. Os comunistas não poderiam manter, por muito mais tempo, esta contradição.

Polónia: da amnistia ao assassínio de Popielusko

A Polónia chega ao fim de 1984 com um grande julgamento na agenda. Em Torun, cidade próxima de Varsóvia, será aberto em breve, talvez no dia 20, o processo contra os assassinos do padre Popielusko, morto em Outubro passado. Não é ainda a prova conclusiva da veracidade da posição então assumida pelo general Jaruzelski, mas pode ser o seu início. Veio a morte de Popielusko provar que existe no interior do Estado polaco uma facção dura apostada em pôr termo à normalização obtida pelo secretário-geral do POUP e primeiro-ministro polaco? Assim o sugeriram Jaruzelski e o seu ministro do Interior. Assim o entendeu também Walesa.

Mas outras mortes mais recentes pairam agora sobre o julgamento dos assassinos de Popielusko. As de um outro padre, vítima de síncope cardíaca quando estava a ser interrogado pela Polícia, e de dois inquiridores do Ministério do Interior, encarregados do caso Popielusko, vítimas de um «acidente» de viação... Entretanto, o assassínio do padre das «missas pela Pátria», por um capitão e dois agentes do serviço de segurança do Ministério do Interior, levantaria uma outra interrogação: a da existência de um poder dentro de outro, personificado pelos serviços secretos. Esta questão foi, aliás, uma das primeiras a ser levantada pelo Comité Central do POUP que exigiu ser informado sobre a autonomia dada a esses serviços e foi ela também que parece ter motivado a nova missão atribuída a Jaruzelski – o controlo dos serviços de segurança polacos.

Jaruzelski recebeu na prática, com a morte de Popielusko, uma machadada nos seus planos de «normalização» iniciados com a amnistia de Julho e da qual beneficiaram mais de 600 pessoas. Foi essa mesma «normalização» que justificou a re-

Wojciech Jaruzelski

cente libertação do número dois do Solidariedade, Bogdan Lis. Com efeito, a sua permanência na prisão impediria o que parece ser o objectivo número um da amnistia: o restabelecimento de relações políticas e económicas normais com Washington e com os seus parceiros europeus da NATO. Em jogo está o levantamento das sanções e o termo da suspensão aos créditos alimentares impostos à Polónia quando da proclamação da lei marcial, em Dezembro de 1981, bem como a possibilidade daquele país poder celebrar em breve um acordo com o FMI.

Nicarágua: as eleições e o fantasma da invasão

Cinco anos depois de terem tomado o poder pelas armas, os sandinistas viram, como se esperava, o seu Governo legitimado pelas urnas: as eleições de 4 de Novembro passado, na Nicarágua, foram inequívocas a este respeito: os sandinistas, com 66,97 por cento dos votos, obtinham 61 dos 96 lugares da Assembleia Constituinte e o seu candidato presidencial, Daniel Ortega, alcançava uma esmagadora maioria. Inequívoco também foi o fracasso da estratégia preconizada pelo braço legal de Washington no país – a Coordenadora Democrática, que no princípio de Novembro perdia em duas linhas: não só não conseguiu mobilizar o eleitorado para a abstenção que se ficou nos vinte por cento, como não alcançou arrastar outros partidos da oposição conservadora para a sua posição de boicote às eleições. Na verdade, a Coordenadora Democrática sairia derrotada no seu principal objectivo do momento: o desprestígio internacional das eleições nicaraguenses.

Se os sandinistas ganharam a batalha do voto, não conseguiram, como era previsível, afastar a ameaça da invasão do país pelos Estados Unidos. A reeleição de Ronald, Reagan foi, neste âmbito de mau augúrio para o poder de Manágua, como o demonstrou a crise despoletada logo após as eleições norte-americanas, com o envio para as costas centro-americanas de uma frota de 28 navios de guerra e os voos sobre a capital nicaraguense, de aviões espiões dos EUA.

O novo mandato de Reagan começaria assim, no que respeita à Nicarágua sob o mesmo signo do anterior. No entanto, e até Fevereiro de 1985 não lhe será possível reatar a ajuda norte-americana aos grupos armados anti-sandinistas, suspensa, em Outubro, por decisão do Congresso dos EUA. A votação do Congresso representou por si só, um golpe, embora relativo à chamada «guerra encoberta dos EUA, contra a Nicarágua», que este ano teve o seu ponto alto na minagem de portos nicaraguenses pela CIA. Por outro lado, Reagan parece disposto a manter as reticências colocadas em Setembro, à Acta de Paz do Grupo de Contadora que preconiza, entre outros aspectos, a proibição de bases e conselheiros militares estrangeiros na região centro-americana. A posição do presidente norte-americano – tomada logo após a assinatura do documento pela Nicarágua – foi secundada pelos governos das Honduras, El Salvador e Costa Rica. O prato da balança pendeu uma vez mais para os Estados Unidos, ficando por agora, malogrados os esforços encetados pela Europa no sentido de aparecer como uma «terceira força» na América Central e que se traduziram nomeadamente no total apoio dado ao Grupo de Contadora.

As eleições «estavam feitas» desde a queda de Somoza

Quando os serviços secretos resolvem brincar

Entre Londres e o Cairo, passando por Paris, a Líbia foi, este ano, por várias vezes, tema de destaque na Imprensa internacional. Em Abril, um incidente originado pela sua Embaixada na capital britânica levaria a Grã-Bretanha a decidir-se pelo corte de relações diplomáticas. Tinham passado dois meses sobre a ocupação do edifício diplomático por um grupo de «estudantes revolucionários» líbios sem que as autoridades inglesas tivessem conseguido apurar o estatuto de que gozavam. Mas o corte de relações diplomáticas apareceria como consequência directa da morte de uma mulher polícia, atingida por tiros disparados do interior da Embaixada contra uma manifestação de exilados líbios.

Este desaire europeu de Khadafi seria compensado, mais tarde, pela decisão francesa de entabular negociações com a Líbia a propósito do Chade, ignorando nelas o governo de Hissene Habré. A 10 de Novembro, Paris e Tripoli anunciavam oficialmente o «fim das operações de retirada das tropas francesas e líbias», iniciadas em Setembro e que deveriam pôr fim a treze meses e meio de ocupação militar do Chade. Cinco dias depois, Khadafi encontrava-se em Creta com Mitterrand, sob os auspícios do primeiro-ministro grego Papandreou. No entanto, e passado um mês sobre o encontro permanecem no Norte do Chade cerca de três mil militares líbios.

«Vencedor» no encontro de Creta, Khadafi seria, em simultâneo, vítima de uma armadilha montada pelos serviços secretos egípcios. Ao anúncio, pela Rádio Tripoli, da execução, por um «comando suicida», do ex-primeiro-ministro líbio, Hamid Bakish, exilado no Cairo desde 1977, respondeu a Imprensa egípcia com a publicação de uma fotografia de Bakish vivo e de boa saúde. A armadilha tinha resultado. Depois de descobrirem os planos do comando, e de terem detido os seus elementos, os serviços secretos egípcios simularam, com a colaboração de Bakish, a sua morte, tirando-lhe uma fotografia onde este aparecia coberto de sangue. A foto seria enviada aos seus homólogos líbios, acompanhada por uma nota do comando onde se certificava o cumprimento da missão...

Em Creta: alvo de uma «brincadeira» dos serviços secretos egípcios

CHAVE 24, O SEU BANCO
EM SERVIÇO A QUALQUER HORA.
TODOS OS DIAS.

CHAVE 24

Também nos dias
24 e 25

chave 24, um balcão só para si.

Os restantes serviços do Montepio Geral estarão encerrados nestes dias.

MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

APOIO DINÂMICO A GENTE DINÂMICA

Kreisky terá sido o intermediário

Entrevista Gonzalez-Kadhafi em Palma de Maiorca

O chefe do governo espanhol, Felipe Gonzalez, entrevistou-se ontem em Palma de Maiorca, com o presidente líbio Muhammar Kadhafi e com o ex-chanceler austríaco Bruno Kreiski, para debater assuntos de interesse bilateral internacional.

A reunião, de carácter «privado», iniciou-se às 16.45 horas na casa de um banqueiro de Palma de Maiorca e prolongou-se durante três horas. A princípio esteve presente o ex-chanceler austríaco Kreisky, mas, a partir, da segunda hora, Felipe Gonzalez e Kadhafi estiveram acompanhados apenas dos intérpretes e dos chefes de protocolo do governo líbio e espanhol.

Inicialmente admitiu-se que a visita de Kadhafi a Palma de Maiorca tinha por objectivo uma reunião do presidente líbio com o líder palestino Yasser Arafat, mas mais tarde foi desmentida essa informação.

Fontes oficiosas consultadas pela ANOP afirmaram que o encontro, classificado como «importante do ponto de vista político», foi promovido pelo ex-chanceler austríaco, Kreisky, e estava já previsto desde há algum tempo.

A reunião foi preparada no maior segredo e a viagem de Felipe Gonzalez a Palma de Maiorca só foi anunicada às 15 horas de ontem quando o avião do chefe do governo já tinha partido de madrid.

Temas bilaterais e internacionais de importância para as duas partes foram objecto das conversações entre Felipe Gonzalez e Khadafi, que «reciprocamente tinham interesse em conhecer-se» comentaram fontes diplomáticas espanholas.

Inicialmente, estava previsto que a reunião se realizasse na presidência do ex-chanceler austríaco em Maiorca, mas depois o local do encontro foi transferido para a residência do banqueiro Miguel Nigorra.

Muammar Kadhafi chegou a Palma de Maiorca pouco depois do meio dia, acompanhado de uma comitiva de 40 pessoas, instalando-se num luxuoso hotel, onde foram reservados vinte quartos.

A presença em Palma de Maiorca do presidente líbio, prevista até amanhã foi rodeada de fortes medidas de segurança e de reserva quanto aos temas tratados com o chefe do governo de Madrid.

Jalloud em Itália

O «número dois» da hierarquia líbia, major Abdel-Salam Jalloud, acusou a França de ter violado o acordo entre os dois países para a retirada das tropas do Chade.

Falando a jornalistas durante uma visita privada à Itália, Jalloud garantiu que a Líbia «respeitou as suas promessas» feitas ao presidente francês, François Mitterrand.

No entanto, disse que a França violou o acordo ao efectuar missões de reconhecimento no Norte do Chade.

No âmbito do acordo, a Líbia comprometeu-se a retirar três mil soldados que cobriam os apoiantes do presidente chadiano Gukuni Weddeye; por seu turno, a França comprometeu-se a retirar cerca de 3500 militares enviados para aquele país africano a fim de ajudar o governo de Hissene Habré.

Durante a visita a Itália, Jalloud encontrou-se com o primeiro-ministro italiano, Bettino Craxi, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Giulio Andreotti, e foi recebido em audiência pelo Papa João Paulo II.

Frente Polisário

A Frente Polisário, que luta contra Marrocos pela independência do Sara Ocidental, disse hoje em Paris que as suas forças mataram 95 soldados marroquinos e feriram 115 em combates ocorridos na primeira quinzena de Dezembro.

Um comunicado publicado pela delegação em Paris da República Árabe Sarauí Democrática afirma que os seus combatentes desencadearam vários ataques a posições ao longo da muralha defensiva marroquina, que isola as fronteiras da Argélia e da Mauritânia, na parte Norte do disputado território.

Thatcher promete a Hong-Kong o estilo de vida capitalista

A primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher está em Hong-Kong para alegadamente assegurar aos 5,5 milhões de habitantes do território que o seu estilo de vida capitalista será preservado para além de 1997. De referir que nem todos os 5 5 milhões vivem nas referidas condições de vida, muito pelo contrário).

O acordo sino-britânico assinado ontem em Pequim entre Margaret Thatcher e o seu homólogo chinês Zhao Ziyang devolve Hong Kong à China em 1997, após cerca de 150 anos de domínio colonial britânico.

Margaret Thatcher, que se prepara para estar 36 horas em Hong-Kong, chegou aoaeroporto local de Kai Tak acompanhada do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, «sir» geoffrey Howe, e do governador de Hong-Kong, «sir» Edward Youde, que se deslocou a Pequim para assianr o tratado.

A primeiro-ministro britânica era aguardada pelo secretário geral da colónia «Sir» Philip Haddon-Cave, e pelo subdirector dos escritórios da agência «Nova China» em Hong-Kong, Li Chuwen, que actua como cônsul não oficial da China no território.

A senhora Thatcher fará uma declaração numa sessão conjunta dos conselhos executivo e legislativo de Hong-Kong cujos termos ainda não conhecemos, mas onde assegurará, segundo a NP, que a passagem para o domínio chinês não significara o fim do «modo de vida livre».

Margaret Thatcher parte amanhã para Washington, onde terá um encontro com o presidente Ronald Reagan.

A arma nuclear e a paz segundo a «dama de ferro»

Margaret e os seus anfitriões chineses lançaram ontem em Pequim um apelo conjunto aos Estados Unidos e União Soviética para renovarem o seu diálogo sobre controlo de armas.

«Há ainda um longo caminho a percorrer antes de, eles serem capazes de decidir como devem ser realizadas conversações sobre desarmamento e em que foros», disse Thatcher.

Mas a dirigente britânica afirmou acreditar na possibilidade de os avanços técnicos no fabrico das armas nucleares norte-americanas poderem pressionar Moscovo a regressar à mesa de negociações.

«A arma nuclear deu-nos maior paz e segurança do que as conhecidas há muito tempo», disse, segundo a NP.

SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

– A cargo da Notária Licenciada, Maria do Carmo Antunes dos Santos –

C E R T I F I C O

— Que é fotocópia parcial, composta de quatro folhas, extraída para efeitos de publicação da escritura de quatro de Dezembro do ano em curso, exarada de folhas cinquenta e quatro cinquenta e seis verso do livro número Oitenta e seis-F, destas novas, de constituição de uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre Joaquim Paulo Ferreira Relógio, casado; e Víctor Manuel Oliveira Nunes, casado, que se rege pelo pacto constante dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação "PROMOINVESTE — IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E REPRESENTAÇÕES, LIMITADA", sendo a sua duração por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir desta data.

2.º

1. A sociedade tem a sua sede em Lisboa, na Alameda Dom Afonso Henriques, número setenta, terceiro andar, esquerdo, freguesia de São João de Deus.
2. A sociedade pode abrir agências, delegações, sucursais em qualquer parte do País.

3.º

1. A sociedade tem por objecto a Importação, Exportaçao e Representações de tapetes e tapeçarias, veludos, pelúcias, tecidos aveludados com anéis e de froco, fitas, rendas e bordados; Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica e matérias análogas; Objectos de arte e de colecção e antiguidades.

4.º

O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, e de um milhao de escudos, correspondendo à soma de duas quotas iguais de quinhentos mil escudos, pertencendo uma a cada socio.

5.º

Aos socios serao exigiveis suprimentos ou prestaçoes suplementares de capital, na proporçao das respectivas quotas, desde que seja acordado em assembleia geral.

6.º

1. A cessao de quotas, total ou parcial, e livremente permitida entre os sócios.
2. A cessão de qualquer quota ou parte de quota a estranhos à sociedade, depende de previo consentimento desta, dado por escrito, em assembleia geral. Contudo, a sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, a seguir, na proporção das respectivas quotas, gozam do direito de preferência.

7.º

1. A sociedade pode amortizar, mediante deliberação tomada em assembleia geral, por maioria simples, a quota ou parte de quota de qualquer dos sócios nos casos seguintes:
   a) — Quando a quota ou parte de quota for objecto de penhora, arresto ou qualquer procedimento cautelar e ainda quando venha ou possa vir a estar a arrematação ou adjudicação judicial;
   b) — Havendo acordo com o seu titular;
   c) — Por morte ou interdição do sócio seu titular.
2. O preço da amortização será o que resultar do último balanço aprovado.
3. No caso da alínea a) do número um deste artigo, a amortização considera-se realizada mediante o depósito, na Caixa Geral de Depósitos, do valor correspondente à quota ou parte de quota amortizada.
4. O preço da amortização de qualquer quota ou parte de quota amortizada, até a aprovaçao do primeiro balanço, sera o que corresponder ao seu valor nominal.
5. A deliberação sobre a amortização de qualquer quota ou parte de quota será tomada em assembleia geral, no prazo maximo de noventa dias a contar do conhecimento pela sociedade de qualquer dos factos a que se referem as diversas alíneas do número um deste artigo.

8.º

1. A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuner ação, conforme for deliberado em assembleia geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção em conjunto de dois gerentes, para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos.
2. Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer gerente.
3. Qualquer sócio poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência no outro socio ou em qualquer pessoa estranha à sociedade. Neste último caso, exige-se o consentimento do outro sócio.
4. A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os fins previstos no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.
5. É vedado aos gerentes o uso da denominação social, em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida.

9.º

1. A assembleia reunirá, em sessão ordinária, no primeiro trimestre de cada ano; e reunirá em sessão extraordinária, sempre que seja convocada por qualquer sócio.
2. A convocação das assembleias gerais será feita mediante carta registada com aviso de recepção, dirigida aos sócios e expedida com a antecedência mínima de oito dias, salvo se a lei exigir outras formalidades.
3. Qualquer sócio pode fazer-se representar por outro em sessão de assembleia geral, ordinária ou extraordinária, mediante simples carta dirigida à sociedade, até ao momento do início da referida sessão.

10.º

Em tudo o que não estiver previsto neste pacto social, regerá a lei das sociedades por quotas e demais legislação aplicável.

Vai conforme.

Lisboa, onze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e quatro

O Escriturário-Superior
(*Silvina Mora Coelho*)

"DL" 20/12/1984

Gorbachev (na imagem ao lado direito), cumprimenta oos dirigentes da oposição ao governo conservador britânico de M. Thatcher, Denis Healey e Neil Kinnock. Ambos estiveram recentemente em Moscovo. (Telefoto UPI/NPDL»)

Washington confirma abandono da UNESCO

O governo dos Estados Unidos confirmou que abandonará a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) a 31 de Dezembro.

Gregory Newell, porta-voz da Secretaria de Estado norte-americano disse que um dos motivos para o abandono da UNESCO é a «sstranha politização» da organização sob a liderança do secretário-geral. Amadou Mahtar M'Bow, do Senegal.

A UNESCO é uma organização das Nações Unidas responsável principalmente pela protecção da herança cultural dos diversos países e pelo desenvolvimento dos esquemas de educação e capacidade de pesquisa dos mesmos.

Newell disse que a UNESCO continuou a revelar uma «hostilidade endémica» contra instituições que «protegem a liberdade de Imprensa, o mercado livre e os direitos humanos individuais» (sic).

Outro argumento alegado para a ruptura foi o orçamento da organização, na quase totalidade nas instalações de Paris, deixando apenas 20 por cento dos 6000 milhões de contos anuais para o desenvolvimento de projectos em todo o mundo — acrescentou o funcionário da Casa Branca.

Os Estados Unidos têm contribuído com cerca de um quarto do orçamento anual da UNESCO.

Gorbachev em Londres

Ameaça de bomba no Parlamento

A Polícia Britânica isolou ontem as câmaras do Parlamento devido a uma ameaça de bomba durante a visita do «número dois» soviético, Mikhail Gorbachev, revelaram fontes oficiais em Londres.

Um agente no local disse que as autoridades receberam um alerta da existência de bomba num carro estacionado perto do Parlamento, em Westminster, no coração da capital britânica.

Acrescentou que foram chamados peritos em desactivação de bombas para investigar um carro suspeito.

Na sede da Scotland Yard foi impossível saber logo se havia realmente uma bomba no carro ou se se tratava de um falso alarme.

Gorbachev encontrava-se na Câmara dos Comuns, onde se avistou com o líder da oposição trabalhista, Neil Kinmock e outros membros do mesmo partido, e partiu pouco depois de ter sido dado o alarme.

Gorbachev iria comparecer na homenagem junto ao túmulo de Karl Marx. Segundo as informações disponíveis, o acto previsto foi anulado por medidas de segurança.

Vakulukuta contra Savimbi:

África do Sul prende comandante da UNITA

O comandante Vakulukuta, um dos principais chefes militares da UNITA, terá sido preso pelo Exército sul-africano depois de se ter rebelado com os seus três mil militares da etnia cunhama — indica um telex da NP, datado de Windoek e citando «fonte ligada aos movimentos rebeldes angolanos na Namíbia».

Segundo a mesma fonte da capital namibiana, Vakulukuta «é um dos mais antigos chefes militares da UNITA e já não é a primeira vez que se envolve em revoltas» e terá sido o primeiro comandante da UNITA «a entregar armas e munições à SWAPO».

Os seus homens ameaçaram as autoridades de Pretória de que se juntariam à SWAPO se o seu chefe não fosse libertado ileso — indica a citada fonte que refere ainda a existência de relações entre a UNITA e a SWAPO desde a criação da primeira. Ambas partilham nas suas fileiras homens pertencentes à mesma tribo» — acrescenta a fonte.

«A pretensa captura de Jonas Savimbi — refere a NP — pelas Forças Armadas de Luanda foi «um boato posto a circular» pela África do Sul para encobrir a detenção de Vakulukuta.

Savimbi terá sido fortemente ajudado pelos canais diplomáticos da SWAPO, que lhe permitiram passar da Zâmbia para Angola em 1967, numa altura em que as autoridades zambianas proíbiram que a UNITA usasse o seu território para atacar as forças portuguesas em Angola — diz a NP.

DESPORTO

ponta esquerda

Espinho: "chicotada psicológica"

Face à atitude de Américo Violas («Mecenas do clube») que lhe retirou a confiança, o técnico Hernâni Gonçalves deixou o comando da turma do Sporting de Espinho. No clube, os jogadores profissionais ainda não receberam uma parte dos vencimentos de Novembro e o subsídio de Natal. O lugar de Hernâni Gonçalves transita para o adjunto Edmundo Duarte, que não se solidarizou com o chefe.

Setúbal: Aparício irregular no Vitória

O futebolista luso-francês Aparício, que alinha no Vitória de Setúbal, está impedido de continuar a jogar no clube devido a irregularidades na sua transferência entre o Villefranche e o Vitória sadino. O Villefranche exigiu agora ao Vitória de Setúbal três mil contos pela transferência, na sequência de um erro da Federação Francesa na identificação do jogador, o que levou FPF a aceitar a inscrição como válida. A Federação Portuguesa de Futebol comunicou agora ao Vitória, por carta, a nulidade da inscrição de Aparício até que haja acordo entre o Villefranche e o clube português. Não haverá sanções a aplicar ao Setúbal ou ao jogador por parte da Federação Portuguesa, pois o erro partiu da França, salienta a missiva fedeativa. Devido à exorbitância da quantia pedida pelo Villefranche ao Vitória, tudo indica que Aparício não vai continuar na equipa sadina.

Campinense: bruxa, precisa-se!

O Campinense continua em maré de grande azar: no Campeonato Nacional de Futebol da 2.ª Divisão ainda não conquistou qualquer vitória, não tem terreno para treinar, uma carrinha do clube foi lhá um mês quasé espatifada por outro veículo (ficando feridos o jogador Ucha e o treinador João Leitão) e, para cúmulo, ontem, à noite, outra carrinha que levava a turma de reservas para o jogo com o Esperança (em Lagos) foi abalrroada por um camião, ficando muito traumatizado o condutor (o guarda-redes João Luís).

Futebol: Gouveia fora da "Taça" promove assembleia geral

O Clube Desportivo Gouveia não recorrerá da decisão do Conselho de Disciplina na Federação de Futebol que o elimina da «Taça de Portugal» — declara Joaquim Albuquerque, presidente do clube. Na base da deliberação da FPF, está a falta de policiamento ao jogo de Gouveia que motivou a sua não realização. As dificuldades financeiras em que o CDG se encontra são (por sua vez) a principal razão da posição do clube.

Joaquim Albuquerque sublinha que oclube se sente lesado pela decisão da Federação, **uma vez que não prescinde da razão que lhe assiste neste caso.** Aquele dirigente declara ainda que, ao apresentar o recurso, o clube **iria gastar dinheiro e que a Federação não atende estes casos, dando sempre razão a outras entidades.**

Discordando da decisão do Conselho de Disciplina da FPF, o responsável pelo clube de Gouveia afirmou que a direcção do clube **está ciente de que cumpriu os requisitos próprios nestes casos: a requisição de policiamento para o jogo.**

A FPF culpa o Gouveia pela não realização do jogo que, em 11 de Novemro, deveria disputar com o Oliveira do Bairro, para a 1.ª eliminatória da Taça de Portugal, e que não se realizou pela falta de policiamento do recinto. Entretanto está marcada para hoje uma assembleia geral do clube a fim de analisar a situação e a decisão da FPF.

Portugal e o "apartheid"

Portugal aparece citado no relatório de um organismo das Nações Unidas como um dos países que permite a atletas sul-africanos correr sob a sua bandeira em provas de atletismo de prestígio internacional. Alemanha Federal, Israel e Lesotho são os outros países citados neste capítulo num relatório do Centro das Nações Unidas Contra o «Apartheid» sobre contactos desportivos da África do Sul. A referência a Portugal (não especificada) deve respeitar ao caso de João Lopes da Silva, especialista de 3000 metros obstáculos, que veio da África do Sul para Portugal, representar o Sporting. Mas, para os autores do relatório, estas seriam «pequenas infracções», não importantes.

O mais grave contacto desportivo com a África do Sul no ano de 1984, no entender do Centro da ONU, foi a deslocação de uma selecção de râguebi inglesa ao país africano.

Concluiu-se o torneio de futebol de salão interesquadras da PSP, com a vitória do grupo representativo de Belém. Na festa de entrega de prémios (realizada na esquadra do Largo do Calvário) participaram o major Coelho Lima e o chefe Cardoso, que entregaram troféus aos jogadores mais destacados (Foto António Capela)

Toshack lidera a preparação «verde»

Csernai comanda apronto dos benfiquistas e Humberto já treina

Alvalade prepara festival para o Sporting-Benfica

O Estádio José Alvalade vai registar no sábado uma enchente recorde, com 80 mil pessoas quase certas nas bancadas, para verem o Sporting-Benfica e entre elas mais de uma dezena de individualidades.

O interesse invulgar que a partida da 14.ª jornada do campeonato nacional de futebol está a provocar levou a que não só os adeptos de todos os domingos corressem às bilheteiras para garantir o ingresso como atraiu vários membros do Governo. O vice-primeiro-ministro (prof. Mota Pinto) e os ministros da Indústria (prof. Veiga Simão), Administração Interna (eng. Eduardo Pereira) e Qualidade de Vida (dr. Sousa Tavares) estarão nos camarotes a ver o encontro, mas é possível que se lhes juntem ainda outros elementos do executivo.

O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (general Lemos Ferreira) e o vice-chefe do Estado-Maior do Exército (general Firmino Miguel) vão estar também em Alvalade, juntamente com os embaixadores da China, União Soviética e França. A todos está reservado não só o espectáculo do futebol como um outro espectáculo de cor, luz e som (com 60 minutos) a principiar às 20 e 30 de que a direcção leonina reserva para já pormenores. Outro espectador invulgar, mas com presença confirmada, é o leão «Ingrid», do Circo Chen, que estará na pista, numa jaula.

Damas: contusão na região tíbio-társica da perna direita, após entorse contraída em treino, coloca o número um do Sporting em séria dúvida para o jogo com o Benfica

«Diabos Vermelhos»

Os «diabos vermelhos» (a entusiástica claque benfiquista) está por sua vez a organizar uma participação intensa dos seus numerosos membros, já convocados para as 18 horas de sábado junto da Churrasqueira do Campo Grande, mas sem «porte de garrafas...»

Varzim - Benfica

O Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão vai ficar com as contas em dia após a marcação do jogo Varzim - Benfica para 2 de Janeiro de 1985. O jogo da 12.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, entre o Varzim e o Benfida, disputado a 2 de Dezembro, foi interrompido aos 32 minutos devido a agressão de um espectador a um juiz-de-linha com uma garrafa.

Selecção juvenil

A Federação Portuguesa de Futebol convocou 30 jogadores juvenis de 13 clubes para o estágio em Tróia, com vista à formação da selecção nacional que vai defrontar a Suíça e a Itália para o Campeonato da Europa.

O Sporting é o clube que fornece mais jogadores (9), seguido do Benfica (5), Barreirense (4) e Vitória de Setúbal (3). O estágio decorre entre 26 e 30 do corrente. Os jogadores da designada zona técnica B, com menos de 16 anos (nascidos depois de 31 de Julho de 1968) são Edgar (Caldas), Filipe (Alcains), Capela (Beja), Luís Silva (Pinhalnovense), Courela (Belenenses), Mário, Samuel, Patadas e Jaime (Barreirense), Xavier (Serpa), Jorge Mendes (Lusitano de Évora), Carlos Manuel (Benfica de Castelo Branco), Pedro Eduardo (Quikas), Arone, Cali e Paulo Jorge (Benfica), Sérgio Barros (Farense), Luís Miguel, Chaby , Penetra, Brito, Cadete, Canana, Mário Nuno, Galvão e Picoto (Sporting), João Gomes, Carlos Ferreira e Ricardo (Vitoria de Setúbal)

Taça: sorteio

Os jogos da 3.ª eliminatória (1/32 avos) da Taça de Portugal estão marcados para 6 de Janeiro, sendo o dia 9 do mesmo mês destinado aos eventuais desempates. A FPF decidiu, por isso, marcar para o dia 10, às 18 e 30, no Hotel Fénix, o sorteio dos encontros respeitantes à 4.ª eliminatória (1/16 avos), que se desenrolará dia 3 de Fevereiro.

Reservas Lisboetas

Jogos para o Torneio Extraordinário de Reservas da AFL: Belenenses, 0-Sporting, 3; Benfica, 4-Atlético, 1; Odivelas, 1-Estoril, 1 e Torriense, 2-Amadora, 1.

MICROSCÓPIO

Velas ao vento

Organizado pela Associação Naval de Lisboa, realizou-se a 3.ª regata do «Torneio 2.º Aniversário» da APVC com a participação de 32 veleiros e envolvendo 130 tripulantes. O torneio foi brilhantemente vencido pelo barco «Força do Mal», de José Penaforte (CNL), ficando em 2.º lugar «Banga-Nônô» de Luís Zoio (CNOCA) e em 3.º lugar «Fomalhault» de Raul Xavier (ANL). De frisar que o barco vencedor (competindo com as melhores marcas de barcos importados) foi construído em contraplacado inteiramente pelo próprio J. Penaforte, sendo as velas também de fabricação nacional.

Distinções

Evelyn Ashford eleita «Atleta do Ano»

A norte-americana Evelyn Ashford, 27 anos, campeã olímpica dos 100 e 4x100 metros, foi eleita «Atleta do Ano» pela revista de atletismo «track and Field».

As 10 atletas com maior pontuação foram:

1.º Avelin Ashford (EUA), 180 pontos; 2.º Marita Koch (RDA), 173; 3.º Heike Daute (RDA), 152; 4.º Ludmila Andonova (Bul), 130; 5.º Joan Benoit (EUA), 124; 6.º Sabine Paetz (RDA), 122; 7.º Marlies Oelsner-Goher (RDA), 67; 8.º Natalya Lisovskaya (URSS), 57; 9.º Petra Felka (RDA), 54; 10.º Tatyana Kazakina (URSS), 39.

Karpov-Kasparov: recorde de receio mútuo

Os soviéticos Karpov e Kasparov bateram o recorde da final mais longa do Campeonato do Mundo de Xadrez. Ao empatarem ao 20.º movimento da 34.ª partida, (em Moscovo) os dois «grandes mestres» ultrapassaram a mais longa final até à data do «Mundial» de Xadrez, realizada em 1921 (em Buenos Aires) entre o soviético Alekhine e o cubano Capablanca. Alekhine conquistou nesse ano o título vencendo por 6-3 precisamente na partida número 34.

O empate de ontem, em Moscovo, foi rápido e produziu-se depois de se ter criado no tabuleiro uma complicada posição, com ambos os «grandes mestres» com possibilidades de triunfo. Segundo os especialistas, nem o jovem pretendente Kasparov (que jogou com as brancas) nem o bicampeão Karpov quiseram arriscar e concordaram na igualdade após 20 lances.

Karpov continua a vencer por 5-1: mantém-se a um ponto da revalidação do título mundial.

DESPORTO

Despedido do Belenenses

Raul Figueiredo: 'Nunca tive contrato assinado e parece-me que fui sempre e só tradutor de Melia'

A notícia chegou assim, vinculada pela ANOP: o treinador-adjunto da equipa de futebol do Belenenses, o ex-internacional Raul Figueiredo, foi demitido pela direcção do clube, revelou o programa «Bola Branca» da Rádio Renascença. Em declarações àquele programa, um dirigente do Belenenses confirmou a demissão do técnico-adjunto do treinador inglês Jimmy Melia, decisão tomada numa reunião da direcção a que esteve presente o treinador britânico.

A demissão de Raul Figueiredo (segundo o mesmo dirigente) surge na sequência do momento menos bom que atravessa o Belenenses, que se encontra actualmente na 9.ª posição da classificação da 1.ª divisão, com 12 pontos em 13 jogos.

A direcção do Belenenses reuniu-se na segunda-feira com todos os elementos ligados ao Departamento de Futebol do clube, para fazer o ponto da situação. Na terça-feira, houve nova reunião, em que esteve presente o treinador principal, Jimmy Melia.

Por consenso, chegámos todos a acordo, de que a partir de ontem Raul Figueiredo deixaria de pertencer aos quadros do clube, sublinhou o mesmo dirigente, que referiu ainda que **não há nenhum motivo especial para a demissão do técnico-adjunto de Melia.**

Por seu lado, a NP informa: **Resultados fracos e algumas exigências de ordem pessoal poderão ter estado na base da dispensa de Raul Figueiredo** — revelou à NP uma fonte da direcção do clube. Segundo a mesma fonte, Raul Figueiredo não possuia de momento nenhum contrato com o clube, tendo o anterior expirado no final da última época futebolística, muito embora a sua renovação tivesse estado à vista. Os maus resultados obtidos pela equipa nos últimos jogos do campeonato, um **clima menos cordial** no seio do conjunto do Restelo e algumas exigências do técnico-adjunto conjugaram-se para que a direcção do Belenenses optasse pela dispensa de Raul Figueiredo. A fonte contactada frisou ainda que Raul Figueiredo ingressou no clube como «tradutor», para facilitar as relações entre o técnico inglês Jimmy Melia e os jogadores, tendo posteriormente vindo a desempenhar funções de adjunto.

Expressamente para o nosso jornal, Raul Figueiredo declarou:

– A decisão colheu-me com surpresa. Não tenho dados concretos do que se passou: sei apenas que tem havido reuniões dos directores e que na noite de 4.ª-feira também o treinador Melia foi convocado. Abordaram-se, (creio) os maus resultados da equipa nos últimos tempos e (imagino) às tantas da manhã entendeu-se que eu não era mais preciso no Restelo.

Depois:

– Foi o próprio Melia quem me transmitiu esta manhã a decisão do Belenenses quando me disse que trazia «uma má notícia, para a qual

«Vou descansar mas estou receptivo a qualquer convite»

nada contribui». Imediatamente me dirigi ao Restelo, para falar com o dirigente Joaquim Conceição (responsável pelo departamento de futebol) que confirmou a notícia mas dando-lhe uma expressão diferente: «A direcção resolveu, em consenso com o treinador principal, dispensar os seus serviços».

Foi tudo, Vou receber o dinheiro referente ao tempo que trabalhei no Restelo, este mês e o subsídio de Natal e, a partir deste momento, estou desempregado e receptivo a qualquer proposta que me seja endereçada.

Raul Figueiredo prossegue o seu depoimento:

– Melia voltou a estar em minha casa, negando ter tido qualquer influência neste processo. E eu pergunto a mim mesmo onde mora a verdade. Porque, note-se bem, eu não tinha qualquer responsabilidade táctica, não formava as equipas e tenho o melhor relacionamento com os jogadores. Sou disciplinador e apenas me preocupei em fazer cumprir sempre as ordens que recebia de Jimmy Melia.

– Aconteceu algum caso com os futebolistas?

Raul Figueiredo é rápido:

– Apenas um pequeno incidente, há cerca de duas semanas, com o britânico David Byrne, que teve uma atitude incorrecta para comigo, no Pavilhão do Restelo. O próprio Melia (que estava presente) deu-me imediata razão.

Mas, realmente, há uma semana que o meu sexto sentido me dizia que algo podia acontecer, porque eu nunca deveria ter continuado no Belenenses depois de o ter ajudado a regressar ao convívio dos grandes clubes de futebol. E que para subirmos à 1.ª Divisão, tivemos de tomar medidas que não foram do agrado de certas pessoas, que talvez tenham aborrecido alguns dirigentes do clube. Mas eu limitei-me a ajudar o Melia: e, se tivesse acontecido hoje o inverso, eu sairia com ele.

Num desabafo:

– Ganhava no Belenenses pouco mais de cem contos mensais, não tinha prémios de jogo, no fim da última época não ficou definida claramente a minha posição, porque o meu contrato foi sempre verbal: e eu acredito na palavra dos homens. Quando falava em elaborar-se um documento de ligação oficial com o Belenenses, havia sempre uma evasiva, ficava sempre para o dia seguinte. E, no sindicato, tenho um papel assinado em como ganho 30 ou 35 contos mensais...

O antigo «internacional» belenense, filho do famoso «Tamanqueiro» (outra glória resteliana) adianta:

– Houve sempre uma certa indiferença em relação à minha pessoa. Agora que a equipa atravessa uma fase difícil, tornei-me um alvo fácil, uma espécie de bode expiatório. Não sei de onde partiu a manobra e bastava que o presidente Mário Rosa Freire tivesse tido uma conversa comigo para eu imediatamente me retirar. Afinal, deu a outro o papel de me comunicar a desvinculação do clube onde oficialmente, parece-me que nunca passei de tradutor de Melia.

– E agora?

– Aguardo. Não quero fazer declarações bombásticas, mas volto a garantir que não tive qualquer responsabilidade nas más actuações da equipa. Todo o trabalho foi comandado pelo Melia: não inventei nada pela minha cabeça. Vou descansar umas semanas, não desejo iniciar o trabalho com uma equipa no meio da temporada: quero ser eu a organizar o «plantel» e a traçar o plano de actividade. Quanto a Melia, não sabe ainda o português suficiente para se entender com os jogadores: alguém (certamente) já está apalavrado para me suceder. Depois, talvez eu fale mais qualquer coisa.

Neves de Sousa

Confirmada a informação dada pelo «DL»: a Adidas (representada pelo dr. Luís Feist) assinou contrato com a Federação Portuguesa de Futebol (na imagem: o presidente Silva Resende e o secretário-geral César Grácio) para durante os próximos dois anos vestir todas as selecções nacionais

Bélgica empata em Atenas

As esperanças da Grécia de atingir a fase final do Mundial-86, em futebol sofreram ontem um duro golpe com o empate em Atenas (a zero) com a Bélgica para o Grupo Um de qualificação.

Os belgas realizaram um jogo defensivo e pareceram satisfeitos com o nulo, não se aventurando muito no ataque, mas a verdade é que podiam ter feito um golo aos 66 minutos, quando Ceulemans colocou Enzo Scifo sozinho diante do guarda-redes Sarganis: o remate do jovem belga foi detido pelo número um grego. Um minuto seguinte, após aquela que foi praticamente a única desatenção belga, uma confusão gerada na grande área visitante acabou com Mitropoulos, em boa posição, a atirar a bola sobre a barra de Pfaff.

O técnico grego (Miltos Papaioannou) que definira o jogo como vital para as aspirações do seu país, mostrou-se decepcionado no final. Para a Bélgica, o ponto foi excelente, e a equipa viaja para Tirana, para defrontar (sábado) a Albânia noutro jogo de qualificação, com excelentes perspectivas. Os belgas sabem que a vitória os deixará não só isolados no comando do grupo mas com mais hipóteses do que qualquer das outras selecções de conseguir o único lugar em jogo neste grupo que dá acesso ao México.

As equipas alinharam:

Grécia: Sarganis; Xanthopoulos, Karoulias, Kyrastas e Manolas; Alavandas, Saravakos e Vamvakoulas (Costikos, 81); Anastopoulos, Mitropoulos e Papaioannou.

Bélgica: Pfaff; Grun, Jaspers, Van Der Elst e Renquin; Vercauteren, De Groote, Scifo e Claesen: Czernistinsky (Voordecrers, 62) e Ceulemans.

Classificação do Grupo 1 de qualificação para o «Mundial-86

	J	V	E	D	G.	P
1.Pol.	2	1	1	0	5-3	3
Bélg.	2	1	1	0	3-1	3
3.Alb.	2	0	1	1	3-5	1
Gréc.	2	0	1	1	1-3	1

Próximos jogos: 22 Dez.: Albânia - Bélgica; 27 Fev.: Grécia - Albânia.

Kempes do Hércules

O argentino Mário Kempes, goleador máximo do «Mundial» da Argentina, assinou contrato com o Hércules, da 1.ª Divisão do futebol espanhol. O ex-«internacional argentino não jogava desde o termo do contrato com o Valência. Kempes, que é hoje apresentado aos adeptos do Hércules, vai ocupar o lugar do «internacional» peruano José Velazquez.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 48 DE 23 DE DEZEMBRO DE 1984

Boomerangue (RDP/Centro), x11 1xx x11 xxx1; Cantar do Galo (RDP/Centro), xx1 1xx 111 xx1x; Fora de Jogo (RDP/Centro) especial, 211 xx2 11x x1xx; Grande Sábado (RDP/Centro), xxx 11x x11 1x11; A Arte de Bem Madrugar, 211 11x 2xx 1111; O Distrito de Setúbal, 111 xxx 111 22x2; O Diário, 2x1 11x xx2 22x1; Dicas da Bica (RDP/Centro), xx1 x1x 111 1x2x; Fotogramas (RDP-/Centro), 11x 2x2 11x x1x1; Correio do Vouga, 211 111 11x 1xx1; Defesa de Espinho, xx1 11x 11x 1x2x; A Defesa, xx1 1xx x11 2xx1; Ponto de Mira (RDP-/Centro), x1x xx2 x11 11xx; Fora de Jogo, xxx 11x x11 1xx1; Sinfonia Desportiva, 2x1 x11 11x x11x; Diário de Lisboa, 211 111 xx2 222x; Ecos de Cacia, 211 11x 112 x22x; Folha de Domingo, 2x1 1x2 x1x 1121; Jornal da Beira, 21x 111 x2x 11x1; Jornal de Felgueiras, 22x xx1 xxx x22x; Jornal de Santo Thyrso, 211 1x2 111 xx21; Jornal de Sintra, xx1 x11 121 221x; Maria da Fonte, 2x1 11x x1x x221; Notícias de Chaves, x11 11x xx1 x211; Notícias do Douro, 211 x11 xx1 xx11; Notícias de Felgueiras, 2x1 xxx x1x x2xx; O Algarve, x11 11x 111 122x; RDP (Secção desportiva), 211 1x1 x1x x221; Voz de Lamego, 211 111 211 12x1; RDP (Tempo de desporto), 211 x12 1xx 12x1; Notícias de Viseu, 2x1 111 xxx 22x1; Música e não só, x11 111 xxx x21x; Jornal do Sul, 2x1 11x 1xx 2x21; Jornal de Amarante, 2xx 11x xx1 21x1; RDP (Clube da manhã), 211 xx2 x1x x221; RDP (Manhã, manhã), 211 11x xx2 xx21; O Dia, x1x 111 x11 211x; Gazeta de Felgueiras, 211 x11 x1x 1xx1; A Comarca de Arganil, 211 111 xxx 11x1; Rádio Totobola, 211 1xx 1x2 x2x1; Correio de Coimbra, 211 1x1 x1x 1x21; Diário de Coimbra, x11 x1x 112 12x1; Gazeta das Caldas, 211 x11 21x x11x; Jornal Linhas de Elvas, 111 111 111 121x; Jornal Notícias de Gouveia, x11 121 11x x11x; Notícias de Guimarães, 21x 1x1 1xx 12x1; Rádio Altitude, xx1 11x 111 xx21; Rádio Sports, xx1 111 xx1 x1x1; Reconquista, xx1 111 xxx 1xx1; Jornal «A Voz das Beiras», 2x1 21x 112 xx2x; A Voz do Domingo, 211 x11 x1x 1xx1; O MEnsageiro, 211 11x 112 xx11; Notícias de Évora, 211 11x xxx xx11; O Emigrante, 121 2x1 1x1 x11x; Cardeal Saraiva, 2x1 211 xx1 1211; Alvo Desportivo, x11 1x1 1x2 x11x; Comércio de Leixões, xx1 11x 11x xxx1; Jornal da Graça, 2x1 2xx 2x2 2xx1; Jornal de Notícias, 2x1 111 x1x xxx1; O Primeiro de Janeiro, 211 11x 11x 2x21; Quadrante Norte, 211 111 x1x x1x1; Rádio Alvo, 2x1 11x 111 xxx1; Repórter do Dia, 2x1 1x1 x12 x2x1; Resenha Desportiva, 2x1 x11 1x2 x221; A Voz dos Ridículos, 211 111 11x 1121; Jornal Voz do Ave, xx1 1xx 1x1 x1xx; Alvo, xx1 1x1 xxx 2111; Dribling, x12 221 x1x x222; Alvo Suplemento, 221 11x 111 1x11; De Tudo um Pouco, 211 11x 11x 2111

Assim vai o totobola

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. BRAGA - PORTO	4	23	43	1	4	7
2. SPORTING - BENFICA	39	28	3	7	4	1
3. PORTIMONENSE - FARENSE	60	9	1	9	2	1
4. SALGUEIROS - ACADÉMICA	48	16	6	8	3	1
5. VARZIM - GUIMARÃES	46	22	2	8	3	1
6. PENAFIEL - SETÚBAL	32	31	7	6	5	1
7. BELENENSES - BOAVISTA	32	34	4	5	6	1
8. VIZELA - RIO AVE	43	25	2	7	4	1
9. FEIRENSE - AVES	24	34	12	4	6	2
10. TIRSENSE - LEIXÕES	23	34	13	4	6	2
11. ESTARREJA - U. COIMBRA	20	26	24	3	5	4
12. MARINHENSE - COVILHÃ	20	30	20	3	6	3
13. AMORA - OLHANENSE	47	21	2	8	3	1

a) Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será: 211 111 X1X XXX!

DESPORTO

ponta esquerda

Nápoles: que futuro?

O Nápoles (da 1.ª Divisão italiana de futebol) desmentiu que estivesse nos seus projectos contratar o técnico austríaco Ernst Happel, de momento ao serviço do Hamburgo (RFA). «Isso é uma novidade para nós» – comentou um porta-voz do Nápoles, referindo-se a uma notícia do jornal desportivo «Gazzeta Dello Sport», na qual se afirmava que Happel substituiria Rino Marchesi no comando da equipa. O Nápoles, que contratou o argentino Diego Maradona, tem tido uma época muito apagada, tendo apenas nove pontos em 12 jogos, havendo um crescente descontentamento entre os adeptos do clube.

Segundo o mesmo jornal, o dirigente napolitano António Jiuliano tinha uma viagem marcada até Hamburgo, onde deveria encontrar-se com Happel, cujo contrato com o clube germânico expira no final da temporada. Pelas regras do futebol transalpino, que não permitem a contratação de mais técnicos estrangeiros em Itália, Happel teria (no caso de ingressar no Nápoles) de possuir um estatuto de «director técnico» semelhante ao do sueco Eriksson, ao serviço do Roma.

O Nápoles irá defrontar no domingo a Juventus desfalcado de Maradona, que se lesionou num treino, ficando impossibilitado de dar o seu contributo à formação.

Holanda: castigos duros a maus desportistas

Dois adeptos do Ajax de Amesterdão foram sentenciados a oito anos de prisão e proibidos de assistirem a qualquer jogo da sua equipa até 1 de Agosto de 1986, por um tribunal de Amesterdão. Os dois adeptos do Ajax foram detidos em Agosto passado após um encontro entre o seu clube e o PVE Eindhoven, por terem agredido na rua pessoas inocentes, causando-lhes ferimentos e fracturas graves. Após a pena da cadeia, os dois adeptos terão que se apresentar na esquadra mais próxima sempre que o Ajax jogue.

Falcão: "avaria" num joelho

O futebolista brasileiro Roberto Falcão, actualmente a jogar na equipa italiana do Roma, desloca-se aos Estados Unidos para efectuar um exame médico a um joelho. O presidente do clube italiano afirmou que Falcão vai efectuar o exame médico ao joelho direito na Universidade de Medicina de Colômbia, em Atlanta. A razão da deslocação aos Estados Unidos de Falcão reside no facto de os médicos do Roma terem opiniões diferentes sobre a lesão do jogador brasileiro.

Tal como oportunamente tinhamos informado, Pietra inaugurou uma casa de artigos desportivos na lisboeta Rua Ferreira Borges, 191-C. Pensando no futuro e já ligado a outros empreendimentos comerciais, Pietra ainda procura alargar o âmbito das suas actividades com uma outra loja num centro comercial no Alto da Barra, perto de sua casa (Oeiras). Entretanto, na festa de abertura de Pietra Sports, lá estiveram colegas do internacional benfiquista: Tozé, Shéu, Carlos Manuel, Veloso, Oliveira, Jorge Silva e Diamantino. Boa sorte, Pietra

Lopes corre em S. Paulo

Carlos Lopes comunicou à Federação Portuguesa de Atletismo ter decidido correr a São Silvestre de São Paulo (Brasil) a mais prestigiosa corrida de fim de ano do Mundo. A Federação enviou à organização da prova um telex dando conta da decisão de Lopes e mantendo a sua oferta anterior de três atletas: João Campos, Fernando Couto e Conceição Ferreira. A São Silvestre de São Paulo arranca às 2 e 30 de Lisboa do primeiro dia de 1985.

Em declaração à Rádio Comercial, o campeão olímpico da maratona frisou que os inúmeros pedidos da colónia portuguesa para que estivesse presente levaram a aceitar o convite e **vou com uma certa fezada, apesar de não ser a melhor altura para a deslocação. Espero não ser prejudicado por esta prova, mas também não vou fazer dela uma guerra,** observou o atleta.

Portugueses no estrangeiro

Ezequiel Canário, 9.º classificado na final olímpica dos 5000 metros (em Los Angeles) participa no domingo no Crosse Internacional Ventas de Banos (em Palência Espanha). Canário (24 anos) encontra-se suspenso pela Federação Portuguesa de Atletismo em virtude de ter assinado duas fichas de inscrição (pelo Sporting e FC Porto), para a temporada de 1985, mas poderá entrar em provas a convite da Federação, que entende dever proporcionar a Canário competição internacional, antes de ficar decidido se o atleta representará o Sporting ou o FC Porto.

Canário é um dos elementos pré-seleccionados para o «Mundial» de corta-mato em Lisboa, a 24 de Março. Além de Canário, participam no Crosse de Ventas de Banos as atletas Albertina Machado, Conceição Ferreira, Rosa Oliveira, Teresa Oliveira e Leonor Costa. Em relação à presença de atletas portugueses nas corridas de S. Silvestre está confirmada a ida de António Leitão a S. Silvestre de Madrid, decorrendo negociações para a presença de Rosa Mota. Para a S. Silvestre de Luanda foram indicados os nomes de Cidálio Caetano e David Tavares.

«S. Silvestre» em Vila Nova de Foz Coa

Os Bombeiros Voluntários de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda, promovem em 31 de Dezembro uma corrida denominada Prova de São Silvestre – anunciou aquela corporação.

A iniciativa integra-se no âmbito das comemorações do 50.º aniversário da Fundação da Associação de Bombeiros local.

Entre vedetas

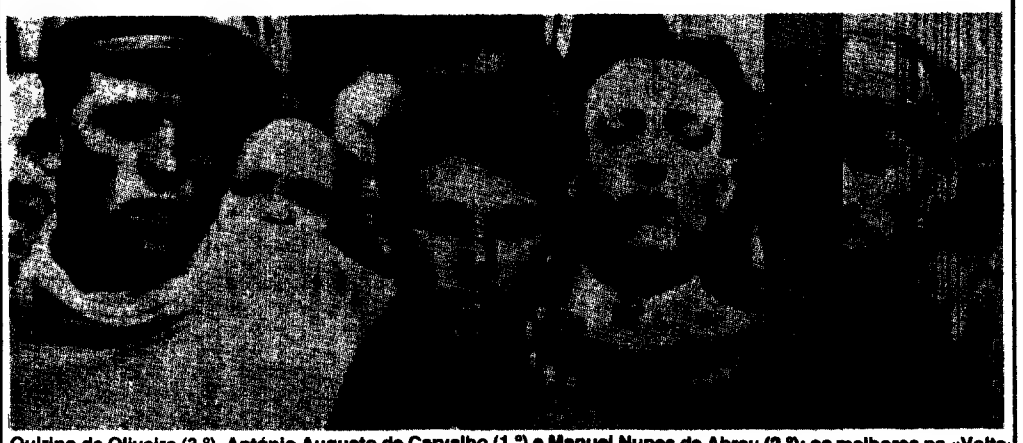
O actual recordista mundial de salto com vara, o soviético Sergei Bubka, competirá frente aos seus rivais franceses Thierry Vigneron e Pierre Quinon nos campeonatos mundiais de atletismo em pista coberta, marcados para Janeiro, em Paris. Bubka e Vigneron voltam a encontrar-se depois de terem sido protagonistas de um último duelo em Setembro (em Roma) quando Bubka bateu o recorde mundial (com 5,94 metros) alguns minutos depois de o atleta francês ter pulado 5,91, que chegou a ser recorde do Mundo. Quinon foi medalha de ouro no salto com vara nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, com a marca de 5,75.

Sábado: Lisboa -Guadalajara

Eusébio promove futebol de salão

O maior futebolista português de sempre, ao fundar a «Eusébio Promoções e Turismo, Lda.» (onde está associado a Eduardo Ramos) continua apaixonado pelo jogo que lhe deu fama: e organiza, pelas 16 horas do próximo sábado, no pavilhão gimnodesportivo do Sport Lisboa e Benfica, um embate que se adivinha espectacular, entre as selecções de futebol de salão de Lisboa e da cidade espanhola de Guadalajara. Exactamente: o nosso 1.º encontro internacional nesta disciplina, com a curiosidade da participação de Eusébio.

A formação de Guadalajara é 3.ª classificada no campeonato espanhol e vem competir por um troféu instituído pela Associação de Futebol de Lisboa, em jogo dirigido por Raul Martins. Mais tarde (19 horas) no Restaurante Casarão (Queluz de Baixo) tem lugar um jantar de confraternização com presenças de representantes das duas Federações ibéricas.



Quirino de Oliveira (3.º), António Augusto de Carvalho (1.º) e Manuel Nunes de Abreu (2.º): os melhores na «Volta» de 1927

Luto no ciclismo português

O antigo ciclista António Augusto de Carvalho, vencedor da 1.ª Volta a Portugal, faleceu no Hospital de Sintra, Augusto de Carvalho (79 anos) morreu devido a arteriosclerose, de que sofria há bastante tempo.

Sócio de mérito do Belenenses, Augusto de Carvalho residia em Albarraque, na rua que tinha o seu nome. Augusto de Carvalho participou nas três primeiras Voltas a Portugal, tendo vencido a 1.ª (em 1927), ficou em 3.ª lugar na segunda (1981) e em 8.º na terceira (1932), em representação do Carcavelos, Belenenses e da Vila de Sintra, respectivamente.

O funeral do antigo ciclista, que deixa uma filha, realiza-se hoje às 15 h para o Cemitério de Rio de Mouro, depois de o corpo ter estado em câmara-ardente na capela do Hospital de Sintra. Os nossos pêsames à família enlutada.

Assembleias eleitorais

Estoril Praia

Amanhã pelas 21.30, Reúne-se a assembleia geral do Grupo Desportivo do Estoril Praia, para eleição dos corpos gerentes para o novo ano. O acto vai processar-se na sede da colectividade.

Ciclismo sulista

Também amanhã (20 e 30), na Associação de Ciclismo do Sul, processa-se uma assembleia geral para discussão do relatório e contas da gerência do ano corrente, apreciação de propostas da direcção e eleição dos corpos gerentes para o biénio 85-86.

Federação de Boxe

A análise ao relatório e contas, seguida da eleição do novo elenco directivo, constituem a ordem de trabalhos da assembleia geral da Federação de Boxe que, no sábado, pelas 16 horas, reúne na Rua do Arco do Cego, 90-5.º (Lisboa).

DECLARAÇÃO

Eu, Alberto Gonçalves, presidente do Grupo Desportivo «Leões de Alfornel» até ao dia 15 de Dezembro de 1984, venho declarar publicamente que a partir do dia 16 de Dezembro de 1984 não tenho quaisquer responsabilidades nesta colectividade, tendo dado conhecimento do facto, por escrito, ao presidente da Mesa da Assembleia Geral, ao presidente do Conselho Fiscal, ao vice-presidente e ao tesoureiro.

Alberto Gonçalves

PROCESSO DISCIPLINAR

Nos termos do Art.º 225.º do Código Civil fica por este meio avisado Carlos Alberto Jesus Silva, funcionário da «Portugal Previdente» e com última residência conhecida na Cidade Nova, Edifício 29/30-1.º B — Santo António dos Cavaleiros, Loures, de que pela sua entidade patronal lhe foi movido um processo disciplinar com vista ao seu despedimento, podendo o mesmo, no prazo de dez dias a contar da 2.ª publicação deste anúncio, consultar o processo na sede da empresa (Serviço de Pessoal), ali receber a nota de culpa e apresentar no mesmo prazo a sua defesa.

O instrutor do processo,
(Ângelo de Paiva)

«DL» 20/12/'/ — 1.ª Pub

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA – 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 2 de Janeiro de 1985, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Rosa e Alberty Infantários, Ld.ª, com sede na Av.ª António Augusto de Aguiar, 179 r/c-Dt.º — Lisboa, no processo de execução fiscal n.º 67/84, instaurado por dívida ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba Única — O direito ao arrendamento e trespasse do r/c Dt.º da Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 179, pelo qual é paga a renda mensal de 23 378$00 e procurador e senhorio o Banco Português do Atlântico, com sede na Av.ª António Augusto de Aguiar, 38, em Lisboa e bem assim o respectivo recheio constante da relação anexa, a que se atribui o valor total presumível de 1 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

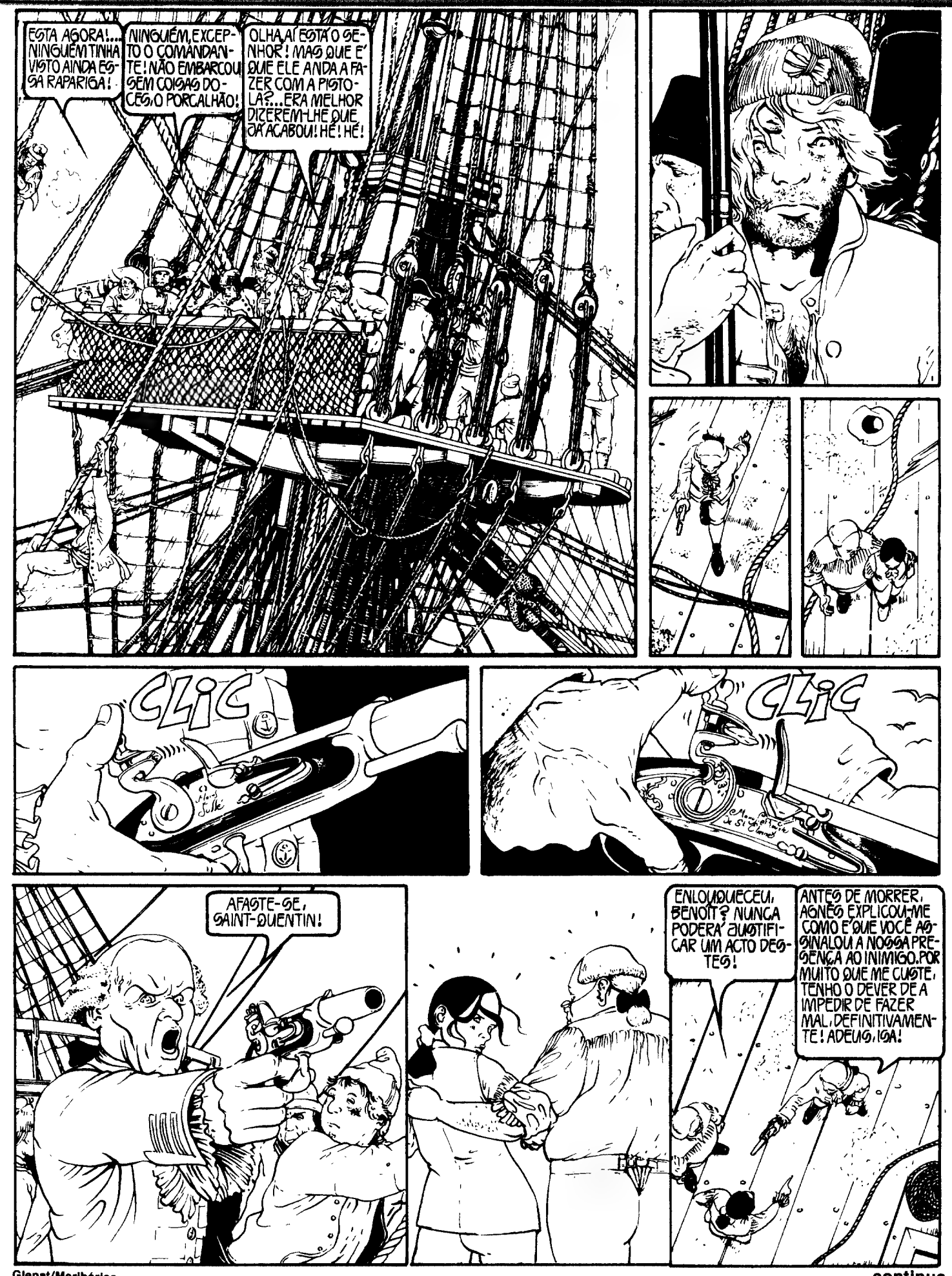
Lisboa, 12 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO,
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQ. TRIBUTÁRIO
(Luís António Pinto Barroso)

DL – 20/12/84 – 1.ª Pub.

Os Passageiros do Vento 41



Glenat/Meribérica

continua

comunicação social

'Diário Popular' em situação económica difícil

Uma resolução do Conselho de Ministros, hoje publicada na folha oficial, declara em situação económica difícil a empresa pública do jornal «Diário Popular».

Esta declaração, feita a pedido do Conselho de Gerência da empresa, é válido pelo prazo de um ano, eventualmente prorrogável por igual prazo mediante despacho conjunto dos ministros das Finanças e do Plano, do Trabalho e Segurança Social e da Tutela sobre o sector.

O preâmbulo da resolução refere que em 1982 os prejuízos acumulados da empresa totalizavam 570 000 contos e em 1983 a exploração do «Diário Popular» teve um prejuízo calculado de 50 000 contos.

Sublinha que a empresa «enfrenta uma perspectiva de rotura financeira a curto prazo com o respectivo orçamento de exploraçõ para 1984 em previsão deficitária de cerca de 77 000 contos.

A resoluçõ enumera ainda uma série de medidas que devem ser implementadas na empresa,desde já e define qual o clausulado da contratação colectiva dos vários sectores que fica suspenso em virtude da declaração de empresa em situação económica difícil.

Nomeadamente, estabelece-se um horário mínimo semanal de 35 horas, um único dia fixo de descanso semanal acrescido de um dia complementar, restrições ao trabalho extraordinário, antecipação das reformas, a cessação definitiva dos contratos a prazo no respectivo termo e a proibição de admissão de novos trabalhadores, salvo casos autorizados pelo secretário de Estado da Tutela.

"Le Monde": confiança retirada ao director

Os jornalistas do vespertino parisiense «Le Monde» retiraram ontem a confiança ao seu director, André Laurens, mas não conseguiram eleger um substituto.

Laurens, 50 anos, pediu um voto de confiança numa última tentativa para obter apoio para o seu drástico plano destinado a salvar o jornal da falência.

Foi a segunda vez, em menos de três semanas, que os jornalistas, que possuem 40 por cento das acções de «Le Monde», rejeitaram Laurens e o seu plano, nomeadamente a venda do edifício onde está instalado, na Rue des Italiens, no centro de Paris.

Chile: sequestrado subdirector de "La Nacion"

O subdirector do jornal estatal «La Nacion», o jornalista Sebastian Bertolone, foi sequestrado terça-feira à noite por três desconhecidos, anunciou fonte oficial.

A notícia foi dada pelo ministro de Governo chileno, Francisco Javier Cuadra.

Bertolone foi raptado às 21 e 30 de terça-feira (00.30 em Lisboa), quando chegava a casa acompanhado pela mulher e uma filha de cinco anos.

Segundo fonte oficial, os sequestradores deixaram no local uma metralhadora «Aka», checoslovaca, e uma série de planos e documentos relacionados com os movimentos de Bertolone. O rapto ainda não foi reivindicado.

unigrupo
ALBUFEIRA ALGARVE
DISCOTECA
albufeira
* * * * * * * * * * * * * * * *
inauguração DIA 29 ÀS 22 H.
* * * * * * * * * * * * * * * *
crazy bull
A MAIOR DISCOTECA DO PAÍS
RÉVEILLON na passagem do ano com as atracções:
VÂNIA (MARIA ZILDA) da telenovela Guerra dos Sexos (cantará várias canções).
MICHEL e o seu grupo de danças e sapateado
Apresentação dos artistas por JÚLIO ISIDRO. Ceia às 2 horas da manhã (champagne à meia noite). Marque a sua mesa até ao dia 26 - Tels. 54683-54671 de Albufeira.

Primeiro acenda o fosforo e só depois ligue o gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O Homem de Ferro" *de Andrzej Wajda*

A distribuição cinematográfica lusa comete, com uma regularidade de deixar qualquer um estupefacto, erros de lançamento daqueles que deviam dar uma redonda reprovação na escola de distribuidores, se a houvesse. Lançar um filme, feito a quente durante os acontecimentos polacos de 1981 e cujo interesse era de um testemunho imediato, com atraso de três anos (já a Polónia é um facto no congelador) e, ainda por cima, em época natalícia, é uma daquelas ideias que se pagam com o alheamento do público, total e absoluto. Sobretudo se o filme é um mau filme, como é o caso.

Wajda, com efeito, ressuscita o pior maniqueísmo estalinismo, os mais estafados **clichés** do herói positivo, a mais batida das martiriologias, para pôr tudo isso ao serviço do Solidariedade, como se bastasse inverter a agulha ideológica para o «mal» se converter em «bem», para o que ontem era negro se tingir agora de imaculado branco, com a benção de Walesa.

De facto assim não é e a única coisa curiosa deste **O homem de ferro** é constatar o ressurgimento de modelos ficcionais nos antípodas dos que costumam habitar o cinema de Wajda em geral e **O homem de mármore** (de que este se assume como «continuação») em particular. Porque duas horas e vinte de monocórdica propaganda, num território socialmente simplista e politicamente maniqueu, onde nenhum personagem é gente mas modelo, é um péssimo serviço prestado a qualquer causa, **O homem de ferro** é mais um exemplo de como o imediatismo se vira em geral contra as boas intenções e as anula. No melhor pano cai a nódoa e até Wajda tem aqui o seu trambolhão cinematográfico.

Krystyna Janda e Jerzy Radziwilowicz em «o Homem de Ferro»: realismo jdanoviano pró-Solidariedade

Haveria ainda que interrogar se os modelos estalinianos na ficção estarão tão mortos como isso, no seio dos intelectuais de proa no Leste europeu, ou se estarão apenas recalcados, prontos a regressar — com a mesma ou outra bandeira, pouco importa. **O homem de ferro** é, deste ponto de vista, uma revelação. Inquietante, está bem de ver.

FICHA:
Título original: Czlowiek e zlaza.
Realização: Andrzej Wajda (Polónia — 1981)
Argumento: Aleksander Scibor-Rylski
Fotografia: Edward Klosinski
Cenários: Allan Starski
Música: Andrzej Korzynski
Montagem: Halina Prugar
Interpretação: Jerzy Radziwilopicz, Krystyna Janda, Marian Opania, Irene Byrska, etc
Distribuição em Portugal: Doperfilme
Cinema: Quarteto
Classificação: Para maiores de 12 anos
Duração: 140 minutos

"Sound Sistem":

Herbie Hancock para dançar

«Sound Sistem» é o novo álbum de Herbie Hancock, que segue os passos electro-funk estabelecidos pelo disco de 1983, «Future Shock», onde o músico explora vários estilos étnicos e tonalidades. É também o seu LP mais comercial.

Herbie Jeffrey Hancock nasceu e viveu na parte Sul de Chicago, tendo começado a estudar piano aos sete anos. Aos doze anos era pianista e tocou o concerto para piano em Ré Maior de Mozart, com a Orquestra Sinfónica de Chicago. Foi nessa altura que se interessou pelas ciências electrónicas, que viriam a desempenhar um papel importante na sua carreira.

Depois de se formar em engenharia electrónica, estudou composição musical, recebendo o diploma de bacharel em artes. Em 1960, o tompetista Donald Byrd ao ouvir Herbie tocar em Chicago levou-o para Nova Iorque, iniciando-o na música electrónica bem como noutros tipos de música clássica do século XX, chamando à atenção de Blue Note Records, para quem Hancock gravou o primeiro álbum como líder em 1962.

O Lp intitulava-se «Takin' off» e incluáa gigantes do jazz como Freddie Hubbard e Dexter Gordon. Nesse mesmo ano, Herbie associou-se e Miles Davis. Como compositor e pianista de Davis ele foi um dos participantes activos em grandes álbuns do jazz moderno, desde «Nefertiti» ou «Sorcerer».

Em «Sound System» Herbie mantém um sentimento funk de «Future Shock» e aventura-se para além da sensibilidade americana caindo na tonalidade musical internacional, ou como o próprio título indica no som do sistema.

«Música multinacional»

Durante muitos anos Herbie teve em vista «fazer música que fosse verdadeiramente multinacional por natureza. Em Sound System incorporamos elementos de música que soa mais etnicamente. Acontece que a América é uma terrra de emigrantes e, por isso, temos raízes em todo o mundo. Neste novo álbum, combinamos uma mistura dessas raízes com sons electrónicos de hoje. Este álbum tem também uma espécie de liberdade que me permite sair das minhas experiências do jazz 'avant-garde'. É uma das coisas que me tem atraído para este tipo de música. É excitante ter este tipo de liberdade numa música orientada para a dança».

A editar Herbie tem um single, o primeiro da sua carreira, que se chama «Hardrock», um tema de dança electrónica que justapõe sons agudos de sintetizador à guitarra.

A faixa de título do mais recente álbum do pianista evidência os elementos internacionais e sons electrónicos. O som é produto das mais diversas experiências musicais, desde o treino clássico, a associação com Miles Davis, explorações da música electrónica e computarizada. A sua música é um constante explorar de novos territórios musicais.

"Give My Regards to Broad Street"

Paul McCartney em filme e disco

«Give My Regards To Broad Street» é o mais recente álbum do ex-beatle, Paul McCartney, que desde 1970, ano da dissolução do grupo histórico, tem levado uma fulgurante e agitada carreira a solo.

Quando do lançamento do último álbum dos Beatles, «Let It Be» Paul fez coincidir a saída do seu primeiro trabalho a solo intitulado McCartney, tentando «esquecer águas passadas». A partir dessa altura o músico tem conseguido discos de prata, ouro, platina.

O músico tem feito de tudo um pouco, programas da televisão, uma longa-metragem sobre um concerto, digressões ao vivo por todo o mundo, organizou concertos de beneficência, cantou e tocou nos mais variados discos, compôs dezenas de clássicos, fez duetos com Stevie Wonder, Michael Jackson e Carl Perkins.

Até agora só lhe faltava fazer um filme. Foi o que aconteceu com «Give My Regards To Broad Street» no qual compôs a banda sonora, escreveu o argumento e é ele o principal intérprete. «No More Lonely Nights» é o tema de abertura do album e o seu último «single» recentemente editado entre nos.

Além de «No More Lonely Nights», o presente álbum contém ainda dois temas originais. «Not Such a Bad Boy» e «No Values». Para este álbum McCartney regravou várias canções dos Beatles, que geralmente lhe são atribuídas como Yesterday e Eleanor Rigby e composições suas surgidas em LP's mais recentes como Silly Love Songs, Wanderlust ou Ballroom Dancing. A produção do disco esteve a cargo de George Martin.

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
88 27 86 – 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B ● R. de Março 8-1 LISBOA

Hoje

Exibe-se na RTP-1 o último episódio da série Planeta Vivo

16.02 **«O Trovão»**
16.20 **«As Aventuras da Família Mézga»**
16.45 **«Yakari»** – «A Sombra».
16.55 **«O Conde de Monte Cristo»**
17.55 **Notícias**
18.00 **Pare, Escute, Olhe**
18.55 **Panorama** – África.
20.00 **Telejornal** – e Boletim Meteorológico.
20.30 **Direito de Antena** – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, Associação Nacional de Correspondentes Bancários e Casa do Professor.
20.45 **Danças e Cantares**
21.10 **Plane Vivo** – último episódio.
22.10 **Gala do Casino da Figueira da Foz** – comemoraçô do centenário do Casino da Figueira da Foz.
23.55 **Últimas Notícias**
00.05 **Sinais**

RTP 2

A RTP-2 apresenta esta noite, o 175.º episódio da telenovela «Guerra dos Sexos»

19.32 **Notícias**
19.37 **Desenhos Animados**
20.00 **«Raio Azul»**
20.45 **Quinta à Noite** – a jornalista Fina d'Armada vai falar neste programa da situação da mulher ao longo da História.
21.25 **«Guerra dos Sexos»** – 175.º episódio.
22.15 **Jornal da Noite**
22.40 **«São Francisco de Assis»**

Amanhã

RTP 1

15.25: Natal dos Hospitais; **20.00**: Telejornal – e Boletim Meteorológico. **20.35** Já Agora... – programa de actualidade de Carlos Pinto Coelho; **22.30** «O Caso Alger Hiss» – segundo episódio, **23.30**: Últimas Notícias; **23.40**: Sinais

RTP 2

19.30. Notícias; **19.35** Desenhos Animados, **20.00**: «Os Maias» - terceiro episódio, **21.00**: RTP/Brasil **21.25** «Guerra dos Sexos»; **22.15** Jornal da Noite, **22.40**: Clube de Jazz

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Planeta Vivo (21.10)

RTP 2
«São Francisco de Assis» (22.40)

RTP 2
(Episódio n.º 174)
Roberta mostra-se muito surpreendida com o beijo caloroso do irresistível Felipe e lembra-lhe que ainda está muito apaixonada pelo inesquecível Nando. Muito sedutor, Felipe acrescenta que também não esqueceu Carolina e o melhor seriam os dois juntarem-se e esquecerem os antigos namorados. O feitiço vira-se contra o feiticeiro e Nando agora casado com a bonita Juliana não pára de falar na ex-noiva que tanto o amou. Vânia continua irresistível e as suas fabulosas pernas continuam a fazer «vítimas». Também o encantador Dominguinhos continua a destroçar o coração da desconfiada Charlô que de novo duvida da identidade do primo, depois de ter sido beijada por ele na biblioteca da mansão.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

BATAS PROFISSIONAIS
Atenção ao Dect.º Lei 261/84 de 31/7
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
Departamento de Confecções da
TINT. GUANABARA
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
R. Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

COMUNA TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.30 H
PARA ONDE IS ?
AUTO DA ALMA E AUTO DA BARCA DO INFERNO - GIL VICENTE
2º MES
TERÇA A SABADO AS 21.30 H
DOMINGO SO AS 17 H
PRAÇA DE ESPANHA - TEL 72 08 18 - APOIO RADIO COMERCIAL
SUB MC
Sábado e Domingo P/Crianças – «O BANDO»
ÀS 15 H «AFONSO HENRIQUES»
2 ÚLTIMAS DIAS

Chegou a haver quatro filmes em exibição simultânea

Cinema português: ano ímpar

Caso sem precedentes na história do cinema português ou, mais rigorosamente, na história da sua exibição; aconteceu este ano estarem simultaneamente em cartaz, em salas de espectáculos do País, quatro filmes portugueses. Tiveram diferente sorte, os quatro, na aceitação do público e da crítica.

«O Lugar do Morto», de António Pedro Vasconcelos, terá sido, neste contexto, um caso absolutamente à parte.

Além de ter batido a barreira dos 100 mil espectadores (deve andar próximo dos 120 mil), este último filme do realizador de «Perdido por Cem» e «Oxalá» pôs praticamente toda a crítica de acordo no reconhecimento da sua qualidade.

«Crónica dos Bons Malandros», que Fernando Lopes realizou com base no homónimo «best-seller» de Mário Zambujal, não obteve, porventura, tão clara e inequívoca aceitação da crítica mas, no que toca a espectadores, temnos tido em bom número. Deverá ter sido, até agora, visto por um total calculado de 50 a 60 mil espectadores.

Menos vistos e, para a generalidade dos críticos, de qualidade consideravelmente inferior à atingida pelos dois anteriores foram «Vidas», de António Cunha Telles e «O Crime de Simão Bolandas», de Jorge Brum do Canto.

«Vidas» terá tido, até ao momento, entre 35 e 40 mil espectadores e «O Crime de Simão Bolandas» perto de quatro mil.

Estes números são naturalmente provisórios porquanto as quatro películas continuam em cartaz, só que nem todas nos cinemas de estreia.

Ao contrário do que possa pensar-se, a estreia praticamente em simultâneo dos quatro filmes não é indicador a revelar na análise da situação do cinema português.

Há que ter presente, por exemplo, que os quatro pertencem a planos de produção anteriores a 1983, o que diz do atraso com que chegaram ao circuito comercial.

De resto, não é apenas no capítulo da produção e da distribuição que os problemas existem.

Se os dinheiros públicos para o financiamento da produção cinematográfica são, como vem sendo hábito, escassos (apenas cinco dos 70 projectos apresentados ao IPC receberam financiamento), se as distribuidoras «emperram» em mil e um condicionalismos (para, por exemplo, alargarem o leque geográfico das produções) a exibição, essa, a julgar pelos números oficiais, atinge um assinalável grau de insuficiência.

Bastará dizer que 132 concelhos do País não têm salas de projecção e que em muitos proliferam as salas de projecção sem condições técnicas mínimas.

Além dos quatro filmes citados, três outros estiveram em 1984 em cartaz: «Os Abismos da Meia Noite», de António Macedo, «Jogo de Mão», de Mónique Rutler e «Guerra do Mirandum», de Fernando Matos Silva.

Se, em termos globais, o cinema em Portugal (desde a produção à exibição) estivesse de «perfeita saúde», outros filmes poderiam também ter sido mostrados. Entre outros, estes, que estão «feitos e acabados» e aguardam apenas o tempo e a sala de exibição: «Ana», de António Reis e Margarida Cordeiro, «Azul Azul», de José Sá Caetano, «Contactos», de Leandro Ferreira, «a Ilha dos Amores», de Paulo Rocha, «Iratan e Iracema», de Paulo Guilherme, «A Noite e a Madrugada», de Artur Ramos, «Sinais de Vida», de Luís Filipe Rocha, «Ninguém Duas Vezes», de Jorge Silva Melo, «Junqueira», de Cristina Hauser.

Segundo o IPC, está prevista para breve (mais mês menos mês) a estreia no circuito comercial português de «Ana», «Ninguém Duas vezes», «A Noite e a Madrugada» e «Junqueira».

Merece menção na lista de filmes apresentada neste balanço o facto de seis deles (em treze) terem sido inspirados em obras literárias (cinco das quais de autores portugueses: «O Crime de Simão Bolandas» — Domingos Monteiro, «Crónica dos Bons Maladros» — Mário Zambujal, «Iratan e Iracema» — Olavo d'Eça Leal, «Azul Azul» — João de Araújo Correia, «A Noite e a Madrugada» — Fernando Namora). «Junqueira» inspira-se num conto de Arthur Schnitzler.

Ocorre assinalar que, no seu novo regulamento de prémios do cinema português, o IPC suprimiu o «Prémio de Adaptação de Obra Literária de autor português».

Um outro prémio suprimido foi o da realização.

Pelo novo regulamento, o IPC criou o Grande Prémio do Cinema Português, no valor de 300 contos, a atribuir em partes iguais aos produtor e realizador do filme de longa-metragem que obtenha melhores resultados na conjugação do número de espectadores no período de estreia com a classificação dos críticos.

Em vista dos números e críticas, para este ano apresenta-se como forte candidato ao prémio «O Lugar do Morto».

O IPC criou ainda prémios de argumento, fotografia, som, música, interpretação masculina e interpretação feminina.

Tal como com o teatro, Portugal é também palco habitual de festivais nacionais e internacionais de cinema. No ano passado, realizaram-se estes, entre outros: Festival Internacional da Figueira da Foz, Fantasporto, Festival Internacional de Cinema Não Profissional do Algarve, Cinanima (cinema de animação), em Espinho, o Primeiro Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa, em Aveiro, Festival Internacional de Cinema Amador de Guimarães, Quinto Festival Internacional de Cinema para a Infância e a Juventude de Tomar e Quadragésimo Primeiro Encontro Nacional de Cinema Não-Profissional, em Lisboa.

Teatro: repetente

Ano após ano, com esta ou aquela alteração de pormenor, a história repete-se: os subsídios que o Ministério da Cultura distribui para a actividade dos grupos profissionais de teatro nunca são, por estes, considerados suficientes.

Mais ainda, há praticamente todos os anos «um caso».

No plano de subsídios para a temporada de 1984-85, o caso «estoirou» com a não atribuição de subsídio regular a um dos mais prestigiados grupos de teatro portugueses, «A Barraca». O grupo, e como ele outros quatro, foi contemplado com apenas um subsídio de montagem de 1200 contos.

De um lado e de outro se apresentaram razões, mais ou menos trazidas ao conhecimento público, o Ministério da Cultura argumentando em defesa do corte, «A Barraca» negando ao Ministério legitimidade para o fazer e reclamando o direito a um subsídio regular.

O caso acabou com o grupo da Alexandre Herculano a recusar num gesto sem precedentes na história do teatro português (tanto quanto é possível saber), os 1200 contos que, nos termos do plano oficial de subsídios, lhe estavam destinados.

Dependente dos dinheiros oficiais a actividade dos grupos de teatro independentes tem registado por isso ao longo dos anos, altos e baixos quer ao nível da regularidade da sua apresentação ao público quer ao nível da qualidade do trabalho apresentado.

Em termos gerais, e a julgar pela apreciação que desse trabalho foi feita pelos críticos, o nível atingido não ficou aquém do de temporadas anteriores.

Nuns casos porque «chamaram» público, este por vezes aderindo «à revelia» das opiniões dos especialistas, noutros porque tiveram o aplauso da crítica, noutros ainda porque conseguiram «pôr de acordo» público e crítica, são muitos os espectáculos merecedores de referência no balanço do ano teatral.

Entre outros, os seguintes: «Botto», «Teatro do Amor e do Ciúme», «Zig Zag» e «Marlowe», pela Casa da Comédia, «A Aurora da Minha Vida», pelo Teatro Experimental de Cascais, «Simpatia», pelo Teatro da Cornucópia, «Santa Joana dos Matadouros», pela Barraca «Marat-Sade», pela Comuna, «Confissões numa Esplanada de Verão» e «Ubu Português 2002 Odisseia no Terreiro do Paço», pelo Novo Grupo de Teatro, «Hughie Antes do Pequeno Almoço», pelo Grupo de Campolide, «O Paraíso não está à Vista», pelo Maizum, «Celestina», pelo Teatro Ibérico, «A Troca», pelo Teatro do Mundo, «O Tigre», pelo Teatro de Animação de Setúbal, «Sonho de Uma Noite de Fúria», pelo Tear, e «Uma Família do Porto», pela Seiva Trupe.

Mas é porventura na proliferação de festivais e mostras de teatro que 1984 encontra a sua «marca» mais característica. Houve-os um pouco por todo o País, nacionais e internacionais, e movimentaram milhares de participantes de todas as idades, de diferentes níveis de formação teatral.

Alguns deles: a Quarta Semana Internacional de Teatro Universitário «Situ», em Coimbra, Festival Internacional de Outono, na Covilhã, Carnide 84, Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, «FITEI», no Porto, Festival de Teatro da Juventude, também no Porto, Festival de Teatro Amador de Lisboa e, relevante nomeadamente pelo que permite prever de fortalecimento do diálogo cultural entre Portugal e Espanha, a Primeira Mostra do Teatro Espanhol.

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

FESTAS DE NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que, no período do Natal e Ano Novo, serão efectuadas circulações especiais até ao dia 5 de Janeiro de 1985.

Entretanto, serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 31 de Dezembro e 1 de Janeiro de 1985.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas Secções de Informação ou os avisos afixados nas estações.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		
ALEMANHA FED (marco)	75$80	81$80
ÁUSTRIA (xelim)	53$25	54$35
BÉLGICA (franco)	7$50	7$70
BRASIL (cruzeiro)	2$491	2$691
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	$036	$066
(notas de 5 a 1000)	125$20	127$20
DINAMARCA (coroa)	125$70	127$70
ESPANHA (peseta)	14$85	15$25
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	$912	1$032
(notas de 5 a 1000)	165$00	167$00
FINLÂNDIA (marka)	165$50	167$50
FRANÇA (franco)	25$50	26$10
HOLANDA (florim)	17$35	18$05
IRLANDA (libra)	47$20	48$20
ITÁLIA (lira)	167$10	171$10
JAPÃO (iene)	$079	$089
NORUEGA (coroa)	$640	$675
REINO UNIDO (libra)	18$25	18$75
SUÉCIA (coroa)	194$50	198$50
SUÍÇA (franco)	18$60	19$20
VENEZUELA (bolivar)	64$55	65$65
	10$25	11$25

Observações:
1 — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao impôsto de 6 por mil.**

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; **17.00**: Curiosidades musicais; **19.45**: Cinco peças, de Vicente Asencio; **18.05**: Canções; **18.30**: Concertos; **19.00**: Alfa e omega; **19.40**: Música de todos os quadrantes; **20.10**: O compositor da semana; **21.00**: A ópera «A Velada das Fiandeiras», de Kodaly; **22.45**: O pianista Sequeira Costa; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.45**: Sonata, em si bemol maior, k. 281, de Mozart; **01.00**: Fecho

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco, **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24 ª hora; **01.00**: O passageiro da noite; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas lusianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **24.00**: Dois pontos; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

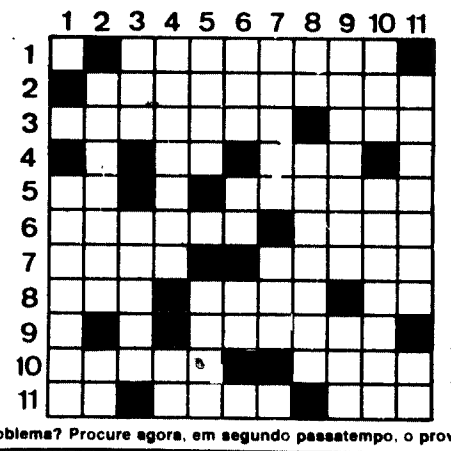
16.00: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Programa da LAR; **21.30**: Portugal experiência histórica; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Desporto; **23.00**: Sessão da meia-noite; **23.55**: Meditando; **02.00**: Estação de serviço

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; **18.00**: O estaminé do ritmo; **19.30**: Memorando; **20.00**: Transmissão do terço; **20.30**: A Universidade na Rádio; **21.00**: Paju; **21.30**: Pentagrama; **22.00**: Oceano pacífico; **24.00**: Contracapas; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 209

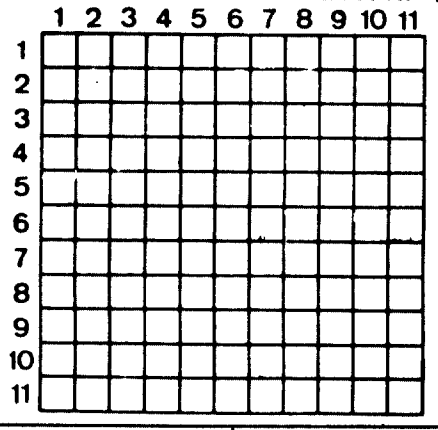


HORIZONTAIS:
1 Artigo definido. O mesmo que colas. (árvores).
2 Desgosto.
3 Bengala de junco muito flexível. (Bras). Uma das Cíclades.
4 Batráquio Pronome pessoal.
5 Antes de Cristo. Farto.
6 Coelho pequeno Lavrem.
7 Joeiras. Ardor.
8 Um cento. Comei à ceia. Pronome pessoal.
9 Aturdir.
10 Refere. Fechou as asas para descer mais depressa
11 Ouro (s.q) Toste, Consentimento.

VERTICAIS:
1 Ilude.
2 Cidade da Arábia. O mesmo que uma (ant e pop. (Inv).
3 Um cento. Região montanhosa da Ásia Central.
4 Fábricas de louça de barro. Rádio (sq).
5 Apelido. Nome de algumas tribos indígenas de Mato Grosso.
6 Eia! Cobalto (s.q). Pronome pessoal. (inv)
7 Imagem da Virgem ou dos sasntos, nas igrejas ortodoxas grega, russa romena e sérvia. Botequim. Conjunção.
8 Letra grega. Oveiras. (pop).
9 Amaciara. Suspiros.
10 Fecho as asas para descer mais depressa. Aniquila.
11 CHEGAI. Artigo indefinido.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 059



HORIZONTAIS:
1 Úlcera profunda da córnea. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
2 Rio da Baviera. Átomo. Ferro temperado.
3 Centímetro Rédeas.
4 Duas votais desiguais. Vagas.
5 Tostaram
6 Freguesia do concelho de Arouca. Mercado público no Oriente. Vê.
7 Europio (s.q). Conjunto de todas as rodas de um relógio. ÓXido de cálcio.
8 Intimar para comparecer perante a autoridade ou para cumprir uma ordem judicial. Indidignada.
9 Vigor Grande quantidade.
10 Ramada Restos mortais.
11 Uma das Espórades. Pertences.

VERTICAIS:
1 Ficar cego.
2 Planta de fibras têxteis en Angola. Destruição (pl).
3 Aqui. Crómio (s.q) Assunto.
4 Empanturraram.
5 Unidade de trabalho.
6 Ardil. Uma das Cíclades
7 Ciderarias.
8 Nome de homem. Catedral.
9 Assassinar. Queridos.
10 Emparelhados.
11 Pronome pessoal. Fazer mossa em.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 208

Horizontais:
1 Almas Piam.
2 QUEM Maca.
3 Pós Sir
4 Iu Ce Aa. Id.
5 Cirrose
6 Pág. Abas.
7 As. Rufas.
8 Mim. Lás. Asa.
9 Animal. Crer.
10 Cala. COnsente.
11 Os. Urra.

Verticais:
1 Aqui. Lamaco.
2 Lu Simas.
3 Meu. Cp. Mil.
4 Am. Ciar. Mac.
5 Pérgula.
6 Do. Falun.
7 São. As. Rs.
8 Im. Asas. Cré.
9 Aas. Be. Aran.
10 MCII. Asse.
11 Ardes. Arme.

PROVÉRBIO Quem cala consente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 058

Horizontais
1 Gebelim. Pré.
2 Eles. Mortal.
3 Eva Ápia Si.
4 Latinos. Opa.
5 Osaca. As.
6 Sasão. Ar.
7 Ge. Tristes.
8 Roçadas. Mu.
9 Ura. Cl. Suor.
10 Roi. Ilo. SSA.
11 Asola. Geé.

Verticais:
1 Geelong. Ura
2 Elvas. Erros
3 Beatas. Oaio
4 És. Iça.
5 Anastácia.
6 Impo. Ardil.
7 Móis. Oiá. Og.
8 Ra. SSS.
9 Pt. At. Use.
10 Rasparemos.
11 Elias. Suras.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES

ÁVILA 539930

Av Duque d'Ávila, 92A

Às 15, 17, 19.10, 21 45 e 23.45
– M. 12 a
A ACADEMIA DA POLÍCIA

AVIS 547153

Av Duque de Ávila 45

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 6 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO (Parte II)

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES

CASTIL 530194

R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

CINE BLOCO 556826

R Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
A BALADA DE NARAYAMA
Às 24 – N. ac men. 13 a.
TRINITÁ VAI À GUERRA

CINE CAMÕES 324194

R do Loreto 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O SUPERDINÂMICO

CINE 222 579460

Av P da Vitoria, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15 30 e 21.30 – M 12 a.
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M 16 a.
O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN

CONDES 322523

Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
Finalmente! O filme! A música!
Canções de Stevie Wonder
A MULHER DE VERMELHO
O filme de Gene Wilder

2000 2100055

Av B Voluntarios, lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
BALBÚRDIA NO OESTE

EDEN 320768

P Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

ESTUDIO 555134

Al Afonso Henriques 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095

Av Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a.
AS ASAS DA POMBA.

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14 30, 16 45, 19, 21 30 e 24
– M. 12 a
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 14.15, 16 30, 18 45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques 35

Às 15.15, 18 30 e 21 30
– M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

LIDO 936593

P. D. João I. Amadora

Às 21.30 – N. ac men. 18 a.
VINGANÇA FORÇADA

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
AS BELDADES SELVAGENS VOLTAM A IBIZA

NIMAS 574362

Av 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

R dos Condes 12 a 20

Às 15 15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a
A ÚLTIMA ORGIA DO III REICH

PATHÉ 821933

R Francisco Sanches, 122

Às 14, 17.30 e 21.30
– M. 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO

Uma cena do filme «As Asas da Pomba» realizadopor Benoit Jacquot com Domninique Sanda e Michéle Placido. Em exibição no Estúdio 444

POLITEAMA 326716

R Portas S Antao 109

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO

QUARTETO 771378

R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 12 a.
DIÁRIO ÍNTIMO

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30
– M 12 a.
GREMLINS
Às 23.30 – N. ac. men. 13 a.
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 12 a.
HAMMET
Às 23.30 – N. ac. men. 18 a
O AMIGO AMERICANO

SALA 4
Às 14, 16.45, 19.30 e 22.15
– M. 12 a.
O HOMEM DE FERRO

QUINTETO 573407

R Actor Taborda 27-B

Às 14.30, 17.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
GREMLINS
Às 24 – Int. men. 13 a.
O MAIS DURO DO TEXAS

ROMA TEL 727778

Av de Roma 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

ROXY 548560

Av Almirante Reis 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 12 a.
SABATA CHEGA E MATA

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade 175

SALA 1

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
– M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
25.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
OS BATOTEIROS.

7.ª ARTE 730715

Av Republica à E Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14 45, 17, 19.10, 21 45 e 23 45
– M 16 a.
O ELEVADOR

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro 14 C

Às 15, 18 15 e 21 30
– M. 12 a
GENTE GIRA

TURIM 706666

E de Benfica 723 A

Às 15, 17.30 e 21 45
– M. 6 a.
A ESPADA ERA A LEI

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras lote 8/9

As 15 18 15 e 21 30
– M. 12 a
O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

XENON 368480

Av da Liberdade 9

Às 14.15, 16 30, 19 e 21 30
– N. ac. men. 18 a
O ELEVADOR

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «A Balada de Narayama», às 21 30 (16 anos)
ALFA-3 – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «Frances», às 21.15 (12 anos)
ZODIACO – «Vidas», às 21.30 (18 anos)
APOLO 70 – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)
LONDRES – «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Robin dos Bosques», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «As Orgias de Mata-Hari», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Fraco Joga Forte», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
RESTELO – «Fúria de Vingança», às 21.30 (16 anos)
PROMOTORA – «Eu e Catarina, que Maravilha!», às 21.30 (12 anos)
ESTUDIO ACS – «As Aventuras da Turma da Mónica», às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Rebel, o Insubmisso», às 21.30 (12 anos)
ESTORIL – Casino – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Impala – «Footloose», às 21.30 (12 anos)
CASCAIS – Oxford – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Estúdio Flores – «Footloose», às 21.30 (12 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Mercenários por Conta Própria», às 21.30 (16 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Casamento de Amor», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Inferno no Pacífico», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.15 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «Uma Cama para Três», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «Os Ricos e os Pobres», às 21.45 (12 anos)

Porto

TRINDADE – «Os Caça-Fantasmas», às 21.45 (6 anos)
NUNO ÁLVARES – «Robin dos Bosques», às 21.45 (6 anos)
BATALHA – «Os Caça-Fantasmas», às 21.30 (6 anos)
PASSOS MANUEL – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.45 (12 anos)
CHAPLIN – «Arthur, o Alegre Conquistador», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «As Serpentes Malditas do Kung Fu», às 21.30 (18 anos)
TERÇO – «O Golpe Secreto do Guarda-Chuva», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Identificação de uma Mulher», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.45 (12 anos)
CHARLOT – «Making Love», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «Robin dos Bosques», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Fugitivos do Inferno», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21.30 (12 anos)
FOCO – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)
VALE FORMOSO – «O Templo de Shaolin», às 21.30 (16 anos)
PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Vidas», às 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziller, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiuz**, E. de Benfica, 444-A (T 7141206); **BOA-HORA - AJUDA: Boa-Hora**, R dos Quartéis, 25-27 (T. 637777); **CAIS DO SODRÉ: Central**, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); **ESTRELA: Marques Freire**, R. de Santo António à Estrela, 96; **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av Almirante Reis, 46-B (T 821653); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES: Algarve**, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. do Viriato, 29-29-A (T. 548966); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pimentel**, Az dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

ALTO DE SÃO JOÃO: Zional, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto do Carvalhão, 5-B (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **REGO: Prates & Mota**, R da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanizaço Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA -AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324) Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044) Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Alimrante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A r/ch (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani** Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

teatros

Lisboa

CAFÉ CONCERTO – «Proibido», às 24.00 (18 anos)
A BARRACA – «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «O Bem Tramado», às 21.45 (16 anos)
TEATRO ABERTO – «Ubu Português, 2002, Odisseia no Terreiro do Paço», às 21.30 (13 anos)
TEATRO IBÉRICO – «A Celestina», às 21.30 (13 anos)
COMUNA – «Para Onde Is?», às 21 30 (13 anos)
VARIEDADES – «Boeing! Boeing!», às 21.45 (12 anos)
VILLARET – «O Super-Silva», às 21 30 (12 anos)
COLISEU – Circo do Natal, às 16.50 e 21.30 (6 anos)
CAMPO PEQUENO – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE ESPANHA – Circo Cardinali, às 21 30 (6 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Uma Família do Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP – «O Observador», às 21.45 (13 anos)

AMADORA

Melo, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 9322106) Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T 950523). Permanente; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apetação. Até às 19 horas; **CACÉM: Guerra Rico**, R. dos Combatentes da Grande Guerra (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av Óscar Monteiro Torres, 6 (T 9260194) Até às 22 horas; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente.

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B; **AMEAL**, R. do Ameal, 1227; **DA CRUZ**, R. de Costa Cabral, 1082; **SÃO LÁZARO**, Av. Rodrigues de Freitas, 297; **PARENTE**, R. das Flores, 114.

DE DIA E TODA A NOITE

CORREIA DE ARAÚJO, R. de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO, LD.ª**, R. de Cedofeita, 125; **LOUSADA**, R. do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA**, R. São Roque da Lameira, 1473; **GUARANI**, R Pedro Hispano, 367.

COIMBRA

VILAÇA, R. Ferreira Borges, 132 (T. 22043); **OLIVAIS**, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 72904).

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 – Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: **40$00**

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

1 20 **4,0 m** 6 51 **1,2 m**
13 26 **4,0 m** 19 14 **1,1 m**
Dia 21
1 53 **4,1 m** 7 40 **1,1 m**
14.18 **4,0 m** 19 56 **1,1 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	5º
BRAGANÇA	2º
VILA REAL	3º
PORTO	5º
COIMBRA	3º
CABO CARVOEIRO	12º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	6º
ÉVORA	8º
BEJA	6º
FARO	10º
SAGRES	9º
PONTA DELGADA	16º
FUNCHAL	16º

Agudiza-se o litígio nas pescas com a Espanha

Continuação da pag 1

«Esgotaremos todos os recursos políticos e jurídicos para que esses direitos sejam efectivamente reonhecidos» – diz a nota do Governo de Felipe Gonzalez, segundo fontes oficiais citadas pela ANOP.

Nessa nota verbal enviada nas últimas horas, o governo espanhol indica que «se não há conciliação ou solução pela via política ou jurídica, poderá exercer-se o direito de pesca nas águas entre as seis e as doze milhas», informaram as mesmas fontes.

Neste caso, poderiam dar-se incidentes com apresamentos e o recurso aos tribunais, a exemplo do que já aconteceu nos últimos anos, com pesqueiros espanhóis em águas do golfo da Biscaia, em que a justiça francesa se pronunciou a favor dos pescadores espanhóis.

História de um relatório secreto

O fundo da questão é claro para os espanhóis: eles consideram que devem continuar a pescar em águas portuguesas para manterem os seus direitos históricos com vista à entrada na Comunidade Económica Europeia. A dúvida está em saber como fazer valer esses direitos.

É a esta questão que o citado documento interno do Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende dar resposta. O documento, de carácter interno, seria apenas, um «relatório com estudo sobre eventuais cenários de trabalho», disseram à ANOP fontes oficiais espanholas.

Entre as diversas hipóteses de iniciativas, está a de «não enviar a frota pesqueira para as águas portuguesas, para evitar incidentes, e sugerir a Portugal que recorra a uma arbitragem sobre o acordo de 1969» ou «exercer, apesar de tudo, os direitos de pesca na zona continental portuguesa entre as 6 e as doze milhas, enviando a frota para fa-enar».

Neste caso, adverte-se, «isto provocará uma reacção da administração portuguesa, possivelmente apresando barcos ao que a Espanha pode responder de duas maneiras», uma das quais seria «protegendo os pesqueiros com barcos de guerra, o que provocaria um gravíssimo incidente com Portugal, pelo que não parece possível fazê-lo», diz o relatório.

A outra possibilidade seria a de financiar o pagamento das multas que vão sendo impostas, enquanto não houver a arbitragem.

As autoridades espanholas decidiram, agora, recorrer à arbitragem bilaterais e, se não houver solução, à arbitragem internacional.

Porta-vozes do Governo e do Ministério dos Negócios Estrangeiros tinham desmentido, na terça-feira à noite, a existência deste documento interno do Governo que seria examinado, proximamente, em Conselho de Ministros.

Os mesmos porta-vozes reconheceram ontem que foi elaborado por um departamento do Ministério de Negócios Estrangeiros um «relatório com os diversos cenários, trabalhos que se fazem em muitos outros temas, sem que isso tivesse pressuposto qualquer tipo de decisão ou, mesmo de análise a nível de Governo».

«Nem pode ser considerado um documento do Governo nem estava ou está previsto que seja examiando pelo Conselho de Ministros, disse à ANOP um porta-voz oficial da Presidência do Governo.

O documento em referência terminava afirmando que, com vistas as nossas negociações com a CEE, parece aconselhável proceder ao exercício efectivo dos direitos de pesca, para evitar que Portugal possa alegar uma falta do referido exercício com base para uma pretensão de excluir a frota espanhola de suas águas, depois da adesão.

Negociar tudo menos o lagsotim

Em referência a estes problemas, o secretário de Estado português das Pescas disse ontem que «é possível negociar novos acordos de Pescas com a Espanha que salvaguardem os interesses dos dois países».

«Nós temos espécies que não têm grande consumo nem interesse económico, tal como acontece com Espanha, e podemos chegar a acordos que permitam concertar os interesses dos dois países», acrescentou Faria dos Santos.

Onde os interesses divergem e o choque é frontal é na pesca de crustáceos, em especial nos lagostins algarvios:

«Essa é uma das espécies em que a negociação não é possível pela importância que tem para a economia portuguesa o que, de resto, os espanhóis compreenderão» — sublinhou Faria dos Santos.

De entre as espéceis apontadas como passíveis de cedência à frota espanhola, Faria dos Santos apontou a chaputa, o espadarte, a sarda e o atum que — disse — têm «grande procura no mercado espanhol e são vendidos a preços superiores aos praticados no mercado português».

"Grande vitória" da UNICEF

Terapia de reidratação oral pode salvar milhões de crianças

O Comité Português para a UNICEF prevê lançar no próximo ano projectos de desenvolvimento integrado nos bairros degradados da Curraleira e Santa Filomena, este na Amadora.

O secretário-executivo do Comité Português da UNICEF, Nuno Távora, disse ontem em Lisboa que os projectos estão previstos para dois anos e serão executados em colaboração com a Comissão da Condição Feminina.

Os projectos de desenvolvimento incluem campanhas nos sectores da saúde (sobretudo com vacinações), educação e planeamento familiar.

Entretanto, a UNICEF divulgou ontem em todo o mundo o seu relatório anual sobre «O Estado da Infância».

No documento são apresentados como grande vitória da organização, no último ano, os sucessos conseguidos com a terapia de reidratação oral. Este método permitiu, segundo o relatório, salvar meio milhão de crianças em 1984.

A terapia de reidratação é usada na prevenção e tratamento da diarreia — a doença responsável pela maior parte da taxa de mortalidade infantil.

Até há pouco tempo, a diarreia infantil só podia tratar-se através de uma difícil terapia por via intravenenosa. Hoje, no entanto, a prevenção pode ser feita apenas pela ingestão de uma solução de água com sais e glicose dissolvidos, que os próprios pais podem preparar.

Calcula-se em mais de quatro milhões o número de crianças que morrem anualmente devido a desidratação.

Sobre as vantagens da terapia de reidratação, a UNICEF dá como exemplo o trabalho efectuado numa cidade filipina, que permitiu já reduzir os óbitos infantis em 50 por cento.

No total, houve 38 países que começaram a produzir durante este ano os sais de reidratação oral. Para além destes, 130 lançaram campanhas de divulgação sobre as vantagens do leite materno e dos perigos do aleitamento artificial com biberão.

Por seu lado, a UNICEF distribuiu durante 1984 cerca de 65 milhões de sacos, com os referidos sais, por um total de 78 países.

Segundo o relatório da UNICEF, esta «receita milagrosa» permitirá salvar a vida de mais de dois milhões de crianças por ano.

Balanço provisório dos livros 84

Vinte e um títulos são de jornalistas

Pelo menos 21 jornalistas publicaram livros ao longo do ano que agora finda – ou têm-nos nos prelos das editoras prontos para publicação.

Não há estatísticas disponíveis, mas é possível que, considerado o período de um ano, este total de jornalistas com textos em livro nunca antes tenha sido atingido em Portugal. Facto que por si só, e independentemente da qualidade dos textos produzidos, merece referência neste balanço.

São textos, nuns casos, distanciados do tempo e do modo da «obrigada» produção jornalística e, noutros, tazendo, com maior ou menor retoque do «original», a transposição para a letra de forma de livros, de textos publicados no tempo e no modo dos jornais.

Dos vinte e um, mais conhecidos uns do que outros no meio jornalístico, sete fizeram a sua «estreia absoluta» em livro: João Aguiar («A Voz dos Deuses», romance), Luís Filipe Costa («A Borboleta na Gaiola», romance), Carlos Urgel Direceu, pseudónimo de Santos Ribeiro («Miguel Várzea, Alferes e Paisano», romance), Clara Pinto Correia («Agrião», romance), Isabel Braga («A Princesa das Águas», contos para crianças), José A. Salvador («Livra-te do Medo, Estórias e Andanças do Zeca Afonso», testemunho) e André Bandeira («É meia-noite Tudo Vai Mal», teatro).

Uma primeira curiosidade: nenhum dos estreantes escreveu poesia.

Três outros jornalistas, dois dos quais exercendo de momento funções noutra área (Cáceres Monteiro como director da Comunicação Social, Jaime Rocha como empregado numa editora) já antes tinham publicado, mas num género diferente.

Cáceres Monteiro, que dera à estampa «O Mundo em Azert», reportagens, escreveu agora «Fast Lane, Exercícios de Sedução», romance, Jaime Rocha, autor de dois títulos de poesia («Melânquico» e «Dança dos Lilazes») estreou-se na ficção com o romance «Tonho e as Almas», e Pedro Alvim, que antes escreveu as crónicas de «O Caçador de Nada» e «Rútilo é o 'I'», poesia, surgiu agora com contos para crianças num volume intitulado «Os Filhos dos Outros». Tem a sair, na Caminho, «Esfera dos Dias» (poesia).

Dos restantes onze do grupo, nove reapareceram em livro num género habitual mas, na maioria dos casos, não exclusivo das respectivas bibliografias.

Assim, Baptista-Bastos e Guilherme de Melo publicaram novos romances, Alice Vieira, histórias para crianças, José Viale Moutinho, José Jorge Letria e Manuel António Pina, poesia, Manuel Beça Múrias e Mário Mesquita textos jornalísticos e Fernando Dacosta, um livro que se poderá reclamar tanto da escrita dramática como da narrativa, «Ambiguidade» para a qual, aliás, o próprio autor remete em «observação» final.

Os dois jornalistas que falta citar e têm textos prontos para publicação são António Mega Ferreira («O Heliventilador de Resende», contos) e Luís Almeida Martins («Viva Cartago», romance).

Dos livros citados, sete figuraram nas listas dos mais procurados em Portugal, elaboradas semanalmente pela ANOP. Foram eles: «Agrião», de Clara Pinto Correia, «Sequestraram o Senhor Presidente» e «Os Retornados estão a mudar Portugal», de Fernando Dacosta, «Ainda havia Sol», de Guilherme de Melo, «Elegia para um Caixão Vazio», de Baptista-Bastos, «Livra-te do Medo, Estórias e Andanças do Zeca Afonso», de José A. Salvador, e «A Voz dos Deuses», de João Aguiar. Este último, de edição mais recente, continua no «top».

O facto de um determinado livro ter maior procura do que outro, num dado período de tempo, não atesta automaticamente supremacia de qualidade, como parece inquestionável. O «best-seller» não é senão isso: um livro que se vende bem. Mas pode acontecer que ele seja, coincidentemente, um livro de qualidade literária. Dessa coincidência deu algumas vezes conta do «top» da ANOP, ao longo do ano. É, de resto, o que, desde há mais de um mês, vem acontecendo com um dos livros de ficção portuguesa que a crítica especializada e a Comunicação Social têm dado mais atenção: «O Ano da Morte de Ricardo Reis», de José Saramago.

José Saramago e Agustina Bessa Luís, com «Um Bicho da Terra», há pouco lançado, foram, de entre os consagrados da novelística portuguesa, dos poucos que este ano somaram um novo título às suas bibliografias. As ausências são em número superior: José Cardoso Pires, Maria Velho da Costa, Augusto Abelaira, Urbano Tavares Rodrigues, Vergílio Ferreira, Fernando Namora e Faure da Rosa, entre outros.

Maria Teresa Horta publica o romance «Ema» e Luís de Miranda Rocha «Devastação» (poesia).

Mas novos títulos e novos prosadores surgiram em 1984. Dos primeiros e na impossibilidade de um balanço exaustivo, refiram-se os que deram à estampa os chamados «novíssimos», designação sob a qual é hábito reunir os autores que só publicaram depois do 25 de Abril ou que só depois desta data se tornaram notados: «Notícia da Cidade Silvestre», de Lídia Jorge, «Sapos Vivos e Outros Monstros», de Regina Louro, «Fabulário» e «Era uma vez um alferes», de Mário de Carvalho, «O Gémeo Diferente», de Luísa Costa Gomes, «Os Guarda-Chuvas Cintilantes», de Teolinda Gersão, «No Canto do Ocaso», de Rui Nunes.

Dos que agora se estrearam na ficção a referência vai para Paulo Castilho («O Outro Lado do Espelho», prémio do «Diário de Notícias), Abílio Teixeira Mendes («Henda Xalá»), Júlia Nery («Pouca Terra, Pouca Terra»), e António Torrado («De Vítor ao Xadrez» contos). António Torrado é autor de vários títulos de poesia e de uma vasta produção literária para os mais novos.

Na poesia, a produção foi particularmente abundante.

Alguns títulos: «Os Túmulos», de José Viale Moutinho, «Perto da Terra», Yvette Centeno, «Restos de Infantas», de Isabel de Sá, «Chegar Aqui», de Manuel Alegre, «Dentro de Momentos», de Pedro Támen, «Maillot», de Paulo da Costa Domingos, «Nome para uma Casa», de Fernando Namora, «O Corpo de Atena», de Rui Knopfli, «A Nau Eléctrica», de Mário Rui Cordeiro, «A Flor Evaporada», de Alexandre Pinheiro Torres, «Os Rostos Comunicantes», de Vasco Graça-Moura, «Dos Templos», de António Torrado, «Palavras do Imperador Adriano», de R. Lino, «Rebentação» de Luís Miguel Nava, «Salsugam», de Al Berto, «O Comércio das Palavras», de José Antunes Ribeiro, e «Poesia Instante», de Raul de Carvalho, a título póstumo.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 183 • 20 de Dezembro de 1984

Como se fosse preciso acordar o silêncio

Manuel Cintra

QUANDO se entra numa livraria, certas bancadas nas quais se justapõem as últimas novidades, de tantas cores, feitios e formatos, podem, se tivermos o cuidado de olhar para elas muito **mais** rapidamente, sugerir um caos tão violento como aquele que a cidade nos emprestou lá fora. Ou como aquele que nos adormece na primeira página dos jornais. Ou como aquele que veríamos, no fim do mês, ao olhar para os últimos trocos, se tentássemos fazer um balanço muito **mais** rápido daquilo que esse mês conteve.

Mas quando se olha para uma bancada de livraria, já está tudo condicionado: o nosso olhar, quase sem querer, selecciona, por entre essas formas, cores e tipos gráficos múltiplos, aqueles que nos correspondem ou podem vir a corresponder. E sonâmbulos, como em tanto do que fazemos, vamos direitos a este ou àquele livro, folheamos, registamos uma ou outra frase, e se se tratar de um autor desconhecido, com a mesma facilidade o vasculhamos ou largamos imediatamente, sem saber porquê. O devolvemos àquele caos, voltando ao nosso. E é nesse silêncio aparente, entre os outros livros, que ele poderá ou não voltar a vibrar. (...)

Por vezes, tratando-se ou não de um autor já conhecido, esses livros começam por um **prefácio.**

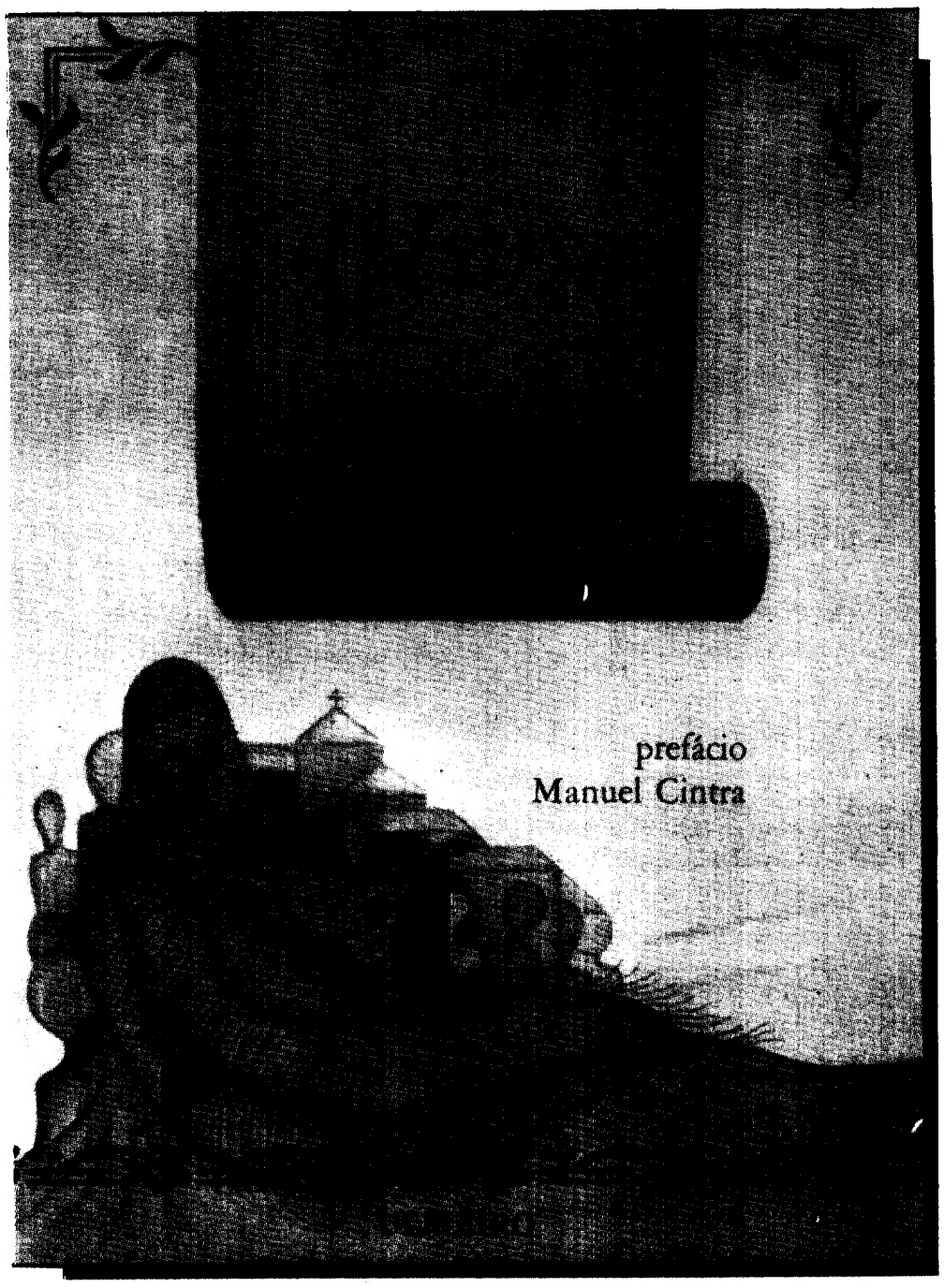
Pessoalmente, um prefácio sempre foi para mim uma violência. Um apêndice supérfluo. Uma imposição. «Leia primeiro isto. Depois já pode abordar o livro que decidiu adquirir.» Na minha adolescência, eu chegava a rasgar os prefácios e a entalá-los no fim do livro. Achando então que um posfácio seria mais correcto. Que alguém se pronuncie depois do autor, vá lá, pode ter cabimento. Ou que o próprio autor queira acrescentar algo antes de a obra ser lida. Mas que outra pessoa nos imponha as suas ideias primeiro? Venha influenciar a nossa leitura? No fundo, embora apaixonado pela contradição de fazer aquilo com que não concordo, pois é um prefácio que estou a escrever, continuo a pensar assim. Uma obra de arte deve ser por nós recebida em estado virgem. Nunca ir ao cinema depois de ler a crítica. Nunca ver uma exposição de pintura, ou escultura, ou fotografia, depois de uma erudita opinião. Nunca ouvir música senão com os ouvidos. Nunca ler um prefácio primeiro. E é por isso que aconselho os leitores a parar neste momento e ler este prefácio depois. Pois não se trata, ao contrário do que acabam de ler, de uma reflexão feita antes de eu ter lido «A Farsa», mas sim depois de ela me ter vibrado nos sentidos. Um simples balanço de sensações produzido por outro balanço de sensações.

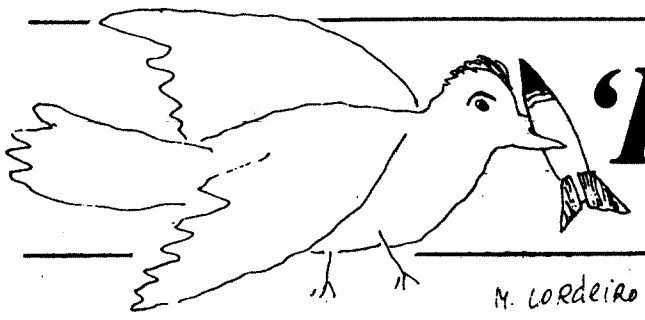
Há homens que, ao escrever, voluntariamente ou não, rodeados pelo caos da sua época, estão, sem querer, a esboçar o caos seguinte. No entanto, é para a sua época que olham, mas esse olhar vai tão longe que a ultrapassa, gesto visionário, e sente coisas tão próximas do futuro que mais tarde os virão a tratar de precursores. Assim, por exemplo, Van Gogh foi precursor do expressionismo. Em certos casos, como no dele, essa visão é tão nítida, tão violentamente concisa, que se verifica tratar-se de um génio, uma obra inteira, levada ao extremo da sua essência. Noutros casos, como em Raul Brandão, esse génio consiste precisamente no contrário, em não acabar, apenas esboçar, esforçar o olhar, sentir germinar sensações e registá-las, lançar pistas, traçar apenas e com grande nitidez os principais contornos e deixar tudo o resto desfocado, por aprofundar, sendo precisamente dentro desse nevoeiro que reside toda a profundidade.

Se olharmos para os quadros que Raul Brandão pintou, veremos como, à primeira vista, eles parecem corresponder a essa parte desfocada, e como, vistos com mais atenção, eles contêm, em cada pincelada, os tais contornos principais, cheios de violência contida ou de inquietação. Ou como nas descrições que surgem em «Os Pescadores» residem, minuciosos e já não esboçados, os quadros que ele não pintou, talvez porque não se tratasse de pintar nem de escrever mas sim de esboçar, de sentir. Assim, nem «Os Pescadores» tem uma estrutura formal tradicional, com princípio, meio e fim, nem os quadros pintados surgem como algo de definido, embora estejam **acabados.**

Há uma posição inquietante. De pôr em causa e não tirar conclusões, como quem diz: chegámos aqui. A esta **barafunda.** E agora, o que é que tudo isto significa? E a visão que se tem é negra. É violenta. É composta de pinceladas. De gentes pequenas, de gestos pequenos, de pormenores tão ocultos e quotidianos que não constam sequer nos apontamentos dos jornais. De acontecimentos tão próximos de nós, que os não conseguimos ver com nitidez. Assim, a vida de Candidinha é como a de uma formiga. Quem reparou naquela formiga, mais desgraçada do que as outras? Mais laboriosa? Mais esmagada e mais perturbadora? Mais inútil? Não se trata, pois, de heróis. As personagens retratadas são tanto o contrário de heróis que acabamos por perder o fio à meada e não entender se havia personagens ou se a única personagem era a vida, com o seu pulsar de desgraças comezinhas e por isso gigantes, de gestos minúsculos e por isso mesmo, todos

Continua na pág. 2





'Pisei uma mina, caraças!'

Mário de Carvalho

Tinham largado às cinco da manhã, com rações de combate para dois dias, o trivial. O alferes estava farto, mais que farto, de conhecer aquele caminho. Todos os pontos de referência lhe estavam assinalados na memória, as distâncias entre eles, as minudências do percurso. E agora a seguir vinha o renque de cajueiros, depois o espinheiro em forma de mão, depois o sítio em que encontraram o leão morto, depois a lomba em que mataram à granada o negro velho que disparava à queima-roupa, depois o cabeço da emboscada de Setembro, depois o embondeiro, baobab ou lá como aquilo se chama, sempre coberto de pássaros, mais adiante a clareira colmada de folhagem e ramadas secas, depois...

Um estalido metálico, seco, nítido, deflagrou no ar. A fila imobilizou-se. Meio dobrados sobre as automáticas, os homens esquadrinhavam todos os recantos, numa tensão feroz e atenta.

Bem a meio da picada, o alferes não se moveu. Estava parado, muito direito, os dois braços ligeiramente afastados do corpo, o rosto petrificado fito em frente. Suspendia a arma pelo tapa-chamas, como quem assegura um contrapeso para um problemático equilíbrio.

– Pisei uma mina!

– Pisei uma mina, caraças! – repetiu, quase sem mexer os lábios para o furriel que se aproximava, inquieto. E havia nas palavras do alferes um tom de profunda tristeza, mais que grave ou compenetrado.

– Meu alferes, por amor de Deus, não se mexa – agitou-se o outro, com largos gestos tranquilizadores.

Durante uns momentos, o entendimento do alferes ficou totalmente embaciado, como se ele estivesse muito longe dali, imune à agitação em volta. Ritmadamente, o coração tropeava-lhe no peito, em alto som. O furriel que saltitava ao perto distinguia-lhe a lividez da face, os lábios brandcos, e continuava a produzir palavras, advertências, que o alferes já não ouvia. O espaço desfocara-se-lhe subitamente, numa confusão cinzenta de massas e de volumes. Uma dor fina, movente, foi-se entreafirmando, revolvendo-lhe as entranhas, o peito. Sentia as extremidades quase doridas, de frias, e o sangue a refluir, a tumultuar, em cachoeira, de envolto com o coração solto. De um para outro relance, o pé que havia pisado a mina ora lhe parecia um trambolho pesado, de chumbo, ali plantado para a eternidade, ora uma extremidade oca, abandonada, de uma ligeireza etérea, flutuante, quase adormecida ao som da brisa.

O breve ruído metálico do percutor, clique, definitivo, vinha-lhe repetidamente aos ouvidos, em ecos pulsados.

– Calma – murmurava o alferes baixinho, sem se ouvir –, calma, calma, pá!

A pouco e pouco, a razão foi voltando, clarearam-se os pormenores em volta. A angústia do medo misturou-se a um tremendo sentimento de injustiça. E o alferes foi tomado duma profunda piedade de si próprio, ingénua, ternurenta, infantil:

– Mas porque é que isto me havia de acontecer a mim?

Sentiu que lá no fundo de si se afirmava a capacidade de chorar, de quando criança. Mas logo os mecanismos adultos de a desfeitear se sobrepuseram, e era o alferes a berrar:

– Mas que é que está tudo aqui a fazer em molhada, caramba? Os nossos furriéis não sabem que não pode haver ajuntamentos na picada? Isto é o Jardim Zoológico ou o quê?

Imprudentemente, os soldados faziam círculo à sua volta, abismados, num pasmo. Havia um rumorejar de vozes baixo, quase respeitoso. O alferes distinguia agora as caras paradas, atentas, os olhos esbugalados, as bocas muito abertas. E insistiu, com fúria:

– Arreda tudo daqui! Querem ir todos para o galheiro?

A voz saía-lhe esganiçada, quase de falsete, nesta mudança em raiva de todas as energias do susto:

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Ser

Pedro Alvim

Vou-me tão depressa
que me fico
exactamente
no mesmo ponto.

Atrás
de mim
só ficam
reticências...

«Olha o vapor
que deita aquele!»
– ouço alguém dizer.

Limito-me a sorrir:
«Se parado estou
como estou a ir...?»

Depois do êxito de
O DIA DOS PRODÍGIOS
e
O CAIS DAS MERENDAS
novo romance de Lídia Jorge

NOTÍCIA DA CIDADE SILVESTRE

uma nova faceta de uma grande escritora
um romance europeu
com todo o realismo, poder de efabulação
e interioridade psicológica de Lídia Jorge

Obviamente uma edição
Publicações Europa-América

"A Farsa" /Raul Brandão "A Farsa" /Raul Brandão "A Farsa" /Raul B

Linha de Sintra

Como se fosse preciso acordar o sil

Continuação da pág. 1

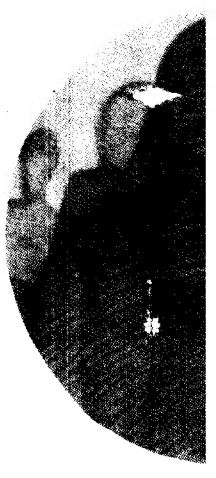
condensados numa amálgama, descomunais.

A própria estrutura do romance, entrecortada de subtítulos, percorrida de trajectórias paralelas e sinuosas, que se encontram e tornam a afastar, como um labirinto onde a entrada e a saída são o mesmo orifício, uma cloaca, contribui para essa sensação. E essa sensação é falsa. É tão sublinhada, tão dramatizada, tão enegrecida, tão exaltada e exagerada que é falsa, como é falso viver numa farsa, como é falso viver no nevoeiro, naquilo que, por mais que se olhe, não se vê, não se entende com objectividade, não se assimila com distanciação.

Para um escritor como Raul Brandão, a única maneira de definir as pistas, juntar todas essas linhas e desenhar o resto, talvez fosse ter hipótese de se afastar da terra numa nave espacial, ser astronauta, estar de longe, em silêncio, olhando para tudo isto, nem que ser astronauta fosse uma necessidade mental provocada pela asfixia. E então já não pensar. Apenas ver.

O resultado foi, no caso de «A Farsa», muito semelhante aoque se passa nos filmes expressionistas alemães, por exemplo: os contornos vincam-se, as personagens são como caricaturas de si próprias, estando em realce precisamente aquelas linhas habitualmente dissolvidas nas demais, e tudo se torna lúcido, nítido, implacável. As sombras, gigantes, são como aquela parte terrível de nós mesmos que aumenta sempre, sem a podermos dominar (o Antoninho?), e que por ser gigante um dia nos mostra a que ponto éramos minúsculos. Os tectos esmagam. Na rua, ao ar livre, é o próprio ar que se adensa e esconde num emaranhado de sensações, aquilo que acabaremos por não ter distinguido.

Por isso, tudo parece escrito de uma forma tosca, exagerada, adolescente, quase infantil. Há uma sobreposição de valores. Sobre a descrição da realidade, uma realidade muito mais negra do que aquela. Muito mais violenta. Como se fosse preciso acordar o silêncio. Como se aquela época se estivesse a afundar. Que a única hipótese de a salvar fosse descrever o naufrágio **antes,** para ele nunca



cheg
pega
crev

(Pr
Bran

EM 20 DC

Dois romanos discutem um caso j

TUDO aquilo me pareceu estranho. O próprio Póncio, por diversas vezes, me confessou que se sentira manipulado, embora não possuísse provas de qualquer conspiração. Um crime perfeito!

– Mas, pelo que me dizes, o criminoso foi a própria vítima!

– Sim. Mas vê os factos: o juiz não podia decidir de outro modo. Ele fez a pergunta que poderia ter ilibado o réu – e este condenou-se ao dar a resposta errada ou, pelo menos, ambígua. Não houve as formalidades habituais de um julgamento; as longas discussões, os ápelos à clemência, o recurso a um júri isento.

– Como?

– Sim: vê bem. Naquele caso, o júri foi a multidão que optou por ele, libertando um outro, esse sim, criminoso confesso. Ora a multidão, como se viu depois, estava infiltrada por amigos dele – não o tinham recebido, dias antes, de forma triunfal? O comportamento unânime, ao condenálo, soou-me a algo de combinado. Havia uma forte cumplicidade naquele ambiente, uma pressão para que a decisão fosse tomada com rapidez.

– Não vejo bem porquê.

– Verás! O eclipse estava anunciado para as três da tarde. O processo, termina tão abruptamente como começara, com a sentença da multidão. Imediatamente arrastam o homem pela ruas, quase o empurram, ao longo de uma distância infindável, para que ele chegue ao local do suplício antes daquela hora. A agonia é prolongada (ele estava quase moribundo quando o levaram, dada a debilidade em que se encontrava no dia do julgamento) com o recurso ao vinagre, que é um forte estimulante. Inesperadamente, perto das três, um centurião (comprado, soube-se depois) dá-lhe o golpe de misericórdia.

– Dizes-me então que a vítima se comportou ao contrário do que é habitual. Que ele dominou desde sempre a situação, marcando quer os tempos do acontecimento quer os seus participantes? Parece que me falas de um jogo, embora estivesse em causa uma vida humana, em que as peças se moviam em função de um resultado futuro, não veja qual.

– Começas a compreender. Hoje, tudo me parece absurdo, a começar pelo roubo do cadáver. Nem sequer com essa peça de veneração eles ficaram! Nos dias seguintes, todos os seguidores dele se eclipsaram, como por encanto. Ainda há dias ouvi falar de um, que foi visto nalgumas cidades helénicas. Mas, aparentemente, é como se todass as paixões daqueles dias se tivessem dissipado no instante do eclipse.

– Bom, não falemos mais disso. Há, contudo, um pormenor que me intriga: se eles sabiam a hora do eclipse, porque é que não adiaram a sentença? Teria sido possível lançar o Sol na mesa como um dado susceptível de fazer virar a sorte do jogo. Ele poderia dizer: «Vede o sinal

"Pisei uma mina,

Continuação da pág. 1

– Furriéis, vamos organizar este pe
para lá daquela árvore!

Ao comando dos furrieis, os soldad
riados, olhando repetidamente para tr
mento, vozes várias:

– Não se distraia, meu alferes; calm

Os soldados formavam agora negli
sete, no local indicado, em que se alarg
de paus secos e pedra solta. Todos o
alferes que, de pernas abertas, muito
com movimentos cautelosos e encarava
gado:

– Quero tudo em posição de com
Augusta! Nosso furriel Mendes chega
mas não passa daquele tufo verde!

O outro veio andando, curioso, meio
berta num grande ó de espanto.

– Comunique a situação para a base
os tipos das minas e armadilhas!

Afastou-se o furriel para junto do hom
conformou-se o alferes para passar um
níssimo mau bocado. Aquela distânci
muito só. Ocorria-lhe a sentença do fi
nautas iam separados da morte pela es
levava. Ele via-se separado da morte
mento, um ligeiríssimo deslize uma
segundo... Da morte? Da mutilação, p
amputado, sem um pé, sem uma pern
queria, não queria estar ali. E mais uma
não ter desandado para Paris com outr
deixar vir para onde vinha o Povo, p
fardado. O seu dever... O seu alarde de
de coragem... perante a estranheza dos
nos mapas os vaus do Guadiana. E afina
povo era a transmissão de ordens dada
figura de oficial e, dentro da farda, enve
noites, jogava o bridge, blasfemava cont
a guerra, contra a vida, e encharcava-se
ção Militar. O Povo, que era dele?

(«Era uma vez um alferes», Mário de Ca

l Brandão

ilêncio

chegar a acontecer. Pois alguém pegaria nesse esboço, para escrever, pintar, sentir o resto.

(Prefácio a «A Farsa», de Raul Brandão, edição Ulmeiro)

) jurídico

John C. Blood

que o Pai vos envia para indicar a fronte do Justo.» Por que o não terá feito?

— Receio bem que o problema fique sem solução. Casos destes, dada a obscuridade das circunstâncias e a sordidez da gente, melhor é que fiquem assim, perdidos como grão de areia no deserto dos tempos.

ıa, caraças!"

te pessoal todo pór secções,

ıdados afastavam-se, contraıra trás. Gestos de apaziguа-

calma, meu alferes...
egligentemente, em grpos de llargava uma clareira, coberta os os olhos estavam fitos no uito direito, sobraçava a G-3 arava a tropa de cenho carre-

combate! Isto não é a Rua ıega-se um bocado para cá, e!
neio dobrado, a boca entrea-

ıase e diga-lhes que mandem

) homem das transmissões e ar um mau bocado, um etertância dos outros sentia-se do filósofo antigo de que os la espessura da tábua que os ıorte por um pequeno movima fracção de fracção de io, pior sorte! Imaginava-se perna, sem... O alferes não s uma vez se recriminava por o outros, pela ingenuidade se ro, para enquadrar o povo le de firmeza, de coerência, dos colegas que estudavam afinal todo o contacto com o dadas de alto, vozes. Fazia envelhecia rapidamente. Às contra os mosquitos, contra a-se no uísque da Manuten-

de Carvalho, Edições Rolim).

Nota por escrito

Acabo neste momento de saber,que, num parque de Acampamento, dos melhores e mais concorridos, abriu uma biblioteca para servir os campistas. Ora aí está uma belíssima ideia que outros parques devem seguir. Os dias de verão são longos e o repouso convida à leitura.

O organizador da Biblioteca pede às editoras e associados do Clube que enviem mais livros, como ofertas. Houve editora que contribuiu com uma primeira remessa de 52 livros, o que de facto constitui precioso investimento, a longo prazo, na leituram

Pessoalmente posso dizer que não há semana em que não receba idêntido pedido feito por colectividades e escolas de todo o país. É manifesto o aumento no gosto da leitura. Bom sinal...

Mas entendamo-nos. O pedido de oferta de livros nem sempre representará uma total ausência de poder de compra. Claro que a vida custa muito, que os preços sobem que é um disparate, que uma pessoa se desnorteia com a dança das notas de cem. Isso é verdade e não está em causa.

Ora a verdade é que existe também muito generalizada a ideia de que o escritor escreve, não para viver, mas para dar seus livros como prendas. O que, aqui para nós que ninguém nos ouve, é quase verdade...

Não devia a poesia ser gratuita, como o Sol? Mas sim, mas sim! O poeta que estende a mão para receber «paga» em dinheiro, pratica sacrilégio mais agravado porque é mal colectivo e não pessoalmente seu. Gratuitos como o Sol deviam ser o pão, a saúde, a água, a casa, a sombra daárvore quando as férias chegam. E no entanto nós sabemos os crimes de dinheiro que nessas áreas se praticam...

Sendo as coisas o que são, se se lê um livro de graça, se se lê um jornal pelo método do «empresta aí», o que é que sucede? Sucede que as editoras vendem menos (e publicarão menos...) que as empresas jornalísticas baixarão as tiragens. Com os incaculáveis prejuízos culturais que se imaginam.f Pagar o que se lê, nos tempos que vão correndo, assumir a nossa quota parte de sacrifício pela cultura, eis o claríssimo sinal do valor que lhe atribuímos

M.C.

A LETRA DO TEATRO

Homenagem a Villaret

Carlos Porto

AQUI está um livro como há muito poucos na bibliografia teatral portuguesa e que até talvez seja único no que se refere a publicações da especialidade nas últimas décadas.

Chama-se simplesmente **João Villaret**, e tem um subtítulo elucidativo na sua banalidade: **Sua Vida... Sua Arte...** Na capa, além do título, do subtítulo e do nome do autor (Mário Baptista Pereira) catorze fotos mais uma, deficientemente reproduzidas. Nessas catorze fotos, o actor aparece encarnando outras tantas personagens, e na outra surge tal como era fora do palco. Se acrescentarmos a isto uma indicação preciosa, a de se tratar de uma edição de autor, e do livro ter ainda nas suas compactas 345 páginas numerosas gravuras (fotos, documentos), teremos dado uma ideia do que se trata.

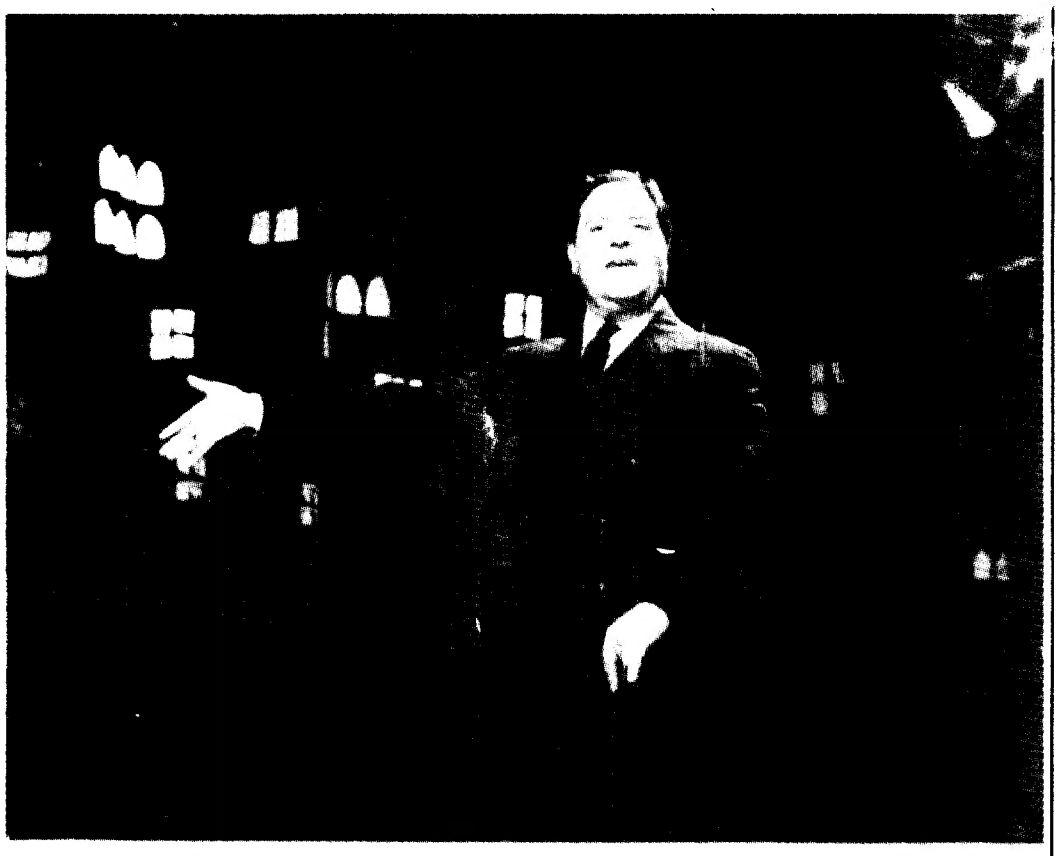
Ideia, no entanto, demasiado vaga. Se este livro é uma homenagem, talvez a mais bela homenagem possível, a um dos maiores actores da primeira metade do século XX do teatro português, ele é ao mesmo tempo, embora absolutamente involuntária, mais do que isso, inconsciente, uma homenagem ao seu autor. Porque Mário Baptista Pereira não se limitou a seguir a carreira do seu biografado; a juntar material sobre a sua vida e sobre o seu percurso como artista; a trabalhar durante anos numa obra cuja edição ele pagou com o seu próprio dinheiro. Fez mais do que isso porque escreveu um livro cujo conhecimento é indispensável ao estudo da personalidade de João Villaret, e com ele do teatro português do seu tempo. Em última análise, este livro é uma homenagem, se se quiser, romântica, à única arte em que o homem se encontra consigo próprio, sem intermediários, em que o homem é intermediário de si mesmo. Por isso, homenageando o Artista, homenageando o Teatro, tal como fez, o autor homenageia aquele sem o qual um e outro não existiriam, o espectador, e por isso homenageia-se, e muito bem, a si próprio.

O autor conta que este livro existe porque em Julho de 1948 assistiu, no Teatro São Luís, a «um recital de poesia dado por João Villaret». Depois disso, Mário Baptista Pereira seguiu o rasto do intérprete, com quem nunca contactou pessoalmente, e dessa pesquisa nasceu o seu livro. O volume inclui uma biografia antiprofissional, um ficheiro da actividade artística de João Villaret, incluindo o teatro, cinema, «music-hall», rádio, televisão, dramaturgia, recitais de poesia, com os programas e locais desses recitais e a reprodução de cartas dirigidas ao actor. A obra contém ainda excertos de crítica nacional e estrangeira, o índice de autores, tradutores, actores, críticos..., que tiveram a ver com Villaret; um índice ideográfico de peças e revistas; bibliografia; etc.

Como o autor reconhece não se trata de um ensaio nem de uma biografia, mas de uma preciosíssima compilação de dados e documentos que ajudarão, e de que maneira, os futuros historiadores do teatro português a melhor compreender a vida e a prática de um dos seus grandes protagonistas.

João Villaret, de Mário Baptista Pereira, tenta recuperar o irrecuperável, a arte do actor de teatro que morre a cada momento na própria representação, a cada momento renascendo, até ao desaparecimento definitivo. Mas é nessa tentativa precisamente que vibra a respiração do teatro como arte viva.

João Villaret (Sua Vida... Sua Arte...)
Edição do autor
Lisboa – 1983



Prémios ACL

Os escritores Óscar Lopes e Vergílio Ferreira foram galardoados com o «Prémio Jacinto do Prado Coelho» e o «Prémio da Crítica», respectivamente, atribuídos pela Associação de Críticos Literários (ACL).

O «Prémio Jacinto do Prado Coelho», este ano instituído pela ACL, foi atribuído a Óscar Lopes pela sua obra completa no domínio do ensaio, a pretexto da publicação do seu último livro, «Álbum de Família», editado pela Editorial Caminho. Júri: David Mourão-Ferreira, Álvaro Salema e Maria Alzira Seixo.

Por seu lado, o «Prémio da Crítica», que distingue a obra completa de um escritor no domínio da ficção, foi atribuído a Vergílio Ferreira, a propósito da publicação do romance «Para Sempre» editado pela Bertrand. Júri: Luís Forjaz Trigueiros, António Ramos Rosa e Fernando J. B. Martinho.

Unanimidade para ambos os prémios.

Um novo romancista
Carlos Urgel Dirceu
um livro diferente
Miguel Várzea, alferes e paisano

Um romance muito especial
Os sonhos e as frustrações... o retrato de uma geração
Um romance sem maniqueísmos simplistas
Mais do que uma história de amor e guerra... finalmente um romance sem complexos sobre a guerra colonial

mais um autor português editado por
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Josué da Silva

1 – Escrever é a sua profissão?

– Por inteiro. Como jornalista, diariamente, procurando na informação uma forma directa de estar com o acontecimento e com o leitor. Como escritor, tentando a todo o custo manter um ritmo que nem sempre me é permitido.

2 – Gostaria de ser escritor profissional?

– Sinceramente, sim. Mas como?

3 – Como emprega os seus tempos livres?

– Até há cerca de quatro anos, no meu país, tinha apenas duas ou três alternativas. Hoje, no país onde vivo, essas alternativas não têm conta: vi mais ópera e teatro nestes quase quatro anos, que em toda a minha vida em Portugal; frequento museus um par de vezes por mês; não deixei de ir ao cinema, coisa que muito me agrada; e apesar do tempo que dispenso ao grande grupo de amigos que tenho em Dresden, sobra-me espaço de manobra para assistir a espectáculos desportivos e, também, para praticar desporto. Quero dizer com isto: não há, aqui onde vivo, tempos mortos nos meus tempos livres.

4 – Foi difícil publicar o seu primeiro livro?

– Ao contrário do que acontece com a maioria dos autores jovens da nossa pátria, não. A história foi assim: o escritor Orlando Gonçalves, hoje director do «Notícias da Amadora» e sindicalista, tinha, ao tempo, já lá vão 26 anos, fundado uma editora, a Orion. O Orlando procurava, com a sua pequena, perseguida e economicamente fraca editora, apoiar todos os jovens que demonstrassem algum talento. **O conselho de leitura** da Orion era o Orlando e o Afonso Cautela. Leram então o meu primeiro livro, a novela «Salto no Vácuo» e ambos concordaram que se tratava de «um documento que merecia ser publicado». E publicaram-no.

5 – Encontra-se regularmente com outros escritores?

– Por paradoxal que pareça, essa possibilidade de encontro com colegas escritores não era nada vulgar enquanto vivi em Lisboa. Nem vulgar, nem fácil. Enfim, sempre posso dizer que me encontrava quase diariamente com o Manuel da Fonseca e o Baptista Bastos, com o Manuel Geraldo e o José Saramago, com a Maria Judite de Carvalho e o Pedro Alvim, mas isso era mero acaso e força das circunstâncias. Ao contrário e logo que ultrapassei a barreira do idioma, aqui na RDA, esse convívio tornou-se-me mais acessível.

6 – Viaja muito? Porquê?

– Sempre que posso. Mas adoro viajar, caramba!

7 – Onde nasceu?

– No castiço bairro de Alcântara da Lisboa bem-amada.

8 – Isso teve (ou tem) alguma influência na sua obra?

– É evidente que sim.

9 – Considera-se justamente remunerado no conjunto de factores de produção e circulação de um livro?

– Mas que pergunta dos demónios! Uma vez decidi contabilizar quanto havia eu recolhido em dinheiros no total dos 12 livros que publiquei até hoje. Sabem quanto apurei? Ao todo cento e cinquenta contos, ou seja: mais ou menos 12 contos por livro. Uma riqueza, não é?

10 – Na feira da literatura há sempre nomes mais ou menos esquecidos. Cite alguns.

– Já o citei: Orlando Gonçalves.

11 – Quando espera publicar o seu próximo livro?

– A editorial Caminho lançará no mês de Janeiro de 1985 o livro que escrevi este ano sobre a RDA e que tem o título «Do outro lado no Elba». Trata-se de um trabalho que viaja entre a crónica, o apontamento histórico e a reportagem, com uma excelente introdução do dr. Reiner Bettermann, da Universidade de Jena. E entregarei em Julho do mesmo ano um romance com o título «Matai até à última flor».

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA

"Uma aventura literária"

Termina a 15 de Janeiro próximo o prazo para entrega dos trabalhos participantes no concurso «Uma aventura».

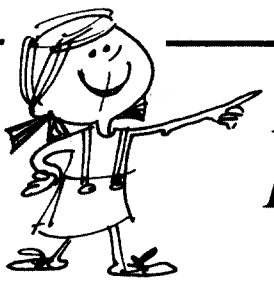
Os concorrentes deverão ter de 8 a 16 anos e podem apresentar uma crítica a um ou vários livros daquela colecção juvenil da Editorial Caminho. Podem até escrever uma aventura original ou fazer um desenho ilustrando uma situação de um dos livros. Os trabalhos, individuais ou colectivos, não devem ter mais de quatro páginas dactilografadas ou manuscritas. Os desenhos deverão ser a preto e branco, em formato A4 (21x 29,7cm).

Prémios, dos quais o principal é a publicação dos trabalhos vencedores, juntamente com a fotografia do autor ou autores, vão desde bicicletas IBA a jogos e livros, passando por visionadores de «slides» e máquinas fotográficas.

Os concorrentes têm à sua disposição dez livros publicados, o último dos quais, «Uma Aventura em Évora Monte», levou àquela vila historicamente famosa um grupo de jovens leitores desta colecção, bem como as autoras.

Isabel Alçada e Ana Maria Magalhães esperam publicar em breve um outro livro: «Uma Aventura na Mina».

Pequenos leitores Évora-Monte, lido o livro com o nome da sua terra, vivem «uma aventura literária»



ESTANTE INFANTIL

MARIA NATÁLIA MIRANDA

EDIÇÕES PAULISTAS

TÍTULO – Os miúdos da mata da Ucha

AUTORA – Maria Natália Miranda

ILUSTRADORA – Isabel Miranda Rosa

EDITOR – EDIÇÕES PAULISTAS.

HOUVE tempo em que se julgou que a missão histórica do Homem era dominar a Natureza. Para o homem, ser frágil e sujeito a todas as agressões, a Natureza era o grande inimigo a abater...

Com os tempos, este conceito tem-se vindo a modificar radicalmente. A grande evolução cultural do nosso tempo verifica-se no comportamento generalizado das pessoas no que respeita à Natureza: a necessidade de destruir foi substituída pela necessidade de proteger. Hoje, a missão essencial é levar a identificação a tal ponto que as categorias de «homem» e «natureza» não sejam mais antagónicas, mas cooperantes.

O livro de Maria Natália Miranda, OS MIÚDOS DA MATA DA UCHA insere-se nessa linha de defesa e compreensão dos valores da Natureza.

Desde logo, uma opção consciente: dois irmãos, cujo pai emigrou, convencem a mãe a não abandonar a orla da mata onde vivem para morarem no centro da vila. De facto, os jovens estão perfeitamente integrados no ambiente da floresta: conhecem pelos seus nomes as plantas, as árvores, os animais. As aves aproximam-se, pousam neles confiantes e de tal forma que às vezes, como diz Maria Natália Miranda, «parecem vestidos de asas».

Esta história de Maria Natália Miranda dá-nos como que uma visão dos tempos futuros em que a Natureza, liberta do medo ao «monstro» chamado homem, será, ela também, transfigurada, humanizada.

Agora, como nos aponta Maria Natália Miranda, a **violência** terá de ser usada em favor do meio ambiente e não contra ele. Essa é uma das grandes revoluções do nosso tempo.

O livro está embebido de um certo idealismo nas relações, salvo porém de cair naquele tom cor-de-rosa que as crianças (quando já não estão perdidas de todo) tanto abominam.

As ilustrações de Isabel Miranda viajam por este livro com as cores que são a própria festa da Paz.